

O DESIGN DE LUÍS JARDIM

Ilustrações e Artes Gráficas para a
Imprensa periódica Pernambucana
do começo do Século XX

Luis Jardim

Bruno Verissimo
Recife, 2020





UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

BRUNO PEREIRA VERISSIMO

O Design de Luís Jardim:
Ilustrações e Artes Gráficas para a Imprensa Periódica Pernambucana
do começo do Século XX

Recife
2020

BRUNO PEREIRA VERISSIMO

O Design de Luís Jardim:

Ilustrações e Artes Gráficas para a Imprensa Periódica Pernambucana
do começo do Século XX

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Design da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Design.

Área de Concentração: Planejamento e
Contextualização de Artefatos.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Romero B.
Barreto Campello

Recife

2020

Catálogo na fonte
Bibliotecária Nathália Sena, CRB-4/1719

V517d

Verissimo, Bruno Pereira

O design de Luís Jardim: ilustrações e artes gráficas para a imprensa periódica pernambucana do começo do século XX / Bruno Pereira Verissimo. – Recife, 2020.
231.: il.

Orientador: Silvio Romero B. Barreto Campello.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Design, 2020.

Inclui referências e apêndice.

1. Memória gráfica. 2. Luís Jardim. 3. Pernambuco. I. Campello, Silvio Romero B. Barreto (Orientador). II. Título.

745.2 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2021-16)

BRUNO PEREIRA VERISSIMO

O Design de Luís Jardim:

Ilustrações e Artes Gráficas para a Imprensa Periódica Pernambucana
do começo do Século XX

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Design da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Design.

Aprovada em: 25/11/2020.

BANCA EXAMINADORA

Participação via Videoconferência

Prof^a. Dr^a. Solange Galvão Coutinho (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Prof^a. Dr^a. Isabella Ribeiro Aragão (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Participação via Videoconferência

Prof. Dr. Marcos Galindo Lima (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico aos meus pais, Cícera e Aristeu, pelo imensurável apoio — a seus modos — e dedicação, pela paciência e pelos afetos incondicionais durante as conquistas da vida acadêmica, as quais, às vezes, tão distantes de suas compreensões.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, minhas irmãs, Kátia e Claudiane, meus irmãos João Antônio e João Victor, por fazerem parte de minhas primeiras memórias; e à minha sobrinha Sara, por permitir que eu faça parte das delas.

Às professoras/es, tão fundamentais na minha educação durante minha vida. Ao meu orientador Silvio Campello, pelas dicas, orientações e paciência com a minha pouca experiência como pesquisador durante o mestrado. Ao Prof. Hans Waechter pelo convite e aprendizado durante o estágio docência em sua disciplina na graduação. Ao Prof. Marcos Galindo e à Prof^a. Isabella Aragão pelos esclarecimentos e comentários na qualificação. À Isabella, também, pelos conhecimentos trocados em sala de aula fundamentais para esta pesquisa.

Agradeço também as pesquisadoras/es que vieram antes de mim, produzindo caminhos, os quais pude trilhar com mais conforto. Também agradeço as pesquisadoras que tive o privilégio de acompanhar durante suas formações: à Larissa Constantino pelas confissões, amizade e afetos trocados durante todo o mestrado. À Silvia Matos e Rafa Santanna pelas energias e ideias trocadas durante uma semana em Belo Horizonte! Agradeço e me orgulho demais pelas designers e pesquisadoras que todas são.

À todas as arquivistas e bibliotecárias que me atenderam com tanta atenção nos acervos que frequentei, agradeço ainda, pelo cuidado e dedicação aos seus ofícios, o qual admiro muito e devem ser incentivados e preservados. A Luís Afonso Jardim, pela calorosa conversa sobre seu tio.

Trabalhar e fazer pesquisa foi uma batalha diária, ainda mais estando numa cidade nova, contudo tive o privilégio de conhecer pessoas que fizeram essa rotina se tornar mais suportável. Agradeço à meus gestores na Agência Fun, Felipe Ferreira e Mariana Gusmão pelos horários, mais que, flexíveis. Também agradeço à Cleide Alves, pelo cuidado; a Jônathas Souza, pela persistência; a Caio Oliveira, pela parceria; à Gabrielle Souza, pelas afinidades e os cafés; à Rebeca de Arruda

pela convivência tão frutífera; à Isabela Aragão e Eduarda Mello, pelos momentos e a amizade que ultrapassaram as pautas diárias; aprendi demais na convivência.

A Ibson Oliveira (*in memoriam*) por sempre acreditar tanto no meu potencial, pelo companheirismo e gentileza que foram fundamentais no começo dessa jornada.

Aos amigos de/para toda a vida, Luís Gustavo, Bruno Robson e Ivaldo Almeida, pelas memórias inesquecíveis. Aos que o 'fim da graduação' não conseguiu separar, Dionísio Neto, Wynne Melo e Matheus Welton. A Túlio Vasconcelos pelas conversas tão prósperas e por me auxiliar tanto nas correções. A André Vilela (Mozzi), por encontros tão únicos. A Rodolfo Melo pela convivência tão próspera. A Gabriel Tenório pelas confissões na pandemia.

À Carol Igarapé pelas análises, por permitir adentrar a jornada do eu.

Ao Luís Jardim (*in memoriam*) e à Garanhuns, por servirem de imaginários culturais de minhas, mais diversas, abstrações artísticas. Viva sua memória gráfica!

“A memória não é um mero órgão de mera recomposição, com o qual presentifica-se o que já passou. Na memória o passado se modifica constantemente. É um processo progressivo, vivo, narrativo” (HAN, 2017, p. 32).

RESUMO

A presente pesquisa propõe o levantamento dos primeiros trabalhos do artista Luís Jardim para a indústria gráfica pernambucana. Nascido em Garanhuns, em 1901, Jardim ganhou reconhecimento nacional como escritor e artista plástico, entretanto desenvolveu boa parte de seu trabalho como ilustrador e artista gráfico para a imprensa periódica de Pernambuco, entre os anos de 1926 e 1936. Esta investigação se desenvolveu por meio da catalogação e categorização de sua obra, a partir de visitas e registro dos artefatos encontrados nos acervos recifenses. O objetivo da pesquisa foi a realização de um panorama dessa produção gráfica do artista, situando-as dentro dos estudos de Memória Gráfica. Inicialmente, a partir de pesquisadores da área, contextualizo o campo do Design da Informação, o qual essa pesquisa está situada, e sua relação com os estudos de Memória Gráfica. Em seguida, através de uma revisão bibliográfica, apresento, o contexto histórico e sociocultural em que o artista viveu e produziu suas obras. E ainda, um resumo biográfico da vida do artista, apresentando alguns de seus principais feitos no meio artístico de forma cronológica. Posteriormente, é relatado todo processo metodológico desta pesquisa, a qual resultou em 118 imagens que foram catalogadas e organizados em categorias distintas. Os dados de cada imagem e dos impressos, as quais elas pertencem, foram tabulados, gerando resultados discutidos no último capítulo. Os resultados obtidos nesta pesquisa atestam a diversidade artística de Luís Jardim, situando-o como um dos pioneiros das artes gráficas em Pernambuco, arte essa, carregada de estética essencialmente regional e nordestina, característica do artista, além de comprovar a versatilidade que Jardim tinha em manejar tecnologias gráficas e técnicas diferentes de ilustração comuns à época. Concluiu-se que a obra de Luís Jardim faz parte da gênese do design pernambucano, sendo valiosa para as pesquisas de memória gráfica.

Palavras-chave: Memória gráfica. Luís Jardim. Pernambuco.

RESUMEN

La presente investigación propone el relevamiento de las primeras obras del artista Luís Jardim para la industria gráfica de Pernambuco. Nacido en Garanhuns, en 1901, Jardim ganó reconocimiento nacional como escritor y artista visual, sin embargo desarrolló buena parte de su trabajo como ilustrador y artista gráfico para la prensa periódica de Pernambuco, entre los años 1926 y 1936. Esta investigación se desarrolló a través de catalogando y categorizando su obra, desde visitas y registro de los artefactos encontrados en las colecciones de Recife. El objetivo de la investigación fue dar un panorama de esta producción gráfica del artista, ubicándola dentro de los estudios de Memoria Gráfica. Inicialmente, desde investigadores del área, contextualizo el campo del Diseño de Información, en el que se ubica esta investigación, y su relación con los estudios de Memoria Gráfica. Luego, a través de una revisión bibliográfica, presento el contexto histórico y sociocultural en el que el artista vivió y produjo sus obras. Y sin embargo, un resumen biográfico de la vida del artista, presentando algunos de sus principales logros en el ámbito artístico de forma cronológica. Posteriormente se reporta todo el proceso metodológico de esta investigación, que resultó en 118 imágenes que fueron catalogadas y organizadas en diferentes categorías. Se tabularon los datos de cada imagen y material impreso al que pertenecen, generando los resultados comentados en el último capítulo. Los resultados obtenidos en esta investigación dan fe de la diversidad artística de Luís Jardim, ubicándolo como uno de los pioneros de las artes gráficas en Pernambuco, un arte que, cargado de una estética esencialmente regional y nororiental, característica del artista, además de demostrar la versatilidad que tuvo Jardim en Manejar tecnologías gráficas y diferentes técnicas de ilustración habituales en la época. Se concluyó que el trabajo de Luís Jardim es parte de la génesis del diseño de Pernambuco, siendo valioso para la investigación de la memoria gráfica.

Palabra clave: Memoria gráfica. Luís Jardim. Pernambuco.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	OBJETO E OBJETIVOS DE PESQUISA.....	15
1.2	METODOLOGIA GERAL.....	17
1.3	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	18
2	MEMÓRIA GRÁFICA E DESIGN DA INFORMAÇÃO.....	20
2.1	MEMÓRIA GRÁFICA.....	21
2.1.1	Os impressos efêmeros nos estudos de Memória Gráfica.....	23
2.1.2	Estudos sobre Memória Gráfica em Pernambuco.....	26
2.2	CONCEITUANDO O DESIGN DA INFORMAÇÃO.....	29
2.2.1	O Design da Informação e a Memória Gráfica.....	31
3	BREVE HISTÓRIA DOS IMPRESSOS EM PERNAMBUCO.....	34
3.1	A IMPRENSA PERIÓDICA.....	35
3.2	INDÚSTRIA E PROCESSOS GRÁFICOS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.....	40
4	LUÍS JARDIM: ARTISTA GRÁFICO.....	47
4.1	ORIGEM E DADOS BIOGRÁFICOS.....	48
4.1.1	Tragédia e mudança para Recife.....	49
4.2	ARTISTA GRÁFICO PERNAMBUCANO.....	52
4.2.1	Primeiros trabalhos para a imprensa ilustrada.....	56
4.2.2	O Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife.....	61
4.2.3	Jornais periódicos.....	64
4.3	O ARTISTA VAI PRO RIO DE JANEIRO.....	70
4.3.1	José Olympio Editora.....	72
4.3.2	Jardim o escritor.....	75
4.4	DESIGNER DE SUA ÉPOCA.....	78
5	PROCESSO METODOLÓGICO.....	83
5.1	APRESENTANDO A PESQUISA.....	84
5.2	CONSTRUINDO UM GUIA.....	84
5.3	VISITANDO ACERVOS.....	87
5.4	CATALOGAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO.....	92
5.5	FICHAS E METADADOS.....	97
5.6	ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS.....	101
5.6.1	Periódicos de Pernambuco (1928-1936).....	102
5.6.2	Periódicos do Rio de Janeiro (1937-1954).....	107
5.6.3	Brasil Açucareiro (1957-1972).....	112

6	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	118
6.1	ILUSTRAÇÕES.....	119
6.1.1	Retratos.....	133
6.1.2	Figurinos.....	135
6.1.3	Ilustrações repetidas.....	140
6.2	CAPAS.....	145
6.3	PÁGINA DE ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS.....	155
6.4	TRABALHOS TIPOGRÁFICOS.....	157
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159
	REFERÊNCIAS.....	164
	APÊNDICE A – FICHAS DE ANÁLISE.....	173

1 INTRODUÇÃO

Minha relação com a figura de Luís Jardim é, assim como todo garanhense, relativamente próxima. Já fui a diversos eventos no Espaço Cultural Luiz Jardim (erroneamente escrito com z ao invés de s) localizado no centro da cidade, já frequentei a biblioteca do SESC Garanhuns algumas vezes, a qual também possui seu nome, e também, já estive em vários eventos celebrados no município, aos quais de alguma forma o homenagearam, por sua faceta artística, principalmente no campo da literatura, mas, sobretudo, por sua naturalidade na cidade. Sendo assim, seu imaginário percorreu boa parte da minha vida e eu sabia um pouco sobre quem ele era e o que tinha feito.

Foi através da dissertação de Sebastião Cavalcante (2012) sobre o trabalho de Manoel Bandeira, que encontrei o nome de Luís Jardim em uma lista de artistas gráficos pernambucanos que colaboraram com revistas ilustradas da época. Por intermédio desse achado, várias questões foram levantadas, pois até então eu sabia do seu trabalho como escritor e ilustrador de seus próprios livros, porém sua atuação na indústria gráfica local do começo do século XX era novo, sendo assim, eu tinha um problema de pesquisa em mãos, com uma seleção de mestrado a frente, sendo esta dissertação o resultado da investigação desse trabalho.

Assim, neste trabalho têm-se o objetivo de dar continuidade às pesquisas sobre a história do design pernambucano, pesquisas estas que, desde o começo do século XXI, tem se intensificado por todo o Brasil, comumente, denominadas de Memória Gráfica.

De acordo com Priscila Farias e Marcos Braga (2018) a expressão Memória Gráfica tem sido utilizada, principalmente, em países da América Latina, para designar uma linha de estudos que busca compreender a importância e o valor de artefatos visuais do passado, em particular impressos efêmeros, na criação de um sentido de identidade local. Para os autores, estudar artefatos anteriores ao estabelecimento do campo acadêmico do Design em países que importaram as tradições de design do exterior, como é o caso do Brasil, é importante para a

constituição de uma cultura visual que contribua para a elaboração de identidades coletivas. Especialmente quando tais artefatos foram negligenciados por décadas.

O historiador Rafael Cardoso (2005) comenta que as atividades projetuais no Brasil anteriores à implementação de um modelo de ensino do exterior (Bauhaus, Ulm), como aconteceu em 1962 com a construção da ESDI (Escola Superior de Design Industrial) no Rio de Janeiro, nos coloca diante de práticas, as quais não tiveram uma base única de pensamento, doutrina ou estética. Sendo assim, essas produções poderiam representar uma tradição rica e variada, por receber uma série de influências díspares e, conseqüentemente, autenticamente brasileira.

Ainda sobre memória gráfica, Fernanda Martins, Edna Cunha Lima e Guilherme Cunha Lima (2015, p. 941) comentam que “os objetos impressos nos contam uma história, pode ser sobre o seu autor, sobre sua atividade ou mesmo sobre os locais e hábitos que existiam e não existem mais”. Haluch (2005, p.120) reitera esta afirmação ao dizer que “o design espelha as condições da sociedade na qual está inserido”.

Sendo assim, algumas questões podem ser abordadas, como quais serão os achados se olharmos para as obras que Luís Jardim produziu no passado? Ou ainda, por qual motivo os trabalhos de Luís Jardim, como de outros artistas gráficos de sua época não são incluídos nos estudos contemporâneos da história do design gráfico brasileiro? Seriam essas produções um dos caminhos para começarmos a entender a identidade do design gráfico pernambucano? Com essa pesquisa, pretendi colaborar com os esforços de cada vez mais trazer à tona o passado remoto das artes gráficas pernambucanas, obtendo resultados que vão além das questões formais que envolvem o design gráfico em si, mas nos elucidando também um vislumbre das experiências e costumes da sociedade pernambucana do começo do século XX, com todas as transformações pelas quais passava.

Os estudos de memória gráfica e que buscam compreender o passado do design em Pernambuco possuem relevante interesse na Academia. A linha de pesquisa Design da Informação do Programa de Pós-Graduação em Design da UFPE tem produzido diversas pesquisas sobre o assunto. A iniciativa mais

expressiva neste campo aconteceu em 2008, com a criação do projeto de pesquisa do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (Procad) intitulado “Memória Gráfica Brasileira: Estudos comparativos de manifestações gráficas nas cidades do Recife, Rio de Janeiro e São Paulo”, que reuniu três instituições de ensino (UFPE, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e o Centro Universitário Senac de São Paulo) com o intuito de pesquisar as manifestações gráficas que permearam a história do design nas três cidades citadas.

Dentre algumas lacunas abordadas nestas pesquisas, destaca-se a falta de conhecimento sobre alguns profissionais atuantes na área, há pouca informação sobre a trajetória e produção dos chamados artistas gráficos, sejam ilustradores, tipógrafos, impressores, diagramadores, retratistas, coloristas, gravadores e clichêristas, os quais fazem parte da história do design pernambucano.

Consequentemente, pesquisadores dedicaram seus olhares a investigar esta memória gráfica sob o ponto de vista desses artistas gráficos e as obras que produziram. Em âmbito nacional, sabe-se das pesquisas em torno dos trabalhos de J. Carlos, Poty Lazzarotto e Tomás Santa Rosa. Em Pernambuco as pesquisas de Rafael Efrem de Lima (2011), Sebastião Cavalcante (2012), Leopoldina Lócio (2018) e Íkaro Oliveira (2018) sobre os artistas gráficos Lula Cardoso Ayres, Manoel Bandeira, Heinrich Moser e Vera Cruz, respectivamente, fortaleceram o campo e abriram caminho para outras investigações semelhantes, principalmente, expondo o trabalho da região Nordeste, muitas vezes negligenciado por alguns autores.

Em 2017, aconteceu em Caruaru um encontro que recebeu o nome de “Memória Gráfica no Agreste”, sobre a coordenação da professora Paula Valadares, colaboração da Dra. Solange Galvão Coutinho e organização dos alunos do Laboratório de Tipografia do Agreste (LTA). Essa reunião marcou, não somente a apresentação e discussão dos trabalhos já realizados até então, mas representou a valorização do tema e o estímulo à realização de novas pesquisas; mostrando que, segundo Rafael Cardoso (2018) conta no livro resultado desse encontro, o muito que foi feito durante estas duas últimas décadas sobre o assunto é apenas o começo

promissor e que os arquivos do país todo estão recheados de materiais a serem explorados e estudados.

Partindo desta perspectiva, esta pesquisa pretendeu resgatar as obras produzidas no começo do século XX pelo artista gráfico Luís Jardim, o qual deu relevante contribuição às artes gráficas, atividades hoje conhecida como design, no estado de Pernambuco, preenchendo lacunas na história do design e compreendo-a sob o ponto de vista de suas obras.

1.1 Objeto e objetivos de pesquisa

Luís Inácio de Miranda Jardim nasceu em Garanhuns, interior de Pernambuco. Em 1901, o garanhuense foi autodidata, tendo nunca frequentado escola de arte ou pintura. Em 1917, Luís se vê obrigado a ir para o Recife após perder grande parte da sua família assassinada numa chacina conhecida como a Hecatombe de Garanhuns (VERISSIMO e CAMPELLO, 2019).

Na capital pernambucana Jardim desenvolveu boa parte de suas características artísticas e, junto a outros artistas, colaborou nas publicações periódicas que figuravam na época, tendo participado assim de diversos jornais e revistas. Segundo Edson Nery da Fonseca, em relato citado em Hélio e Bruscky (1998, p.28), “Os grandes dias de Luís Jardim como artista foram os vividos em Recife”.

A sua ocupação mais tarde como escritor de diversas obras o fizeram popular no meio da literatura, já o seu trabalho como capista e ilustrador de livros na Editora José Olympio o colocaram no patamar de artistas como Santa Rosa (RIBEIRO, 1973; FONTANA, 2018). Contudo, seu trabalho pioneiro na indústria gráfica, principalmente na imprensa periódica da época, se mostra desconhecido, apesar de ser um acervo de extrema importância para o campo da história do design gráfico pernambucano, além de fazer parte também da história da imprensa local. Nesta dissertação parte deste acervo será apresentado.

Durante a busca e catalogação, consegui reunir um acervo de 118 imagens, entre capas de revistas e de jornais. Há também os primeiros trabalhos do artista

para a imprensa pernambucana através de desenhos; gravuras; ilustrações de figurinos, retratos e paisagens; letras capitulares; vinhetas e páginas de anúncios. Através de acervos físicos e online, encontrei ainda colaborações de Jardim para a imprensa carioca e algumas menções a artefatos que criou, porém não localizados até então. É possível que ainda existam produções a serem identificadas.

Além disso, há o vasto trabalho de Jardim para a Livraria José Olympio Editora, na qual participou ativamente durante os anos em que morou no Rio de Janeiro. No meio editorial, Jardim fez inúmeras capas e ilustrações de livros, sendo bastante conhecido pelos retratos dos autores que fazia. Conforme Hélio e Bruscky (1998), só para romances de José Lins do Rego, Jardim chegou a fazer cerca de 300 desenhos.

Esta pesquisa teve como recorte os trabalhos de Jardim para a indústria gráfica pernambucana. Suas colaborações por aqui ocorreram durante os anos de 1926 até 1936, quando, ao final desse período, se mudou para o Rio de Janeiro tornando-se um escritor premiado e capista de livros na Editora José Olympio, como citado anteriormente. Esse material encontrado em sua grande maioria, nos acervos recifenses, são os seus primeiros trabalhos como artista gráfico, sendo um portfólio variado, que reunidos sob o ponto de vista do design, nos contam muito sobre o desenvolvimento da profissão no Brasil.

Portanto, o objetivo geral desta pesquisa foi criar um panorama das obras do artista Luís Jardim, com foco em seus primeiros trabalhos para a indústria gráfica pernambucana nas décadas de 1920 e 1930, situando-o dentro dos estudos de memória gráfica. Tendo os objetivos específicos: [1] Levantar a biografia de Luís Jardim e o contexto social vivido pelo artista; [2] Identificar e catalogar o conjunto de sua obra encontrada em visitas a acervos do Recife; [3] Classificar e categorizar os aspectos tipológicos, os estilos e processos gráficos identificados nas obras do artista; [4] Verificar o material coletado levantando questões e comentários, sobre a atuação do artista gráfico como o designer da época, e com isso, promover a memória gráfica pernambucana.

1.2 Metodologia Geral

Para atingir os objetivos propostos, a metodologia desta pesquisa contou com duas fases complementares. Em um primeiro momento foi feita uma revisão bibliográfica do estado da arte, buscando em diversas fontes o maior número de informações sobre Luís Jardim e sua obra, bem como identificação de possíveis acervos a serem visitados.

A segunda fase contou com uma pesquisa de campo exploratória a diversos acervos da cidade do Recife em busca do material a ser coletado, realizei registro fotográfico dos artefatos encontrados nos acervos e catalogação em tabelas para futuras averiguações. Ambas as fases contaram com um caráter quantitativo, no que concerne ao número de imagens encontradas e qualitativo no momento de categorizar as mesmas posteriormente, organizando-as e tabulando informações.

Utilizei das orientações metodológicas propostas por Letícia Pedruzzi Fonseca, Daniel Dutra Gomes e Adriana Pereira Campos (2016) em *Conjunto Metodológico para Pesquisa em História do Design a partir de Materiais Impressos*. Os autores propõem um guia a ser seguido nas pesquisas que envolvem artefatos gráficos históricos:

- **Aproximação do pesquisador com o contexto sócio-histórico do impresso**
 - Revisão Bibliográfica
 - Entrevistas
- **Análise gráfica do impresso**
 - Identificação e mapeamento de acervos
 - Registro fotográfico do acervo
 - Organização do acervo digital
 - Elaboração da ficha de análise do impresso
 - Coleta de dados do impresso
 - Análise estatística
 - Discussão dos resultados

1.3 Estrutura da Dissertação

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos, além deste capítulo introdutório e o capítulo final de conclusão, como descritos a seguir:

Capítulo 2 - Memória Gráfica e Design da Informação: neste capítulo é abordado o Design da Informação e sua relação com a Memória Gráfica. Contextualizando a pesquisa dentro da linha de pesquisa em que se encontra e onde o objeto de estudo está inserido, além de sua relação com os estudos de memória gráfica e impressos efêmeros.

Capítulo 3 - Breve histórico dos impressos em Pernambuco: para este capítulo foi levantado um referencial teórico em busca de compreender o imaginário social vivido pelo artista na capital pernambucana do começo do século XX, contando sobre o processo modernizador que o Recife passava, os ecos da Semana de Arte Moderna de 1922 em conflito com as ideias modernistas de Gilberto Freyre e um pequeno relato sobre a imprensa na época. A segunda parte do capítulo resume as tecnologias gráficas que eram apresentadas aos artistas da época, através de um olhar sobre as gravuras por Orlando da Costa Ferreira (1976) e as linguagens visuais que inspiraram o trabalho de Luís Jardim e tantos outros.

Capítulo 4 - Luís Jardim: artista gráfico: aqui apresento o capítulo biográfico do artista, contando desde sua infância em Garanhuns até sua mudança para o Rio de Janeiro na década de 1930. Contando os seus primeiros e principais trabalhos e influências, as parcerias que fez na capital pernambucana, finalizando com um curto relato bibliográfico do que era falado sobre o artista na época e seu legado nos dias atuais.

Capítulo 5 - Processo Metodológico: neste capítulo apresento todo o processo em que essa pesquisa passou, dividindo através de algumas etapas metodológicas apresentadas por Fonseca *et al.* (2016), as quais nortearam a pesquisa. O capítulo conta o processo de visita aos acervos, captação das imagens, organização e tabulação por meio de fichas, e por fim com a análise dos dados estatísticos obtidos através dessas fichas.

Capítulo 6 - Discussão dos resultados: finalmente neste capítulo é apresentada toda a discussão acerca da produção de Luís Jardim catalogada nesta pesquisa. Sendo este subdividido em categorias e classificações como: ilustrações, retratos, figurinos, capas de jornais e revistas, páginas publicitárias e trabalhos tipográficos.

Capítulo 2

Memória Gráfica e Design da Informação



O presente capítulo tem o objetivo de contextualizar esta pesquisa dentro da área do Design da Informação, disciplina na qual está inserido o objeto de estudo. Para isso abordarei conceitos acerca do Design da Informação e sua relação com as pesquisas de cunho histórico. Também discutirei o campo da memória gráfica, fazendo uma relação com os conceitos de impressos efêmeros e as pesquisas que já abordaram este tema em Pernambuco.

2.1 Memória Gráfica

*“O artefato gráfico é, para a memória gráfica, fonte e tema de estudo”
(FARIAS e BRAGA, 2018, p. 23).*

Como visto durante discussão iniciada na introdução, impressos antigos são instrumentos de extrema importância para compreendermos o passado, pois revelam como a sociedade seleciona e cria imagens e formas visuais, ao mesmo tempo em que traz à tona como essa sociedade se reflete em tais imagens e formas. Do ponto de vista da história do design no Brasil, estudar tais artefatos, principalmente os anteriores ao estabelecimento do design como campo acadêmico e profissional por aqui — meados da década de 1960, é importante para a constituição de uma cultura visual que contribui para a elaboração de identidades coletivas, como citado na introdução desta dissertação.

Rafael Cardoso (2005, p. 12) afirma que “o conhecimento do passado projetual anterior a 1960 é o primeiro passo para uma melhor compreensão daquilo que pode ser entendido como uma identidade brasileira no campo do design”. Ele também afirma que o passado recente, ou seja, aquele produzido nos primórdios da implantação do curso superior de design no Brasil, deu continuidade ao passado remoto, isto é, o da memória gráfica, e que para compreendermos um, é preciso conhecer o outro.

Mas afinal, o que é memória gráfica? O conceito se divide em duas palavras, memória (do latim *memória*) é a faculdade psíquica pela qual se consegue reter e lembrar acontecimentos do passado e do presente. Vera Damazio (2013) comenta que as memórias, sejam de indivíduos ou de sociedades, são sempre construídas nos diversos grupos dos quais fazemos parte, são o resultado da ação de rever e interpretar o passado no tempo presente, espelhando tensões, normas, interesses e valores atuais. Já o termo gráfico, neste caso, delimita o campo de estudos de memória. O fazer gráfico diz respeito a toda forma de expressão que envolve o registro e a difusão de informações verbais e pictóricas por meio de tecnologias de multiplicação e meios de comunicação (MGB, 2007).

Complementando este conceito, Priscila Farias e Marcos da Costa Braga (2018, p. 10) definem que o termo memória gráfica vem sendo utilizado nos últimos anos em países de língua portuguesa e espanhola na América Latina para definir “(...) uma linha de estudos que busca compreender a importância e o valor de artefatos visuais, em particular impressos efêmeros, na criação de um sentido de identidade local”.

Farias e Braga (2018) comentam ainda que os estudos sobre as configurações dos artefatos gráficos, em particular antes do estabelecimento do campo acadêmico e profissional do design, e, principalmente, nos países que introduziram as tradições do design do exterior, como é o caso do Brasil, foram negligenciados por muitas décadas, e está mais do que na hora de serem colocados em evidência sobre o ponto de vista do design.

Swanne Almeida (2013) reflete os possíveis resultados que as pesquisas em memória gráfica podem obter em território nacional:

A delimitação destes estudos à realidade brasileira permite o conhecimento da formação do profissional ‘designer’ nacional e de possíveis características inerentes às produções brasileiras. A memória gráfica pode investigar as manifestações gráficas, as personalidades que as desenvolveram, bem como o público a que se destinavam. As pesquisas, no entanto, acabam se voltando às manifestações gráficas. Estes artefatos refletem o repertório daqueles responsáveis por sua concepção, bem como o imaginário da sociedade de uma época. São verdadeiros instrumentos de pesquisa que podem desvendar o desenvolvimento da técnica e as formas de difusão de informação de uma época. Eles guardam consigo informações relativas às nossas memórias individuais e coletivas (ALMEIDA, 2013, p. 19).

No Brasil estes estudos começaram se desenvolver por volta de 2008, ano em que resultou a criação do projeto de pesquisa, o qual reuniu pesquisadores das universidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, com o lançamento de um site a ele relacionado, ambos nomeados “Memória Gráfica Brasileira” (MGB). Segundo Rafael Cardoso (2018), um dos coordenadores do projeto, o termo foi introduzido por Egeu Laus, designer e pesquisador de capas de discos.

Sobre a Memória Gráfica Brasileira, Edna Cunha Lima (2018) reafirma algumas definições dos autores citados anteriormente e destaca que são estudos “pré-design”, ou seja, estudos dos séculos XIX e XX, antes do advento do design

moderno no país. A história da imprensa também é revisada, levando em consideração as escolhas gráficas e as condições de trabalho nas oficinas que produziam os impressos. Técnicas gráficas como a litografia e a cromolitografia tornam-se objetos de estudo e impressos efêmeros como jornais e revistas, embalagens de cigarro e cachaça são abordadas pelo aspecto de seu design.

Alguns métodos de pesquisa apontados por Farias e Braga e abordados em diversas pesquisas de memória gráfica incluem:

Resgatar e preservar artefatos; classificar, registrar e organizar em acervos físicos e/ou digitais esses artefatos; interpretar significados; analisar elementos da linguagem visual, processos de criação, suportes materiais e meios de produção (aspectos técnicos e tecnológicos relacionados à configuração, composição e reprodução); e buscar entender a inserção social e cultural dos artefatos estudados nas sociedades em que circulou (FARIAS e BRAGA, 2018 p. 23).

Para os autores, o principal e amplo objetivo dos estudos de memória gráfica é inserir os artefatos gráficos na cultura, na memória e na identidade local de um povo. Nadia Leschko, Vera Damazio, Edna Cunha Lima e Joaquim de Andrade (2014) acreditam que as principais motivações destes estudos é a afirmação de uma identidade para o design gráfico brasileiro por meio do inventário, análise e ações de preservação de artefatos gráficos. Como objetivos subsequentes ou secundários dos estudos de memória gráfica, Farias e Braga (2018) citam o:

(...) resgate e constituição de acervos de fontes primárias de material gráfico para futuras consultas; contribuição para a identificação de uma cultura visual local; contribuições para a história do campo gráfico, para a história do design gráfico, e para a história da população/sociedade em que o material gráfico se inseriu; e formar repertório para futuros projetos e linguagens visuais, contribuindo para uma cultura projetiva da área do design (FARIAS e BRAGA, 2018, p. 24).

Sendo assim, para esta pesquisa, emprega-se os mesmos objetivos e métodos supramencionado pelos pesquisadores e autores de memória gráfica.

2.1.1 Os impressos efêmeros nos estudos de Memória Gráfica

Vale aqui ressaltar o conceito de impressos efêmeros, já que ele está intrinsecamente ligado ao de memória gráfica. Segundo Cardoso (2009) o termo começou a ser utilizado desde 1962 com a publicação do livro de John Lewis,

Printed Ephemera. É um termo controverso no que condiz à interpretação e à discussão de quais artefatos são ou não considerados efêmeros.

No sentido mais amplo da palavra, impressos efêmeros são todos aqueles produzidos com a intenção de descarte rápido, ou seja, tudo, menos os livros. Assim sendo, para Cardoso (2009), jornais e revistas podem ser considerados efêmeros, já que são planejados para terem vida útil de um dia, uma semana, um mês. Contudo, ainda segundo o autor, no sentido mais estrito da palavra, impressos efêmeros costumam designar os artefatos ligados à vida cotidiana que não seriam mantidos pela lógica tradicional de acervos e bibliotecas, ou seja, por não se enquadrarem nos conceitos de volume, como os exemplos citados por ele: cartazes, folhetos, prospectos, programas, anúncios, ingressos e bilhetes, cartões de visita, selos e *ex-libris*, notas e apólices, diplomas e certificados, rótulos, embalagens, cardápios, etc.

A discussão volta aos periódicos mencionados por Cardoso (2009) como efêmeros, já que jornais e periódicos são um tipo de impresso seriado que agrupados constituem volumes nos arquivos e bibliotecas, sendo assim abrindo interpretações para sua classificação como impressos efêmeros ou não. A nível de classificação irei considerar nesta dissertação jornais e revistas como impressos efêmeros, já que a forma como os mesmos são mantidos em bibliotecas atualmente não anula suas finalidades originais de periodicidade curta e descarte.

Twyman (2008) em seu artigo sobre o tema, intitulado *The Long-Term Significance of Printed Ephemera* reitera conceitos similares sobre os artefatos impressos. Para ele tais artefatos de curto prazo possuem significados de longo prazo. O autor argumenta que:

(...) se queremos captar o espírito de um período ou aprofundar os detalhes de uma ocasião ou situação específica, os efêmeros fornecem evidências de um tipo que não é freqüentemente encontrado em outras categorias de documentos. (TWYMAN, 2008, p. 57, tradução nossa).

Para Twyman (2008) a cultura impressa e a cultura do livro equivalem a mesma coisa, porém, na maioria das bibliotecas, os livros foram armazenados, desde muito tempo, e só recentemente alguns impressos efêmeros como revistas e

jornais foram incluídos e levados em consideração. É grave se refletirmos o quanto se perdeu em termos de informação sobre a indústria gráfica através destes objetos dito efêmeros, já que os esforços para preservação dos mesmos foram tardios e muito está perdido. Para o autor “(...) nossa compreensão do design gráfico e da tecnologia de impressão seria grosseiramente incompleta se não levássemos em conta a vasta gama de impressos efêmeros que serviram à sociedade nos últimos cem anos.” (TWYMAN, 2008, p. 57, tradução nossa).

Twyman (2008) ainda indica o quão significativo são os estudos de impressos efêmeros e a importância de levantar tais questões de preservação e manutenção para bibliotecários e outros arquivistas, com o intuito de mostrar a importância sobre aquisições, conservação e catalogação de tais artefatos, que na maioria das vezes, apresentam-se frágeis, podendo se danificar com o tempo.

Em âmbito regional, podemos citar alguns arquivos e bibliotecas que abrigam artefatos efêmeros em suas coleções. A Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco possui um setor de obras raras com diversos impressos como jornais e revistas do século XIX e XX; o setor de iconografia da Biblioteca Blanche Knopf na Fundação Joaquim Nabuco também possui um vasto acervo; o Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, o qual abriga jornais, revistas mapas, manuscritos e documentos iconográficos; a Biblioteca José Antônio Gonsalves de Mello, do Instituto Ricardo Brennand, detentora de extenso material sobre a história colonial brasileira, com destaque para o período referente ao Brasil holandês; o Gabinete Português de Leitura, considerado o segundo maior gabinete de leitura portuguesa no Brasil; além de outras instituições que tem como objetivos preservar a memória e história pernambucana. Destaco aqui a importância dessas instituições e o trabalho exercido pelos profissionais que nelas se encontram, como força de manutenção desses artefatos efêmeros e preservação de nossa história.

Deste modo, os impressos efêmeros estão intrinsecamente ligados à memória gráfica, já que atuam como objeto de estudo deste campo, que busca nesses artefatos vestígios de atividades projetuais semelhantes ao que hoje entende-se como design, além, é claro, de afirmar a identidade do design gráfico

brasileiro. A seguir há alguns estudos que exemplificam esses fundamentos, exercidos até então.

2.1.2 Estudos sobre Memória Gráfica em Pernambuco

Com décadas de pesquisas sobre memória gráfica desenvolvidas no Brasil, é de se compreender que as categorias conceituais e metodológicas estejam bastante firmes. Os estudos do grupo de pesquisa “Memória Gráfica Brasileira: Estudos comparativos de manifestações gráficas nas cidades do Recife, Rio de Janeiro e São Paulo”, citado anteriormente, tiveram um papel fundamental nisso. O Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, um dos pólos deste grupo de pesquisa, tem feito esforços para propagar e continuar os estudos em memória gráfica, mesmo após o grupo ter sido finalizado em 2013. A linha de pesquisa em design da informação, desde antes do grupo MGB, já realizava pesquisas acerca da história gráfica.

Um dos frutos dessas pesquisas iniciadas anteriormente ao MGB, mas a ele incorporada é o *Imagens Comerciais de Pernambuco - Ensaios sobre os efêmeros da Guaianases*, livro publicado em 2011 como resultado de pesquisas desenvolvidas desde 2006 através de editais do Fundo de Incentivo à Cultura do Estado de Pernambuco - Funcultura. O livro organizado por Silvio Barreto Campello e Isabella Aragão apresenta em cinco capítulos ensaios escritos por pesquisadores do grupo MGB sobre a Coleção de Rótulos de Cachaça da Oficina Guaianases de Gravura (1979-1995), herdadas e mantidas em acervo pela UFPE.

Ainda nesse ano também foi publicado o *Experimentando Tipos - Catálogo de tipos móveis de metal da Editora Universitária UFPE*, livro desenvolvido entre 2007 e 2011 como projeto de extensão da mesma instituição, organizado pelas professoras Isabella Aragão e Rosângela Vieira. A publicação propõe experimentos tipográficos com base em 24 fontes do acervo da Editora Universitária da UFPE.

Já em 2013 foi publicado *Abridores de Letras de Pernambuco – um mapeamento da gráfica popular*, também com incentivo da Funcultura, o livro de autoria de Fátima Finizola, Solange Coutinho e Damião Santana expande a

pesquisa desenvolvida no programa sobre letreiramentos populares no Recife a outras cidades do interior do Estado, mostrando a importância do design vernacular em sintonia com os estudos de memória gráfica.

Outro livro resultado das pesquisas de cunho histórico desenvolvidas no programa, a qual serviu de estímulo a esta pesquisa de mestrado, foi o *Ilustração e Artes Gráficas: Periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco (1875 - 1939)* dos pesquisadores Silvio Barreto Campello e Sebastião Antunes Cavalcante. A publicação, também de edital da Funcultura, foi publicado em 2014 e destaca a importância de um dos principais acervos de Pernambuco a Biblioteca Pública, a qual serviu de auxílio nesta e em outras pesquisas de memória gráfica pernambucana.

Mais recentemente em 2018 foi publicado o livro *Memória Gráfica no Agreste*, organizado por Paula Valadares, como registro do encontro de mesmo nome que aconteceu em 2017 na cidade de Caruaru, interior de Pernambuco. O encontro tinha o objetivo de apresentar as principais pesquisas sobre memória gráfica a nível regional para os alunos do curso de Design do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE em Caruaru, com o intuito de motivar novas pesquisas sobre o tema.

Solange Coutinho (2018), em texto presente nesta última publicação, menciona o legado que o grupo MGB deixou mesmo após ter sido finalizado em 2013. De acordo com os dados fornecidos pela autora, o Programa de Pós-Graduação em Design da UFPE de 2014 a 2017 obteve dez artigos completos publicados em congressos nacionais e internacionais, assim como diversas teses e dissertações defendidas e outras em andamento. Nesses últimos três anos estes dados só vieram a multiplicar-se com novas pesquisas sendo desenvolvidas no programa, mostrando a importância de se pesquisar a história do design gráfico de Pernambuco.

Destaco aqui algumas pesquisas da linha de Design da Informação do PPG em Design da UFPE, as quais possuíam ligação com a temática da Memória Gráfica. As pesquisas de doutorado de Maria Tereza Poças “O Padrão Visual de Revistas Ilustradas Pernambucanas da Segunda Metade do Século XIX” defendida

em 2015; Fátima Finizola “A tradição do letreiramento popular em Pernambuco: uma investigação acerca de suas origens, forma e prática” também defendida em 2015; Camila Brito de Vasconcelos “Memória, patrimônio, inovação e design: o caso do ladrilho hidráulico – o design frente a preservação dos artefatos de memória e do patrimônio cultural” defendida em 2017; Swanne Almeida “Bichos Boêmios: um estudo sobre recorrências, referências e análise de significado dos animais nos rótulos de aguardente da Coleção Almirante” defendida em 2018.

E também as pesquisas de mestrado que de alguma forma vieram a auxiliar no desenvolvimento desta. A pesquisa já mencionada aqui nesta dissertação de Sebastião Cavalcante “O design de Manoel Bandeira: Aspectos da memória gráfica de Pernambuco” defendida em 2012; Íkaro Oliveira “Vera Cruz um artista gráfico ilustrador e litógrafo em Pernambuco: fins do século XIX e início do século XX” defendida em 2018; Leopoldina Lócio “Heirinch Moser: memória gráfica através das capas da Revista de Pernambuco” também de 2018.

O que essas últimas dissertações têm em comum é o olhar sobre os artistas gráficos que atuaram na criação dos artefatos de memória gráfica. Uma questão discutida em alguns estudos é a ausência dos autores da maioria dos artefatos estudados, muitas vezes negligenciados e outras totalmente desconhecidos, faz-se necessário trazer à tona os indivíduos por trás das atividades projetuais a fim de investigar o ponto de partida da identidade profissional do designer local. Neste sentido, Farias e Braga (2018) orientam identificar a trajetória, a inserção social e a contextualização histórica desses autores, bem como Almeida e Coutinho (2012) aconselham que, do ponto de vista do design da informação, deve-se analisar os artefatos para compreender seus emissores. Nesta pesquisa abordarei tais orientações, compreendendo a trajetória profissional de Luís Jardim e suas mensagens através dos artefatos gráficos que criou no começo do século XX.

Sendo assim, essa dissertação se enquadra no bojo das pesquisas de memória gráfica que vem se desenvolvendo desde o começo do século XXI, principalmente em Pernambuco, levando em consideração todo o material que já foi produzido sobre o tema até então e, ao mesmo tempo, atualizando o campo de

estudo. Os impressos gráficos aqui estudados e produzidos por Luís Jardim são artefatos informacionais do passado do Design e possuem significados diversos, os quais podem elucidar para a construção da identidade do Design pernambucano como supracitado pelos autores aqui reunidos, além de promover, sob o ponto de vista do design, artefatos antes esquecidos.

2.2 Conceituando o Design da Informação

Mesmo com a relevância que o Design conquistou no mundo contemporâneo pós Revolução Industrial, ainda há muito o que avançar em termos de conceitos e métodos. Como área de estudo, o design ainda é uma disciplina nova na sociedade. Ravi Passos, Óscar Mealha e Mamede Lima Marques (2015, p. 1008) discutem que o “uso do termo design se mostra complexo e requer cautela, pois, não havendo o devido rigor, pode incorrer na situação de limites mal definidos e seus consecutivos usos impróprios.” Essa complexidade dos fundamentos e conceitos do termo design muitas vezes são perpetuadas para suas subáreas, como o design da informação, por exemplo.

Passos *et al.* (2015) debate que, de acordo com a literatura o design da informação, ora se configura como processo de desenvolvimento de mapas, infográficos e demais grafismos correspondentes, pautados em fundamentos de linguagem visual, ora se conforma como um processo de estruturação de informação. Discutirei alguns conceitos aqui definidos, compreendendo, subsequentemente, o design da informação como suporte para os estudos em memória gráfica.

O International Institute for Information Design – IIID, fundado na Áustria em 1986, caracteriza o Design da Informação como “a definição, planejamento e modelagem dos conteúdos de uma mensagem e do ambiente em que ela é apresentada, com a intenção de satisfazer às necessidades de informação dos destinatários.” (IIID, 2007). Ao abordar os conteúdos de uma mensagem como característica do Design da Informação, o IIID sugere que o profissional designer

deve participar ativamente do processo de elaboração do material a ser desenvolvido, do princípio ao fim.

Já para a Sociedade Brasileira de Design da Informação - SBDI, fundada em 2002 no Recife, o Design da Informação é uma área do Design Gráfico:

(...) que objetiva equacionar os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que envolvem os sistemas de informação através da contextualização, planejamento, produção e interface gráfica da informação junto ao seu público alvo. Seu princípio básico é o de otimizar o processo de aquisição da informação efetivado nos sistemas de comunicação analógicos e digitais (SBDI, 2006).

Uma das fundadoras da SBDI e que também atuou como presidente da sociedade, Carla Spinillo (2010, apud Passos *et al.*, 2015) diz que os aspectos sintático, semântico e pragmático estão relacionados com a comunicação da informação em vista da estrutura gráfica e comunicativa da informação.

Nesta construção conceitual a sintaxe remete à representação e está relacionada com os elementos e suas relações gráficas, a semântica está relacionada com o entendimento da representação, ou nos significados desses elementos, e a pragmática está relacionada ao uso da representação, ou o uso desses elementos. Em suma, os aspectos sintático, semântico e pragmático do conceito apresentado pela SBDI seriam relativos, respectivamente à 'estrutura', ao 'significado' e ao 'uso' de sistemas de informação (SPINILLO, 2010, apud PASSOS *et al.*, 2015, p. 1014).

Gui Bonsiepe (1999) caracteriza o design da informação como um domínio em que os conteúdos são visualizados por meio de seleção, ordenamento, hierarquização, conexões e distinções visuais que permitem uma ação eficaz, porém o autor define que o Design da Informação é mais que uma tradução para a linguagem visual e que o designer da informação atua como um coautor das possíveis mensagens, uma vez que o seu trabalho tem início com a estruturação dos conjuntos de dados, corroborando com a definição do IIID (2007), segundo a qual a definição de conteúdos é uma das características desse campo do design.

Para Pettersson (2002) o design da informação está ligado às áreas de uso da informação, pelo viés de comunicação de mensagens. Para o autor o design da informação engloba análise, planejamento, apresentação e entendimento da mensagem, seu conteúdo, linguagem e forma.

Jorge Frascara (2011) define que um bom designer da informação faz com que a mensagem seja transmitida de forma acessível, disponível de maneira fácil; apropriada ao conteúdo e ao usuário; atrativa, convidando a ser lida ou compreendida; relevante, de acordo com o objetivo do usuário; oportuna, estando onde e quando o usuário necessita dela; e ainda compreensível e apreciada por sua utilidade.

No artigo “Uma discussão sobre o objeto do design da informação”, mencionado no início deste tópico, Ravi Passos e colaboradores (2015) revisa diversas definições para o termo, apresentando algumas reflexões teóricas para o design da informação. Para os autores o objeto principal do design da informação é a informação a ser mediada por interfaces, sendo o seu objetivo “tornar a informação acessível, compreensível, utilizável e simples, favorecendo assim a compreensão da informação por um sujeito” (PASSOS *et al.*, 2015, p. 1015).

Conclusivamente, podemos compreender que os artefatos históricos, como os de memória gráfica mencionados anteriormente, estão repletos de informações da época em que foram projetados, atuando assim como objetos do design da informação. A idealização de tais artefatos passou por um processo cognitivo, consciente ou não, ao qual essas informações foram otimizadas em interfaces analógicas (os impressos), utilizando-se de linguagens gráficas e tecnologias comuns à época por artistas gráficos (designers), os quais, seguindo o conceito de Bonsiepe (1999), atuaram como coautores destas mensagens.

2.2.1 O Design da Informação e a Memória Gráfica

A memória gráfica aparece como suporte para os estudos que envolvem design da informação, como visto anteriormente a própria linha de pesquisa do Programa de Pós Graduação em Design da UFPE tem diversos estudos que interligam os dois temas. O Congresso Internacional de Design da Informação - CIDI, que acontece bianualmente no Brasil, também conta que com pesquisas com esta abordagem, mostrando a importância que tais estudos tem para o campo do Design da Informação.

Swanne Almeida (2013) em sua dissertação de mestrado, citando pesquisa de design da informação de Petterson (2006), expõe que os estudos nesse campo podem se voltar a todo o processo de comunicação ou as partes que o compõem separadamente. De acordo com esse processo comunicacional, o qual a autora emprega, há o emissor, a representação e o receptor.

Sendo assim, a pesquisadora relaciona o design da informação a memória gráfica. Através dessa perspectiva apresentada, Almeida (2013) explica que estudar o receptor dos artefatos históricos se torna mais inviável, já que provavelmente este público ou usuário não existe mais. Em algumas circunstâncias pode-se investigar o receptor através de pesquisas bibliográficas, relatos ou trazendo os artefatos para a atualidade e observando sua relação com os usuários contemporâneos, dependendo dos objetivos da pesquisa.

As pesquisas que se voltam ao estudo do emissor, neste caso os pioneiros do design, como é o caso de Luís Jardim, devem considerar a vida destas personalidades por trás dos artefatos, como afirma Almeida (2013). Na prática a pesquisa se volta novamente para a análise dos artefatos em si.

Portanto, o design da informação no campo da memória gráfica, que estuda manifestações gráficas passadas, se volta principalmente para a forma de representação dentro do processo de comunicação, neste caso o artefato histórico. Pode-se dizer por fim que, o Design da Informação a serviço da memória gráfica histórica estuda os pioneiros e os seus primórdios, visto que a pesquisa acaba se voltando para a análise da produção dos profissionais. Por meio da análise dos artefatos é possível descobrir características relativas ao público e ao emissor. As investigações concentram-se, portanto no artefato e em todas as informações que ele possa prover à luz dos conhecimentos atuais (ALMEIDA, 2013, p. 34).

Sendo assim, em ambos os casos, os estudos se debruçam nos artefatos de memória gráfica e o que eles podem comunicar através de suas mensagens, Farias e Braga (2018) compactuam destas ideias, os autores declaram que para a memória gráfica, o artefato gráfico é fonte e tema de estudo. Ao comparar os estudos de memória gráfica e cultura material aos estudos sobre memória coletiva e cultural, os autores dizem:

Enquanto estudos sobre memória coletiva ou cultural focam na recuperação de narrativas pessoais, tendo como métodos privilegiados as entrevistas e a história oral, estudos sobre memória gráfica muitas vezes se concentram em artefatos produzidos além do tempo de vida de possíveis testemunhas, exigindo procedimentos que possibilitam obter “história a partir de coisas” (...) (FARIAS e BRAGA, 2018, p. 16)

Para os autores um método essencial de extrair a história de artefatos gráficos é a análise da linguagem gráfica e visual, a qual pode nos dizer muito sobre repertórios, tendências, gostos e sua circulação. Tais análises junto com observações sistemáticas sobre os materiais, os meios e técnicas de produção dos artefatos gráficos, apontam, por exemplo, dados da tecnologia gráfica utilizada, a qual pode ser compreendida como parte da cultura material de um povo.

Capítulo 3

Breve história dos **impressos** em Pernambuco



ste capítulo apresento o imaginário social da época vivida pelo artista Luís Jardim. Compreende-se a importância dos devidos conhecimentos, já que a partir dessa contextualização histórica do período em que o artista viveu, muitas conclusões podem ser tiradas sobre suas obras e sua trajetória profissional. Sendo assim, iremos abordar o Recife das décadas de 1920 e 1930 e as transformações pelas quais passavam o Brasil do começo do século XX, bem como contextualizar a história dos impressos e como a imprensa periódica se comportava na época, em razão de serem esses os artefatos estudados nesta pesquisa.

3.1 A imprensa periódica

“Éramos o porto e a praça. Mas éramos também a escola superior e o hospital. A escola, com as Faculdades, a de Direito e a recém-inaugurada de Medicina, e a continuação de duas escolas de Engenharia e uma de Comércio, o centro hospitalar, servindo a todos os estados vizinhos. Éramos ainda a comunicação, através, inclusive, da melhor imprensa que distribuía os seus jornais pela Great Western¹, com atraso de apenas um dia, em mais três capitais de estado e o ponto alto de escala de hidroaviões e de outros tipos de transporte aéreo, com um projeto, já àquela época, de um Aeroclube” (SOUZA BARROS, 2015, p. 85).

Convido Souza Barros nessa citação que tão bem resume o *zeitgeist* do Recife do começo do século XX para iniciar este capítulo. Em sua obra “A Década 20 em Pernambuco”, o autor narra as diversas transformações pelas quais a capital pernambucana passava nas primeiras décadas do século passado, como por exemplo as transformações urbanas do Bairro do Recife, a modernização do Porto e as melhorias no serviço sanitário e de abastecimento de água.

Posteriormente durante a administração do governador Sérgio Loreto, já na década de 1920, houve a urbanização do Derby, a construção de mercados públicos e a abertura da Avenida Boa Viagem. Tais reformas podem ser percebidas até os dias atuais, contudo, na época, mudaram a forma de convivência no espaço urbano e, conseqüentemente, a socialização dos habitantes desse período (SOUZA BARROS, 2015).

Em meio a chegada da modernidade advinda das reformas no Recife, a imprensa encontrou um caminho para fazer as divulgações das novas ideias. Nesse cenário a produção de imagens atreladas aos textos já era algo comum na propagação das informações desde o século anterior, tendo em vista que boa parte da população era analfabeta².

Rafael Cardoso (2008) aponta que das mercadorias que mais se expandiu durante o século XIX foram os impressos de todos os tipos. Sendo assim, com a

¹ *The Great Western of Brazil Railway Company Limited* foi uma empresa ferroviária inglesa que construiu e explorou ferrovias no Nordeste do Brasil.

Fonte: GASPAR, Lúcia. Great Western. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

² O censo de 1872 mostrava que apenas 16% da população brasileira era alfabetizada, sendo 23,43% a proporção de homens e 13,43% a de mulheres. Já a população escravizada, o índice de analfabetismo chegava a 99,9% (SCHWARCZ e STARLING, 2015).

passagem para o século seguinte, diante das mudanças tecnológicas nos meios de comunicação e das novas mídias como o rádio e o cinema, a imprensa e a indústria gráfica passaram a dar maior atenção na configuração visual dos seus impressos, visando também a concorrência. O autor afirma que “o período entre as décadas de 1920 e 1940 testemunhou uma enorme multiplicação da interrelação de texto e imagem em jornais, revistas, livros e cartazes” (CARDOSO, 2008, p. 126).

No cenário pernambucano, Souza Barros (2015) explica a relação que a imprensa tinha nas primeiras décadas do século XX por aqui, nos elucidando inclusive do papel dos intelectuais na mesma.

É necessário atentar que, à época, a imprensa, como divulgação, centralizava um poder muito maior que hoje. Não se podia admitir o intelectual se ele não aparecesse na imprensa numa atividade qualquer, nela trabalhando diretamente ou levando como colaborador as suas produções (SOUZA BARROS, 2015, p. 85).

Em 1925 um dos mais importantes jornais do estado, o “Diário de Pernambuco” completava cem anos em grande comemoração com a publicação do “Livro do Nordeste”, obra organizada pelo sociólogo Gilberto Freyre, a qual trazia diversas colaborações com pesquisadores de todo o Nordeste, além de ilustrações de Manoel Bandeira.

Souza Barros (2015) também explica que a imprensa foi o mercado que comportou os desenhistas e caricaturistas da época, os quais eram comumente os mesmos intelectuais citados por ele anteriormente. Pois segundo o autor, era uma preocupação desses grupos em adentrar o campo das imagens, é possível que até “Gilberto Freyre tenha usado alguns dos seus desenhos, sob pseudônimo, em *A Província*” (SOUZA BARROS, 2015, p. 207).

O Modernismo era diálogo frequente nos redutos intelectuais e entre a classe artística, o governo de Sérgio Loreto tem papel fundamental na construção dessa modernidade, já que utilizou tanto da imprensa quanto do cinema para difundir as reformas urbanas pelas quais o estado passava. A *Revista de Pernambuco* (1924-1926) e o filme *As Grandezas de Pernambuco* (1925), considerado parte do

Ciclo do Recife³, são dois exemplos dessa produção cultural, as quais tinham os mesmos objetivos: transmitir um projeto de modernidade (LÓCIO *et al.*, 2017).

Os ideais modernistas chegaram ao Brasil no início dos anos 1920, promovidos por intelectuais, artistas e arquitetos, e foram consumidos por uma restrita burguesia, todos ávidos em sintonizar o país com o pensamento das novas tendências ideológicas internacionais nas artes, nas técnicas e nos projetos de cidades (BRAGA, 2016, p. 26)

Souza Barros (2015) comenta que o esforço administrativo encobria muito bem os aspectos dissonantes dessa ideia de modernidade, os mocambos, por exemplo, crescem bastante nessa época, apesar de não ganhar as páginas das revistas. Sendo assim, a ideia modernizadora em Pernambuco também estava em confronto com as dificuldades sociais e econômicas que grande parte da população passava, ao mesmo tempo, era conflitante com as ideias tradicionalistas que também dominavam o estado.

No âmbito artístico, contudo, apesar da confluência de época, as ideias modernistas que repercutiam em Pernambuco à época não provinham da Semana de Arte Moderna de São Paulo. Herkenhoff (2006) no catálogo da exposição “Pernambuco Moderno” comenta que em 1922 Pernambuco já tinha sua própria capacidade para ver o mundo com uma lente moderna, as mudanças urbanísticas, as pinturas dos irmãos Rego Monteiro, o frevo, o cinema, o cordel, a poesia de Manuel Bandeira e a sociologia de Gilberto Freyre são alguns dos elementos que o autor utiliza para sustentar sua ideia.

Mário de Andrade, uma das figuras centrais da Semana de Arte Moderna, incubiu Joaquim Inojosa de disseminar o modernismo vanguardista europeu (absorvido e difundido na semana de 1922), pelo Recife. Atitude essa que Herkenhoff (2006, p.30) chama de “audaciosa”, por tamanha ingenuidade de Inojosa em achar que faria “a segunda revolução pernambucana: a da modernidade”. Sobre isso, o próprio Luís Jardim em relato na obra de Souza Barros (2015) comenta:

³ O Ciclo do Recife foi um dos mais importantes movimentos do cinema mudo brasileiro, que vai de 1910 a 1931. Nesse tempo foram realizados 32 filmes na cidade, sendo treze longas-metragens. (Cunha, 2010).

Nenhum de nós jamais tomou conhecimento do movimento modernista de São Paulo, que Mário de Andrade incubiu Joaquim Inojosa de difundir ou implantar em Pernambuco. Apreciávamos o grande Mário, mas movimento por correspondência, ler o jornal ou revista (uma Verde, suponho) que se dizia modernista - nunca. O velho barroco do Recife fazia parte de nossas preocupações, assim como as coisas típicas, a comida, os folguedos populares, o carnaval (JARDIM, apud. SOUZA BARROS, 2015, p. 187).

A revista verde que Jardim menciona é a *Klaxon*, mensário de arte moderna, considerado o primeiro veículo dedicado à propagação das idéias lançadas pelos modernistas paulistas⁴. Como consta, Inojosa não encontrou adeptos nesse grupo recifense, os quais seguiam ideologias diferentes sobre o que considerava “moderno”, sendo Gilberto Freyre um dos agitadores do “regionalismo”, ou seja, ideias antagônicas às de Joaquim Inojosa.

O movimento regionalista comandado por Freyre entre outros intelectuais da época, como José Lins do Rego, por exemplo, “defendiam a força das tradições locais e a preservação do passado como aspectos fundamentais da identidade nacional” (COUCEIRO, 2016, p. 46), contudo, não eram contra o progresso e as mudanças, pois segundo o próprio Freyre, o movimento era “regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista”.

Sendo Recife nessa época uma espécie de capital cultural da região (HÉLIO, 2006) e tendo o movimento modernista no Nordeste se localizado quase que exclusivamente por aqui (SOUZA BARROS, 2015), supõe-se que os embates entre as ideias modernistas tomaram palco na capital pernambucana participando do cenário públicos e, é claro, da imprensa. Herkenhoff (2006, p. 53), parafraseando Ariano Suassuna, comenta sobre essa época que “não é tanto Pernambuco que não dá conta da modernidade. É a modernidade que não dá conta de Pernambuco”.

A *Revista do Norte* (1923 - 1952), impresso comandado por José Maria de Albuquerque e Melo, foi um marco do movimento de Freyre, já que ambos defendiam “a tradição, o regionalismo, o inconformismo e tiveram, no entanto, sempre a tônica da renovação” (SOUZA BARROS, 2015, p. 179). Contudo, para os estudos da memória gráfica pernambucana, a *Revista do Norte* também representa

⁴ REVISTA Klaxon. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5116/revista-klaxon>>. Acesso em: 24 de Ago. 2020.

um marco da indústria dos impressos, pela qualidade gráfica que apresentava, já que Albuquerque e Melo se dedicava ao máximo na produção da mesma e também, pela inobservância dos prazos de saída, como bem comenta Souza Barros:

Interessava-lhe antes a forma de composição da página, o equilíbrio gráfico, o resultado da impressão em bom papel, o efeito conseguido com os contrastes de cor, a perfeição e a segurança do clichê que ele e o seu irmão Amaro também faziam e em cuja arte e segurança foram dos mais exigentes e perfeitos. Muitas vezes o próprio clichê resultava de uma fotografia que ele próprio tirara, pois também se dedicou a esta atividade e se tornou um dos animadores da fotografia de arte no Recife. A prova de um arranjo tipográfico dava-lhe a sensação completa do final do seu trabalho (SOUZA BARROS, 2015, p. 177).

O autor ainda comenta sobre a excentricidade de Albuquerque e Melo e como o mesmo tratava a *Revista do Norte* como uma obra de arte, a qual muitas vezes só possuía peça única. Do terceiro número da segunda série, por exemplo, tirou apenas um exemplar enviado ao poeta Manuel Bandeira. A revista circulou em três séries distintas, a primeira quinzenal (1923 - 1925); a segunda série anual (1926 - 1927); a terceira série começou com a edição de abril de 1942, com o segundo número dessa série saindo somente em 1944, o terceiro e o quarto número em 1947, sendo este último dedicado ao artista gráfico Manoel Bandeira, deste havendo preparado apenas um exemplar, entregue à sua família, em 1952 sai o último número desta terceira série e encerrando a publicação da revista.

O grupo que se formou por conta da *Revista do Norte*, o qual Luís Jardim fazia parte, encontrava-se frequentemente no Café Continental localizado na esquina da Lafayette, na Rua do Imperador. Era o grande reduto intelectual do Recife na época, onde se discutiam os caminhos da arte, a modernidade e as manchetes da imprensa. O local ficava sitiado pelos mais importantes jornais da época: Diário de Pernambuco, Jornal do Recife, Jornal Pequeno, Jornal do Commercio e o Diário da Manhã. Como comenta Souza Barros, um dos frequentadores do local:

Fervilhava a esquina de jornalistas que trabalhavam à noite, nos cinco jornais próximos; atraía também boateiros e curiosos, além de pessoas que marcavam ali os seus encontros. Uma encruzilhada, onde apesar da agitação, pontificava o grupo liderado pela inteligência viva e dialética de Joaquim Cardozo (SOUZA BARROS, 2015, p. 246).

Diante deste cenário que se apresentava durante as décadas de 1920 e 1930 no Recife e no cenáculo da Lafayette, Luís Jardim conheceu Joaquim Cardozo, José Maria de Albuquerque e Gilberto Freyre, figuras importantes no desenrolar de sua vida, os quais colaboraram profissionalmente com o artista mais tarde.

3.2 Indústria e processos gráficos nas primeiras décadas do Século XX

O século XIX foi o cenário de uma profusão de descobertas e evoluções tecnológicas nos meios impressos, os quais impulsionaram uma melhoria nas técnicas de impressão e, conseqüentemente, surgimento de novas linguagens gráficas.

Em Pernambuco, a tipografia chegada ao Recife em 1815, e posteriormente, em conjunto com a litografia⁵, configuraram práticas relevantes no estado, sendo nas primeiras décadas do século XX, já antigas conhecidas dos profissionais da indústria gráfica, segundo contam Sebastião Cavalcante e Silvio Barreto Campello (2014) em *Ilustração e Artes Gráficas: Periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco (1875 - 1939)*. A litografia foi parte fundamental na indústria gráfica, inclusive pernambucana, já que permitiu à cultura visual se expandir entre os meios comerciais para além da imprensa, como embalagens de cigarro e rótulos de bebidas. Essa técnica também possibilitou ao meio impresso um alto padrão de qualidade, além do uso de múltiplas cores, contudo sem haver a possibilidade de imprimir imagens e textos simultaneamente numa mesma impressão.

As imagens produzidas pelos artistas litógrafos do último quarto do século XIX tentavam ao máximo representar fidedignamente a realidade, inclusive, as figuras humanas, estampando nas páginas das revistas ilustradas quase como um “jornalismo por imagens”. Porém impossibilitando, até então, o uso da fotografia impressa, a qual com o avanço do século XX ganhou destaque com o domínio dos clichês (BARRETO CAMPELLO, 2018).

Segundo o manual técnico *A Fotogravura Resumos Técnico-Práticos* publicado em 1939 pela Photogravura Viennense — empresa carioca, uma das

⁵ Entre 3 relatos distintos (1827, 1831 e 1834), a última data, fornecida por Pereira da Costa (1984), é considerada a melhor garantia da chegada da litografia em Recife (AGRA JR. 2011).

principais fornecedoras de clichês para a indústria gráfica do Brasil no período — e resgatado por Almir Mirabeau, Edna Cunha Lima e Guilherme Cunha Lima (2013) em artigo, clichês são:

Chapas de metal, cuja superfície polida apresenta, em sentido inverso, todos os pontos em relevo que devam deixar impressão no papel. O processo de obter-se tais placas, em rigorosa concordância com o original, é a fotogravura, em que a transposição do original à chapa metálica se efetua fotograficamente, enquanto que a gravação propriamente dita se processa por meio de ácidos (A FOTOGRAVURA, 1939, p. 6).

O processo de gravuras, ou seja “a arte de transformar a superfície plana de um material duro ou, às vezes, dotado de alguma plasticidade, num condutor de imagem” (COSTA FERREIRA, 1976, p. 15) coincide com as definições dos clichês, sendo técnicas similares. O autor ainda comenta que a “gravura original” consiste na gravação da imagem no próprio suporte, a “reprodução” é as cópias que a gravura original (ou seja, a matriz) irá conceber. Já a “gravura de interpretação” consiste na matriz gravada a partir de um desenho feito por outro. E a “gravura de reprodução” é a simples cópia de outra gravura ou de um desenho, pintura. Sobre esta última o autor ainda revela:

A essa “gravura de reprodução”, consideravelmente praticada até antes do pleno desenvolvimento dos processos fotomecânicos, caberia, desta vez com toda propriedade, o título de “gravura artesanal”: seus realizadores eram na sua maior parte apenas artesãos, embora muitas vezes esplêndidos artesãos. Podiam mesmo ser mais justamente qualificados de “colaboradores”, por exercerem uma espécie de colaboração semelhante àquela que a arte moderna “coletiva” do cinema consagraria (COSTA FERREIRA, 1976, p. 16).

No caso das imagens feitas antes de serem gravadas, a “gravura de interpretação”, fazia-se o desenho utilizando, por exemplo, o nanquim ou bico de pena, daí então esses originais eram transferidos para a matriz através de carbono ou por qualquer outra espécie de decalque, tendo sempre em vista a inversão do desenho na impressão (COSTA FERREIRA, 1976).

Em alguns processos, como a gravação em matrizes de zinco (Fig. 1), por exemplo, chamada de zincografia, havia também o banho de água-forte. O qual consistia na fixação do desenho nas chapas através do calor do fogo com betume, para em seguida, efetuar banhos graduados de água-forte que, roendo este metal, deixam em relevos os traços do desenho protegidos pela tinta betumada. K. Lixto,

artista gráfico das revistas cariocas *O Malho* e *Fon Fon*, utilizava esse procedimento (COSTA FERREIRA, 1976). De acordo com relato de seu sobrinho⁶, Luís Jardim manejava a técnica de água-forte, a qual é pouco mencionada nos estudos da memória gráfica pernambucana, contudo não consegui encontrar evidências do seu uso pelo artista.



Figura 1 - Zincografia de K. Lixto para O Rio Nú. Fonte: *Imagem e Letra*, 1976.

Ao comentar sobre a zincografia, o autor ainda menciona o nome do ilustrador Luiz Cardoso, o qual zincografou muitos desenhos de artistas conhecidos, ou seja o gravador era responsável por gravar no metal os desenhos de outros artistas. Como o fez para o livro infantil *Histórias da Avozinha*, publicado em 1900, com ilustrações de Julião Machado e “gravadas pelo habilíssimo zincógrafo Luiz Cardoso” (COSTA FERREIRA, 1976, p. 119).

Sendo assim, do ponto de vista das explicações do autor, no exercício da gravação nas oficinas, muitas vezes, o artista gráfico produzia seus originais, os quais eram transformados em matrizes para impressão, seja por eles mesmos ou por um gravador, considerando assim os gravadores autorais e os auxiliares.

Em confluência a isso, Mirabeau *et al.* (2013) comentando sobre o fluxo de trabalho na Photogravura Viennense, detalha o processo da gravação das matrizes para confecção de clichês, o qual ocorre em seis etapas básicas: atendimento com o cliente; retoque no desenho original (positivo); confecção de fotolito (negativo);

⁶ Informações cedidas por Luís Afonso de Oliveira Jardim, em visita informal a sua residência em Garanhuns, no dia 16 de Outubro de 2019.

gravação por meio de processos químicos do clichê; provas de impressão e por último a montagem do clichê, nessa última etapa o clichê era montado sobre uma placa de compensado naval obtendo a altura necessária para a impressão tipográfica, tendo em vista a finalidade do uso desses clichês, já que, como mencionado no manual técnico *A Fotogravura Resumos Técnico-Práticos*, “os processos de reprodução tipográfica acham-se intimamente ligados tanto ao desenvolvimento da própria fotografia como da técnica de vários métodos reprodutivos” (A FOTOGRAVURA, 1939, p. 4)

Sendo assim, esse processo de fotogravação, conhecido como autotipia surgiu então como uma técnica para sanar algumas lacunas dos processos de impressão, tanto na implementação da fotografia com o uso de clichês reticulados — ou a meio-tom — como na impressão conjunta ao texto na mesma prensa tipográfica, como comenta os autores supracitados:

Quanto mais se aproximava os anos 1900, mais frequente se tornam os clichês. Primeiro na forma de gravação de artes a traço, depois com a incorporação das retículas, permitindo a transposição de fotografias para uma matriz metálica em alto-relevo. Essa qualidade permitiu ao parque gráfico tratar textos - essencialmente compostos com tipos em metal - e imagens de uma mesma maneira, imprimindo-os ao mesmo tempo em uma única impressão, em vez da necessidade de processos distintos e tempos de impressão diferentes, como era o caso em que textos eram impressos em tipografia e imagens em litografia (CAVALCANTE e CAMPELLO, 2014, p. 15).

Ou seja, esse processo de reprodução fotomecânica (autotipia), na geração de matrizes de impressão (os clichês) reduziu tempo e auxiliou impressores e artistas gráficos. Além de contribuir com a alta demanda da indústria que como bem explica Cardoso (2004, 2005), a partir da virada do século XX e começo dos anos 1910, expandiu a área editorial no Brasil, com diversas produções de impressos ilustrados surgindo. Em Pernambuco, este cenário não era diferente, as pesquisas recentes em memória gráfica⁷ relatam essa proliferação dos impressos periódicos por aqui também.

A autotipia, portanto, é feita da preparação de um clichê a partir de uma fotografia ou desenho, os tons contínuos da imagem fotográfica são convertidos a

⁷ Cf.: Tópico 2.1.2

uma trama de retícula, a qual se trata de uma rede de pontos de tamanho variados ou linhas regulares (Fig. 2), que impressos produzem uma imagem com o efeito dos tons da fotografia original. A clichéria, como convencionou ser chamada por aqui, se trata da produção dessas matrizes relevográficas, os clichês, tais artefatos metálicos foram introduzidos à impressão tipográfica, podendo ser possível imprimir as imagens na mesma prensa, junto ao texto, como supramencionado (CAVALCANTE, 2012).



Figura 2 - Imagem ampliada de ilustração feita por Luís Jardim para Revista de Garanhuns de 1930, os pontos de tamanho irregulares formam a trama de retícula da impressão, permitindo assim a criação dos diversos tons de cinza que a mesma possui. Fonte: Registro e ampliação do autor a partir de ilustração presente em impresso encontrado no acervo de obras raras da Biblioteca Pública de Pernambuco.

Leopoldina Lócio e Hans Waechter em *A autotipia e as capas da Revista de Pernambuco* apresentado no 13º Congresso Pesquisa & Desenvolvimento em Design (2018) apontam características comuns a esse tipo processo de reprodução fotomecânica. Tomando como base o livro *“How to Identify Prints”*, de Bamber Gascoigne (2004), os autores indicam que os pontos das retículas de tamanhos diferentes e redondos é um dos vestígios para identificar a autotipia nos impressos efêmeros, assim como o relevo presente na parte traseira das páginas impressas, causado pela força da prensa e em alguns casos, o acúmulo de tinta nas bordas das imagens.

A autotipia foi uma valiosa descoberta nos meios impressos, a qual se disseminou pelas primeiras décadas do século XX, contudo, trouxe aos artistas da época o desafio de se adaptar a um novo processo. Por uma demanda da própria

indústria, a qual foi se tornando mais exigente com o passar do tempo, deduz-se que aos profissionais não era delegado um período de adaptação e experimentação, fato perceptível na maturidade do traço característico dessa época, formas mais sintéticas e traços mais econômicos, diferentes da litografia que vinha dominando os impressos até então. Também pode-se atribuir essa linguagem como uma certa influência do modernismo, o *art déco*, por exemplo, que propunha uma oposição ao rebuscamento estético vigente no século anterior. Como afirma os autores “neste caminho, a geometrização e as formas mais simples tanto condiziam com as tendências contemporâneas, como a princípio agilizariam as soluções de composição do processo gráfico” (CAVALCANTE e CAMPELLO, 2014, p. 29).

Ainda na década de 1920, surgiu também o *offset*, segundo Cunha Lima (1998) foi a Drechsler & Cia. a responsável por introduzir a tecnologia no Nordeste, em 1926. Entretanto, anúncios encontrados na *Revista de Pernambuco* do ano anterior, já divulgavam a venda de uma máquina *offset* da fábrica Planeta da empresa C. Fuerst & Cia Ltda, como apontam Lócio e Waechter (2018).

O *offset*, assim como a litografia faz parte dos processos planográficos de impressão, baseia-se também na repelência entre água e gordura (tinta), contudo a impressão *offset* substitui a pedra por cilindros de chapa flexíveis. Esse tipo de impressão perdura até os dias atuais.

Entretanto, seja na litografia, tipografia ou *offset*, os processos que envolviam a transferência das imagens para as matrizes de impressão, como visto, era algo que envolvia relativo trabalho nas oficinas gráficas da época.

Luís Jardim, assim como alguns artistas de seu tempo, teve suas digressões na gravura, assim como nas artes plásticas, como iremos ver posteriormente. As técnicas, processos e linguagens que foram sendo incorporadas e evoluídas dessa forma eram, muitas vezes, experimentos utilizados por diversos desses artistas para se expressarem e atender as demandas da indústria.

O fato é que utilizando ou não dessas técnicas que se apresentavam à época, os processos de gravação resultaram em estilos que se perpetuaram nas produções

artísticas, atribuindo à linguagem gráfica as suas características. Como por exemplo os traços de entalhe, as tramas pontilhadas (crivo) ou de linhas cruzadas (talha cruzada), assim como em alguns casos tendências modernistas que podem ter sido incorporadas nos trabalhos dos artistas desse período, como o já mencionado *art déco*⁸. Observar esses aspectos apresentados até aqui, se faz pertinente como uma provável influência que tiveram sobre a obra de Jardim.

⁸ O estilo, vindo da Europa nos anos 1920, era marcado pelo caráter decorativo e ornamental de essência construtiva e mecânica, valorizando formas sintéticas e geométricas, influenciando principalmente a arquitetura, mas também as artes gráficas (CARDOSO, 2008).

Capítulo 4

Luís Jardim: artista gráfico



Este capítulo tem como objetivo contar a trajetória de Luís Jardim, partindo de sua origem e dados biográficos e tendo como foco seus trabalhos na indústria gráfica, esses trabalhos são explorados a partir da sua produção encontrada nos acervos durante a fase da pesquisa exploratória. O capítulo, dividido em subseções, abrangem as produções do artista, organizadas de forma temática e espacial, considerando sua vida no Recife e Rio de Janeiro, estruturando o capítulo em uma certa cronologia para melhor compreensão. Não se pretende nesta dissertação fazer uma biografia completa do artista, porém é importante conhecer um pouco sobre sua vida para entender sua obra.

4.1 Origem e Dados Biográficos

“Não é fácil recompor o que está perdido no tempo. Por mais viva que seja a memória, nem sempre alcança o verdadeiro sentido de reações a fatos e acontecimentos já mortos. É difícil saber até que ponto o presente não interfere no passado, se a rememoração tenta reconstituí-lo. A minha vida não descontinuou. Alterou-se, apenas, sujeitou-se ao correr do tempo, que transforma e modifica, desfaz mas não refaz.” (JARDIM, 1976, p. 9).

Luís Inácio de Miranda Jardim nasceu no dia 8 de dezembro de 1901, em Garanhuns, interior de Pernambuco, como muitos Luíses nascidos por essa região do país, logo ganhou o apelido de Lula.

Seu pai era o coronel Manuel Antônio de Azevedo Jardim, o qual foi concomitante prefeito de Garanhuns e de Canhotinho e eleito Deputado Estadual por dois mandatos, além de exercer a profissão de professor, e sua mãe Angélica Aurora de Miranda era dona de casa. O casal tinha mais duas filhas, mais velhas que Luís, Maria das Dores e Maria do Carmo, sendo o pequeno Lula o caçula da família. Sua família possuía forte influência política na região, além do seu pai, seus tios Argemiro de Miranda e Luiz Afonso Jardim também exerceram mandatos de prefeito no município de Garanhuns.

Segundo seu livro de memórias *O Meu Pequeno Mundo* (1976), Luís se considerava uma criança incomum, falava com os animais e com as plantas na vida rural que levava no Agreste, tinha uma imaginação aguçada e uma forte aptidão para o aprendizado. Frequentou a escola dos sete aos 13 anos de idade, abandonando os estudos formais por decorrência de uma doença, tendo cursado somente o primeiro grau, como relatado pelo mesmo em entrevista cedida ao arquivo de história oral do CEHIBRA⁹: “Fui muito doente quando criança, tive febre paratífica, quase morro, tive um começo de beribéri” (JARDIM, 1979, p.33).

Ainda de acordo com seu livro de memórias, na infância sua maior atividade era desenhar, seu tio Argemiro de Miranda teve grande influência nesta prática, desenhava e estimulava Lula a fazer o mesmo, dando conselhos e o instigando a

⁹ Entrevista gravada por Joselice Jucá em 22 de outubro de 1979, na casa de Jardim, no Rio de Janeiro, para o arquivo de história oral do Centro de Documentação e Pesquisa da História do Brasil (CEHIBRA) do Instituto de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco. Esse documento se encontra transcrito no livro *Imagem e Texto: Homenagem ao pintor e escritor Luís Jardim*, organizado por Edson Nery da Fonseca

sempre melhorar o traço. Outra habilidade que desempenhou nessa época foi o de calígrafo, chegando até frequentar a oficina tipográfica da igreja, onde ganhou seu primeiro catálogo de tipos, e a tipografia do “Seu Veloso”, onde se imprimiam prospectos, rótulos baratos e o *Sertão*, jornal local, de pequena tiragem. Nesta última chegou até a ganhar tipos usados e desenhar letras para cartazes exibidos nos letreiros da oficina, sendo esses os primeiros relatos de seus primeiros trabalhos como artista gráfico, desaparecidos até então.

Mais tarde, ainda adolescente, desenhou rótulos para remédios na farmácia que trabalhou por um tempo, onde segundo o mesmo, caprichava nas letras. O artista cogitou a profissão de tipógrafo na infância, fato curioso contado em suas memórias, é que o próprio artista desistiu das letras nessa época, por conta do forte cheiro de querosene usado para limpar as mãos sujas de tinta tipográfica, pois, segundo o mesmo, tinha um sério problema com os odores.

Estes aprendizados que Jardim teve em sua juventude em Garanhuns irão repercutir por toda sua trajetória profissional ao longo dos anos, o amor pelo desenho e pelas letras, seja a tipografia ou a literatura, irão moldar a versatilidade artística que o artista possui, assim como a infância vivida no interior influenciou boa parte de sua obra.

4.1.1 Tragédia e mudança para Recife

Em 1917, uma tragédia mudou para sempre a vida do jovem Luís Jardim. Aos 15 anos de idade teve boa parte de sua família assassinada por motivos políticos na chacina conhecida como a “Hecatombe de Garanhuns”. Mário Márcio de Almeida Santos (1992) narra, em sua obra sobre a hecatombe, que o que ocorreu foi o resultado de uma série de embates políticos que aconteceram na cidade, principalmente, nas eleições para prefeito um ano antes. Foi uma eleição tumultuada, em um cenário político bastante polarizado, de um lado havia José da Rocha Carvalho, o candidato apoiado pelos Jardins, e do outro o tenente-coronel Júlio Brasileiro.

Durante as eleições, o capitão Sales Vila Nova, aliado de José da Rocha Carvalho, foi ameaçado de agressão pelo candidato oponente, Sales por sua vez revidou com mais ameaças de morte a Júlio Brasileiro, caso algo acontecesse a ele, como relatado pelo professor Cláudio Gonçalves (2017)¹⁰, coordenador da Comissão do Memorial Centenário da Hecatombe de Garanhuns.

As ameaças se tornaram realidade de ambos os lados, e em 14 de janeiro de 1917, o então prefeito recém eleito Júlio Brasileiro, foi assassinado pelo capitão Sales Vila Nova em frente ao Café Chile na Praça da Independência, no Recife. Com isso, a família do prefeito assassinado, prometeu vingar a morte de Júlio Brasileiro, mandando diversos cangaceiros armados com rifles para Garanhuns partindo de Brejão com o intuito de assassinar os adversários de Júlio Brasileiro, já que se acreditava que Villa Nova havia agido sob comando desses (GONÇALVES, 2017).

O que ficou conhecido pelo nome de Hecatombe de Garanhuns, foi a chacina que ocorreu na cidade, sendo os primeiros alvos da vingança a família Jardim — a qual apoiava politicamente José da Rocha Carvalho. Como relatado por Gonçalves (2017), os homens armados a mando da família Brasileiro foram até a casa de Manoel Jardim, onde agrediram as filhas e a esposa dele e, em seguida, foram ao armazém dos irmãos Miranda e atiraram várias vezes, mas Argemiro e Júlio Miranda, tios de Luís Jardim, estavam escondidos.

O auge do massacre aconteceu na cadeia pública de Garanhuns, onde as vítimas haviam se refugiado, como ilustrado por Van Der Linden (Fig. 3) e relatado por Gonçalves (2017, n.p.) “horas mais tarde, perto das 15h, todos os líderes políticos foram supliciados. Foi um tiroteio que durou quase meia hora. Foi muita violência. O reforço policial que estava vindo do Recife só chegou por volta das 16h”.

¹⁰ “Hecatombe de Garanhuns completa 100 anos neste domingo” - Matéria do Diário de Pernambuco, disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2017/01/hecatombe-de-garanhuns-completa-100-anos-neste-domingo.html> Acesso em: 26 de Jun. 2020.



Figura 3 - “O assalto a cadeia” ilustração de Ruben Van Der Linden. Fonte: Imagem extraída do *Almanaque de Garanhuns* 1936, presente no acervo de obras raras da Biblioteca Pública de Pernambuco.

A Hecatombe de Garanhuns deixou diversos mortos e feridos na cidade, foi um terrível episódio político, reflexo do coronelismo presente na sociedade do Brasil da época, evidenciando o poder das elites, onde as camadas mais populares foram levadas a se submeter às intenções dos poderosos. Como comenta Mário Márcio de Almeida Santos (1992), foram os serviçais da família dos coronéis que atacaram a cadeia, e foram os soldados subalternos que a defenderam, ambos os lados mortos para cumprir vingança entre as famílias.

Passado a chacina em Garanhuns, várias famílias começaram se refugiar em outras cidades, ainda por medo do que poderia acontecer por consequência da hecatombe. O evento foi o estopim do fim do mandato político tanto dos Brasileiros como dos Jardins na cidade. Sendo assim, Luís e sua mãe, Angélica de Miranda se mudaram para o Recife, indo morar no Largo da Paz, no bairro de Afogados, (CEHIBRA, 1979).

4.2 Artista Gráfico Pernambucano

No Brasil, até a década de 1950 os profissionais que trabalhavam com desenhos para a comunicação impressa, eram denominados conforme o campo de trabalho e função que exerciam na indústria, segundo Marcos Braga (2016). Alguns desses termos eram diretores de arte, *layoutmen*, tipógrafos, capistas, ilustradores, desenhistas publicitários e artistas gráficos.

Estes novos profissionais, então, dominavam os desenhos solucionando problemas visuais e de impressão, desenvolveram práticas comuns ao que hoje conhece-se como design gráfico. Segundo narra a pesquisadora Julieta Costa Sobral (2005), estes profissionais subsidiaram a produção periódica, unindo arte e técnica numa atuação fundamental para a modernização do parque gráfico brasileiro, criando uma linguagem gráfica moderna e, ao mesmo tempo, popular.

Segundo Cavalcante (2012) conta em sua dissertação sobre Manoel Bandeira - contemporâneo de Jardim - no início do século XX, não havia uma divisão clara de categorização profissional dentro de uma carreira artística, ambas as áreas gráfica e artística (belas artes ou artes plásticas) estavam dentro de um mesmo universo, o do artista liberal. Dessa forma, cada artista se aprofundaria de acordo com seus interesses profissionais, muito embora houvesse um maior reconhecimento social dado a uma pintura, do que a uma ilustração para uma revista, por exemplo.

Em sua interpretação da década de 1920, Souza Barros (2015) complementa essa afirmação ao declarar que a década foi mais rica de desenhista que de pintores, e mesmo os que posteriormente enveredaram pela carreira mais artística, eram comumente solicitados para produzir o tipo de arte que possibilitava reprodução e maior interesse, geralmente na imprensa. O autor também comenta que era comum por parte dos intelectuais a preocupação de aprender ou usar o desenho.

Jardim, recém chegado ao Recife, frequentador da esquina da Lafayette e próximo dos intelectuais da época foi um dos que utilizou o desenho para se expressar, contudo, como visto no item anterior, sua carreira artística era genuína.

Desde sua infância em Garanhuns, já desenhava e ilustrava letras, cartazes e rótulos de forma recreativa, aprendendo com os mestres que conheceu ou de forma autodidata. Seus primeiros trabalhos de forma profissional se deram no Recife, em meados da década de 1920, onde apesar do artista não ter cursado nenhuma escola ou curso de artes, sua atuação na indústria gráfica pernambucana serviu, na prática, como uma grande formação para o mesmo.

Ao chegar à capital pernambucana, Jardim trabalhou como caixeiro na Casa Gondim (empresa do ramo de perfumaria), onde teve a oportunidade de conhecer Alfred Gammel, um senhor das Antilhas, o qual se tornou professor particular de inglês do jovem, por muita insistência desse. O professor estrangeiro teve grande influência na vida de Jardim, graças a ele, o garanhense teve contato não somente com a literatura inglesa, mas também a sua língua materna, já que o Mr. Gammel o forçou aprender o português para poder lhe ensinar o novo idioma, sendo assim, o artista que só possuía o primeiro grau completo, se forçou a estudar a gramática para ter acesso às aulas com o professor.

Em testemunho do próprio Jardim presente na obra de Souza Barros (2015, p. 186) o artista revela: “O meu analfabetismo quase total não me impediu, felizmente, dos contatos altos, das amizades que engrandecem pelo comportamento moral: Cardozo, Borba, Zé Maria”, os três nomes mencionados fazem referência a Osório Borba que o apresentou a Joaquim Cardozo e José Maria de Albuquerque e Melo, grandes influências na vida do artista.

Com José Maria de Albuquerque e Melo o artista apresentou suas primeiras colaborações para a indústria gráfica pernambucana em 1926, na famosa *Revista do Norte* de José Maria. Segundo Hélio e Bruscky (1998), Jardim ilustrou quatro páginas do poema “Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados” de Gilberto Freyre, ilustrações essas que, segundo os autores, de tão raras não existem nem na biblioteca de Freyre¹¹.

¹¹ Sua participação para a *Revista do Norte* não foi localizada nos acervos visitados para essa pesquisa, provavelmente graças a irregularidade da seriação dos exemplares da revista, discutida em 3.1

O artista era um dos frequentadores do Café Continental, localizado na esquina da Lafayette, reduto da intelectualidade recifense na época, lá conheceu personalidades com as quais mantivera laços de amizade e profissionais. Joaquim Cardozo foi quem o apresentou a Manuel Lubambo, com quem colaborou como crítico literário no *Frei Caneca* em 1927, mensário de pensamento regionalista, separatista e distributista, o qual ajudou a fundar e segundo Nascimento (1982, p. 258), publicou seu “primeiro trabalho em letra de fôrma”.

Jardim comumente colaborou para a imprensa como crítico de arte. Em um de seus textos para o jornal *A Província* de 1929, ele comenta sobre o que é ser artista no Brasil, relatando que este indivíduo possuidor de uma natureza necessariamente insubmissa e voluntária, estaria antes obedecendo a um fim comercial mais do que artístico. Relato esse que corrobora com as atuações dos artistas nas primeiras décadas do século XX, emprestando seu valor artístico a indústria gráfica que cada vez mais exigia dessa mão de obra, prática também exercida por Jardim concomitantemente.

Foi graças a sua presença regular à casa do professor Gammel que Jardim conheceu sua futura esposa Alice, a qual morava ao lado do local que era realizada as aulas de inglês (SOUZA BARROS, 2015). Sobre o casamento com Alice e esse período, Gilberto Freyre comenta¹²:

[...] o romântico namoro de Luís Jardim com a sua doce Alice. Namoro de rapaz pobre com moça rica. Namoro que terminaria em casamento, contra a vontade do pai da moça, para quem Jardim era um boêmio sem futuro certo ou respeitável. [...] O romantismo nesse casamento foi tão perfeito que em pouco tempo o casal rico tornou-se romanticamente pobre. A fase de riqueza foi porém brilhante: um Jardim elegantíssimo no vestir, proprietário de um cassino em Olinda, dono da mais bela, da mais moderna, da mais aliciante barata no Nordeste do Brasil, anfitrião magnífico, nababo intelectual com professor particular de francês e obras de literatura inglesa importadas de Londres (FREYRE, 1972, p. 35).

Foi graças a Freyre, inclusive, que Jardim iria ter as mais diversas colaborações profissionais, o sociólogo é figura frequente na biografia do artista. Nos arquivos encontrados durante essa pesquisa foi comum encontrar o nome dos dois pernambucanos juntos, caracterizando uma amizade que ia além das letras e

¹² ‘A propósito do recifense Luís Jardim, escritor e pintor brasileiro’ Gilberto Freyre, Revista Brasil Açucareiro, Janeiro de 1972

desenhos. A amizade dos dois se deu logo após a chegada de Freyre ao Recife, após cinco anos nos Estados Unidos e Europa, tendo sido apresentado a esse por intermédio do seu irmão Ulysses, o qual já conhecia Jardim.



Figura 4 - Fotografia de Jardim e Freyre. Da esquerda para a direita: Luís Jardim, Gilberto Freyre e Olívio Montenegro. Fonte: fotografia extraída da revista *O Cruzeiro* de 1955, presente no acervo online Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Segundo Jardim, as ideias de Freyre “coincidiam com o pernambucanismo” do grupo ao qual ele participava, “não se pode negar a influência extraordinária que Gilberto Freyre exerceu em meio mundo. Em Pernambuco e por toda parte.” finaliza o artista ao comentar sobre Freyre (SOUZA BARROS, 2015, p. 189). É notório, através de depoimentos do próprio artista, que suas influências coincidiam com o regionalismo Freyriano.

Em outro depoimento ainda falando sobre suas influências, o artista comenta que Osório Borba e José Lins do Rego o influíram muito na sua passagem pelo Recife, contudo, a vida sertaneja influenciou muito mais sua arte, “só farei qualquer coisa que exprima a minha terra, a minha zona nordeste, [...] assisti a pega de boi, achei uma coisa fabulosa a vida do mato, o faro que o sertanejo tem. [...] Acho os tipos fabulosos, acho a vegetação ‘sui generis’” (JARDIM, 1985, p. 39-40).

Tais influências que o artista comenta são perceptíveis em sua obra, principalmente, suas primeiras incursões como artista gráfico, as quais contemplaram pinturas; capitulares e letreiros; vinhetas; desenhos de moda;

cenografia e murais; retratos; capas e ilustrações de livros, jornais e revistas, esmiuçados a seguir.

4.2.1 Primeiros trabalhos para a imprensa ilustrada

Jardim participou efetivamente da segunda fase do jornal *A Província* em 1928, comandado por Gilberto Freyre. O artista entrou para a equipe do impresso como ilustrador junto de Manoel Bandeira e Joaquim Cardozo. Nos exemplares encontrados no acervo online da Biblioteca Nacional, há a presença de desenhos de Jardim até o ano de 1930, quando nota-se uma propagação maior de imagens fotográficas em detrimento de ilustrações.

Em um comentário sobre a colaboração do garanhuense, Freyre (1985, p. 20) relata: “De Jardim, um, muito dele, ‘Carregadores de piano’: tema regional e tradicional, tratado por traço arrojadamente moderno”. A ilustração a qual o sociólogo se refere é a exibida a seguir (Fig. 5), presente em edição de agosto de 1928 (sua primeira colaboração para o jornal); a imagem que Jardim ilustra se trata da pitoresca atividade de carregadores de piano, antigo ofício que se extinguiu ao longo da segunda metade do século XX, a qual homens carregavam o instrumento pesado sobre suas cabeças, enquanto cantavam cantigas de tradição popular.

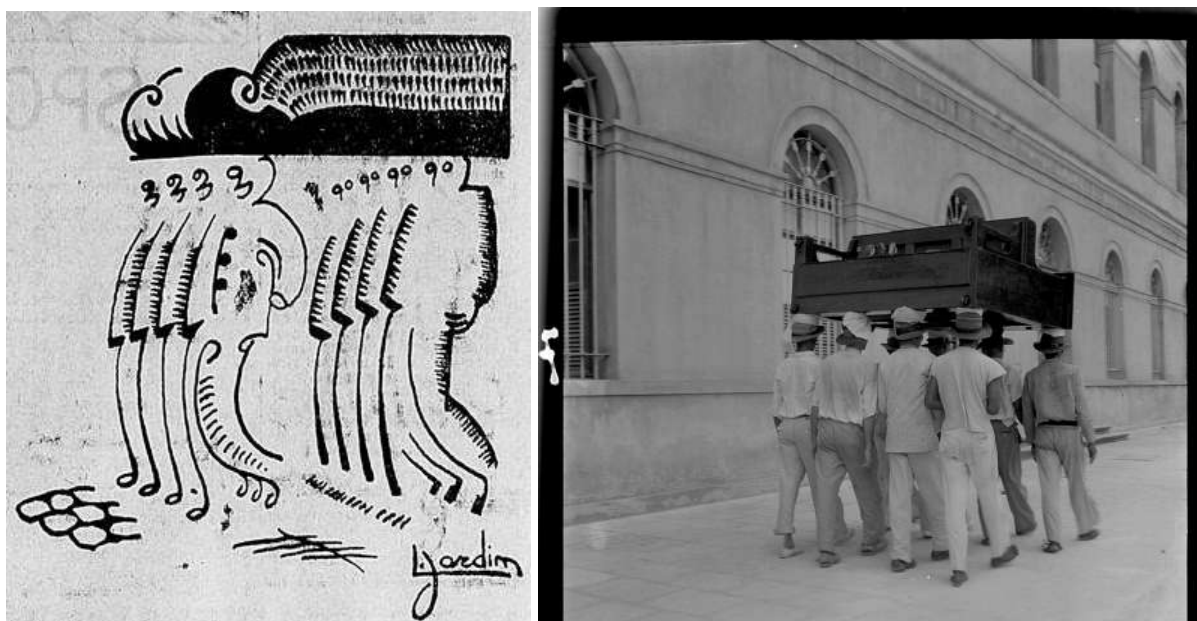


Figura 5 A e B - Ilustração ‘Carregadores de Piano’ | Fotografia ‘Grupo de Carregadores de Piano’. Fonte: Ilustração de Luís Jardim para *A Província* (1928), encontrada no acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Fotografia de 1938 do Recife, extraída do site do Centro Cultural São Paulo, Acervo de Pesquisas Folclóricas.

Sobre sua participação em *A Província*, Souza Barros (2015, p. 207) comenta que tanto Jardim como Manoel Bandeira eram “cultores do bico de pena”, fato esse percebido e atestado em outras obras do artista. Das colaborações de Jardim para esse impresso, destacam-se os primeiros retratos que o artista fez, já que essa seria uma de suas características no trabalho que iria desempenhar futuramente para a José Olympio.

Em 1930, já tendo participado da *Revista do Norte* e *A Província*, Luís Jardim é convidado por José Hibemom Wanderley para integrar a equipe do “novo magazine ilustrado”, a *Revista de Garanhuns*, uma “iniciativa arrojada” como noticiada no *Diário de Pernambuco* (NASCIMENTO, 1994, p. 133). A *Revista de Garanhuns* durou apenas três edições, confeccionada em oficinas do próprio José Wanderley. Nota-se aqui a unidade projetual das capas feitas por Jardim (Figs. 6), onde há uma preocupação com a identidade visual presente nas três edições.



Figura 6 A, B e C - Capas da *Revista de Garanhuns*. Fonte: Fotografia do autor a partir das capas presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e Biblioteca Blanche Knopf.

Na *Revista de Garanhuns*, Luís ainda um jovem artista gráfico em ascensão de 29 anos, apresentou diversas ilustrações nas páginas internas, vinhetas e capitulares. Dos periódicos pernambucanos encontrados durante essa pesquisa, a revista garanhuense foi o material que Jardim mais colaborou sucessivamente (Fig. 7), participando das três edições da revista. Um de seus trabalhos para essa revista

irá aparecer depois em edição do *Almanaque de Garanhuns* de 1936, comandado pelo também garanhuenso Ruben Van Der Linden.



Figura 7 A e B - Ilustrações internas da *Revista de Garanhuns* feitas por Luís Jardim. Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e Biblioteca Blanche Knopf.

O artista ainda colaborou para a revista carnavalesca *No Passo* em 9 de Fevereiro de 1929, dirigida por Edmundo Celso, a qual ilustrou a página de rosto (NASCIMENTO, 1982); e nos anos 1930 trabalhou amplamente para a imprensa, com colaborações para a revista *Momento* de direção de Aderbal Jurema e Odorico Tavares em 1933; e fez capa para a *Revista* em edição dedicada aos estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Contudo, esses impressos encontram-se ausentes nos acervos visitados para essa pesquisa.

Para a *Revista Moderna* colaborou duas vezes (Fig. 8), em 1933, sendo a segunda vez na edição de aniversário da revista. Uma de suas ilustrações presente nessa edição é um original de um dos painéis da decoração que Jardim fez para a festa em homenagem a Freyre, em comemoração a seu livro *Casa-Grande & Senzala*, o qual Luís Jardim ajudou datilografar. Esse último desenho, em particular, sugere os rumos que sua produção começaria a ter após suas experiências nos impressos mencionados, o artista começaria a traçar outros caminhos para além da imprensa periódica na indústria gráfica, como os murais de decoração, por exemplo. No ano anterior, o artista já havia produzido a decoração de carnaval do Olinda

Casino Club (o qual era de sua propriedade), junto a Joaquim Borges, segundo noticiado no *Diário da Manhã*¹³.

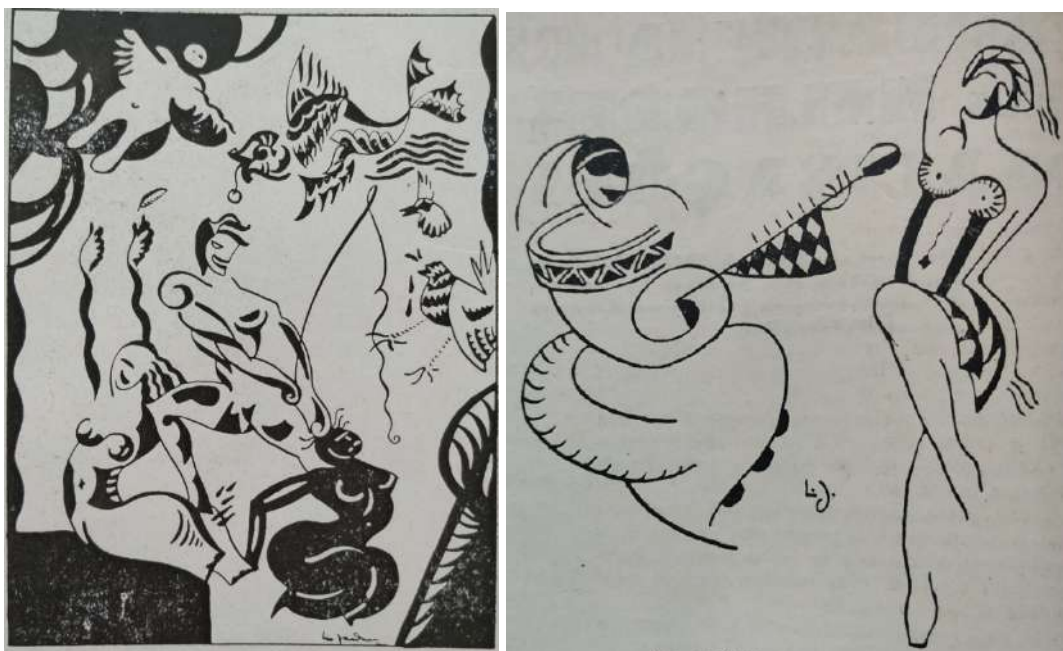


Figura 8 A e B - Ilustrações internas da *Revista Moderna*. Fonte: Fotografia do autor a partir de exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Em 1934 o artista colabora com uma ilustração para o primeiro número do mensário *Acção Pernambucana* (Fig. 9), órgão da Ação Imperial Patrianovista de Pernambuco, o frade que Jardim apresentou no editorial “Notas de Arte”, recebeu na legenda da imagem comparações a Cícero Dias e elogios pela “agilidade do traço”.

¹³ Matéria do *Diário da Manhã*, Ano 5, Número 1448, 3 de Fevereiro de 1932. Disponível em: Coleção do jornal *Diário da Manhã* - Acervo da Companhia Editora de Pernambuco Digital

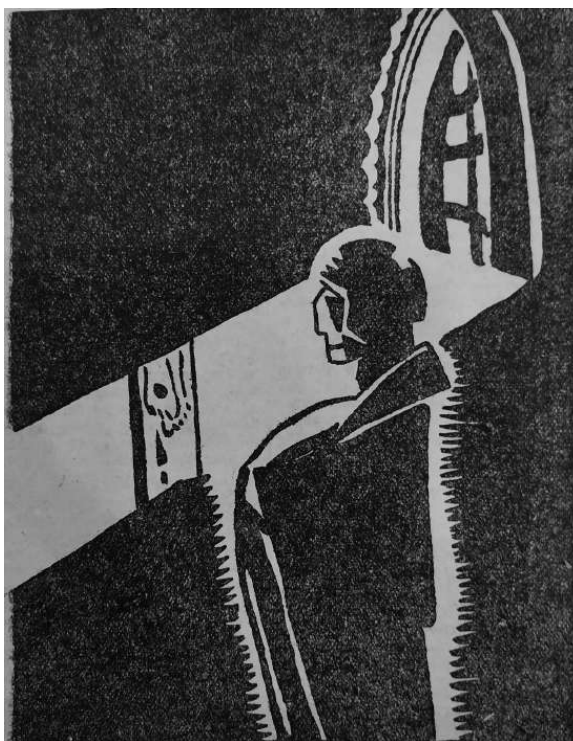


Figura 9 - Ilustração para *Acção Pernambucana* (1934). Fonte: Fotografia do autor a partir de exemplar presente no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

O traço de Jardim presente nessas suas primeiras colaborações na imprensa periódica refletem o que discutimos no capítulo anterior, uma mudança na linguagem gráfica utilizada pelos artistas gráficos da época, os quais em meio às mudanças tecnológicas e culturais se adaptaram a estilos mais simples, como argumenta Cavalcante e Campello (2014):

Com o passar do tempo, formas mais sintéticas e traços mais econômicos nos demonstram o desenvolvimento de um estilo que se adaptava às condições impostas. Há também que se considerar as referências da arte moderna, que, a partir da virada do século XX, já propunham uma contraposição ao rebuscamento vigente no século anterior, propostas estéticas que são gradativamente absorvidas pela indústria gráfica, no pacote do que se convencionou chamar de estilo Art Decó. Neste caminho, a geometrização e as formas mais simples tanto condiziam as tendências contemporâneas, como a princípio agilizariam as soluções de composição do processo gráfico (CAVALCANTE e CAMPELO, 2014, p.29).

Este estilo presente em boa parte das ilustrações que Jardim fez pode ser entendido como próprio de sua maturidade como artista, já que se trata de suas primeiras experiências na indústria gráfica, a qual representa um momento de experimentação do artista, ao mesmo tempo em que o mesmo era reconhecido e

convidado para novos trabalhos na indústria, que logo atrela um estilo próprio ao garanhense.

4.2.2 O Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife

Em 1934 Gilberto Freyre publicava o *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, com participação de Luís Jardim, talvez o seu trabalho de maior projeção nessa época e considerado o primeiro guia turístico do Brasil¹⁴. Segundo Souza Barros (2015) a tipografia da *Revista do Norte* editou o guia, contudo segundo nota em edição comemorativa fac-similar da primeira edição, José Maria foi responsável apenas pela reprodução do mesmo.

A primeira edição, datada de 1934, teve uma tiragem de apenas 105 exemplares, numeradas à mão, todos em papel Vidalon-Motval, ilustrações de Luís Jardim e trabalho de composição e impressão das oficinas gráficas The Propagandist, de Maurício Gomes Ferreira. Reproduções de José Maria C. de Albuquerque (PIMENTEL, 2006, p. 2)



Figura 10 A, B e C - Capa, folha de rosto e primeira página do *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, com ilustração e capitular de Luís Jardim. Fonte: Fotografia do autor de fac similar da primeira edição do Guia, acervo pessoal do autor.

O livro possui um trabalho gráfico bastante promissor pra época que foi lançado, contendo duas pequenas aquarelas originais, de Jardim, em cada uma das 105 edições diferentes, sendo a primeira pintada em papel branco e colada na capa e a outra pintada direto na folha de rosto (Fig. 10 A e B); vinhetas em preto e vermelho no alto de cada página, capitular impressa em cores (Fig. 10 C) e diversas

¹⁴ Segundo nota na edição fac-similar da primeira edição, publicada pela Fundação Gilberto Freyre em 2006.

ilustrações do artista reproduzidas nas páginas, além de fotografias e mapas (Fig. 11) (KNYCHALA, 1980). Essa configuração foi utilizada mais tarde em outros guias que foram feitos, utilizando o do Recife como modelo.



Figura 11 - Mapa de Luís Jardim presente no *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. Fonte: Fotografia do autor de fac similar da primeira edição do Guia, acervo pessoal do autor.

Para o Guia, Jardim utiliza um estilo diferente do qual vinha mostrando em suas primeiras incursões na imprensa, percebe-se uma maturação no traço do artista e na própria linguagem que logo ele vai se apropriando. Formas assimétricas e orgânicas se transformam em paisagens da cidade e figuras humanas, algumas num contraste forte utilizando da inversão do preto com o branco, imagem que lembra muito uma xilogravura (Fig. 12).



Figura 12 A, B e C - Ilustrações de Luís Jardim presente no *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. Fonte: Fotografia do autor de fac similar da primeira edição do Guia, acervo pessoal do autor.

O Guia foi reeditado pela José Olympio em 1942, 1961 e 1968, em edições revistas e atualizadas, com ainda algumas novas participações de Jardim (Fig. 13). Graças a esse trabalho, o artista foi convidado ainda para colaborar com as capitulares do guia de Olinda, também de Freyre; em 1939, com ilustrações para o *Guia de Ouro Preto*, escrito por Manuel Bandeira e publicado pelo Ministério da Educação e Saúde em 1938; e também no *Aparencia do Rio de Janeiro*, outro guia ilustrado, escrito por Gastão Cruis, publicado pela Editora José Olympio em 1952 (VERISSIMO e CAMPELLO, 2019).



Figura 13 - Conjunto de capitulares para 3ª edição do *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. Fonte: Fotografia do autor da edição do Guia, acervo pessoal do autor.

4.2.3 Jornais periódicos

Após sua participação no Guia de Freyre, Jardim foi convidado para participar de dois mais importantes jornais pernambucanos na época¹⁵, os quais se mantêm em circulação até os dias atuais, para o *Diário de Pernambuco* em 1935 e 1936 e nesse mesmo ano para o *Jornal do Commercio*.

Em 1935, o *Diário de Pernambuco* começou adotar aos domingos um terceiro caderno, tabloide de oito páginas, contendo reportagens ilustradas, contos, curiosidades e biografias de personalidades. Nessa época o Diário era comandado por Dário de Almeida Magalhães, que assumia o cargo interino de diretor gerente após a saída de Ismael Ribeiro (NASCIMENTO, 1968).

Em 9 de março desse mesmo ano, saía um especial do “IV Centenário da Fundação da Capitania de Pernambuco (1535 -1935)” com capa de Manoel Bandeira no caderno principal e capa em formato de página publicitária de Luís Jardim para o terceiro caderno com o título de: “A Cooperação Portuguesa no Progresso de Pernambuco”, mostrando as empresas comerciais portuguesas que prestavam serviço em Pernambuco (Fig. 14).



Figura 14 - Capa para 3º caderno do *Diário de Pernambuco* (1935). Fonte: Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

¹⁵ Segundo Luiz do Nascimento em relato presente na obra de Souza Barros (2015, p. 215).

Dois meses depois, em 2 de Maio, Luís Jardim colaborou para a capa do segundo caderno de uma edição especial do *Diário de Pernambuco* dedicada à Paraíba, sintetizando toda a atividade econômica do Estado. Para essa edição, o artista também fez uma ilustração presente no mesmo caderno, a qual segundo a legenda da mesma é uma reconstituição de um desenho original de Franz Post das armas da Paraíba durante o Brasil Holandês (Fig.15).

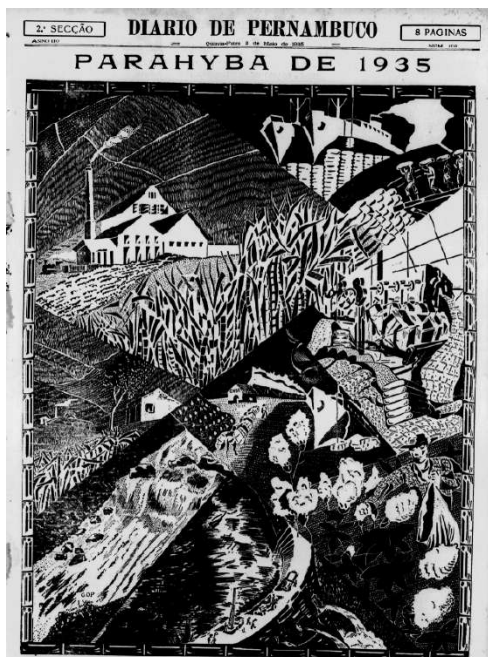


Figura 15 A e B - Capa e ilustração interna para 2º caderno do *Diário de Pernambuco* (1935). Fonte: Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Ainda em maio, no dia 7, Luís Jardim faz sua maior participação para o *Diário de Pernambuco*, ilustrando a capa do caderno principal com título de “God save the king” dedicada ao jubileu de prata do rei da Inglaterra, colaborando ainda com duas ilustrações de monumentos ingleses (o templo anglicano e o cemitério britânico), as quais se assemelham muito em estilo com as imagens presentes no *Guia de Recife*. O artista ainda ilustra a capa do segundo caderno, novamente em formato de página publicitária ou de anúncios com o título “A Cooperação Inglesa no Progresso de Pernambuco” (Fig. 16), bastante semelhante a que tinha feito anteriormente (Fig. 14).



Figura 16 A e B - Capas para caderno principal e 2º caderno do *Diário de Pernambuco* (1935). Fonte: Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Em 1936, em uma participação um pouco menor, Jardim ilustra imagem de Jesus para a coluna Vida Religiosa de edição do *Diário de Pernambuco* de 9 de Abril. Tendo em vista a participação de Jardim para o Guia de Gilberto Freyre, esse de grande repercussão na imprensa, infere-se que provavelmente um trabalho levou ao outro, nessa época o artista já era bem conhecido e suas capas para o *Diário de Pernambuco* lhe renderam convite para outras futuras capas, dessa vez para o *Jornal do Commercio*.

Em 19 de janeiro de 1936, o *Jornal do Commercio* incluiu aos domingos e quintas-feiras o *Suplemento Carnavalesco*, com o objetivo de “assegurar sua melhor cooperação ao brilho e ao entusiasmo das festas de Momo” o impresso possuía seis páginas ilustradas, com “frases chistosas, comentários, versos, perfis pitorescos, de autoria do pessoal da redação e de toda a gente de espírito que quisesse colaborar” (NASCIMENTO, 1967 p. 183). Com o título de “Sugestões” para fantasias, na primeira página de cada edição do suplemento havia um desenho de figurino impresso em cores de autoria de Luís Jardim (Fig. 17).



Figura 17 - Figurinos de carnaval ilustrados por Jardim para *Suplemento Carnavalesco do Jornal do Commercio* (1936). Fonte: Composição do autor a partir de fotografias de exemplares presentes no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Em 23 de Fevereiro, Domingo de Carnaval era publicado o último suplemento com capa do caderno principal também dedicada à festa, a ilustração de Pierrot e Colombina impressa em duas cores (verde e preto) era assinada por Luís Jardim (Fig. 18 A). No outro dia, em edição extraordinária de 12 páginas, a mesma capa era exibida, desta vez impressa nas cores rosa e preto (Fig. 18 B).



Figura 18 A e B - Capas para o *Jornal do Commercio* (1936). Fonte: Fotografia do autor a partir de exemplar presente no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Como bem comentado anteriormente, o artista já havia participado de outro impresso carnavalesco — popular à época — a revista *No Passo* em 1929, como também para a *Revista Moderna* em 1933, comparando essas duas ilustrações de Pierrot e Colombina, ambas refletem momentos e estilos totalmente diferentes do

artista, novamente nos conotando a uma evolução de linguagem, como também representa sua versatilidade perante às artes gráficas.

No ano anterior, em 1935, Jardim havia vencido o Concurso de Cartazes da Federação Carnavalesca Pernambucana¹⁶, o trabalho do artista, assim como a maioria dos pernambucanos, perpassou o imaginário do carnaval tão presente no nosso estado, provavelmente esse seu mérito o prepararam para as mais de dez ilustrações de figurinos que fez para o *Jornal do Commercio*. O suplemento o qual Jardim colaborou é repleto de ilustrações dos mais diferentes estilos e autores sobre o tema do carnaval, os quais em uma investigação mais profunda pode render bons frutos para os estudos de memória gráfica.

Luís Jardim ainda colaborou duas outras vezes para o *Jornal do Commercio* em 1936, na capa da edição de aniversário do jornal em abril, a qual a imagem impressa em verde e preto exibia o prédio sede do jornal e uma máquina imprimindo diversos exemplares do impresso (Fig. 19 A). Já em 1º de Maio em homenagem à Alemanha e ao dia do trabalho, o jornal dedicou “seis páginas a louvação de Adolf Hitler e suas realizações sob o regime nazista” (NASCIMENTO, 1967 p. 185), com direito a anúncios de casas comerciais alemãs resididas no Recife e capa com suástica e os dizeres “*Tag Der Arbeit brasilien - 1936*” ilustrada por Jardim (Fig. 19 B).

¹⁶ Não foi possível encontrar o cartaz que venceu o Concurso, por ter sido um achado recente, já no momento da escrita dessa dissertação.



Figura 19 A e B - Capas para o *Jornal do Commercio* (1936). Fonte: Fotografia do autor a partir de exemplar presente no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Ainda do mesmo ano o artista colaborou para o *Anuario de Pernambuco* de 1936, suplemento de pouco mais de 300 páginas, do *Diário da Manhã* e *Diário da Tarde*, organizado pela respectiva empresa (NASCIMENTO, 1970). No suplemento há uma ilustração do Recife, de autoria de Jardim, que muito se assemelha em estilo a seus desenhos para o Guia de Freyre (Fig. 20).

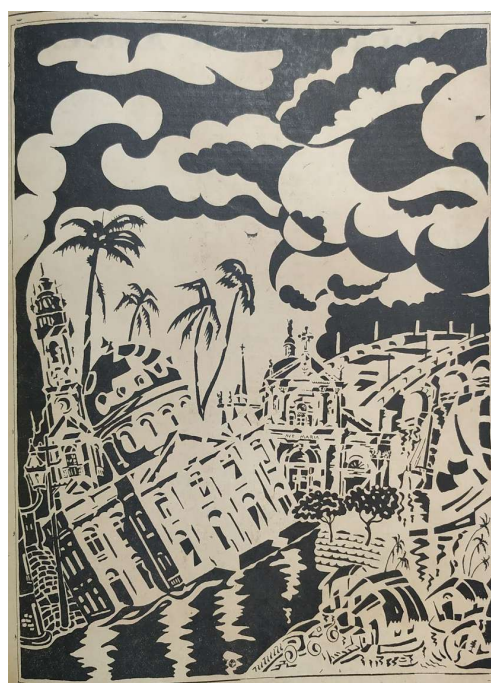


Figura 20 - Ilustração de Luís Jardim para o *Anuario de Pernambuco* de 1936. Fonte: Fotografia do autor a partir de exemplar presente no setor de obras raras da Biblioteca Blanche Knopf.

Nessa época, no âmbito profissional o artista já possuía certo prestígio na sociedade, lhe rendendo elogios e aparições na imprensa. No ano anterior, junto de Manoel Bandeira, o artista participou do stand de Pernambuco na Exposição centenária da Farroupilha, realizada em Porto Alegre e de grande prestígio para ambos os artistas (HÉLIO e BRUSCKY, 1998). O artista havia colaborado também para a Liga Feminina Pernambucana Pró José Américo, ilustrando selos e cartazes para a campanha à presidência deste (impedida pela instauração do Estado Novo por Getúlio Vargas).

Em 1936 ainda, a convite de Rodrigo de Melo Franco e da Sociedade Felipe de Oliveira, Jardim monta uma exposição de aquarelas no Rio de Janeiro, na Galeria Leandro Martins, com cerca de 40 aquarelas, todas evocando aspectos do Recife e Bahia. O sucesso dessa exposição foi um dos impulsos que fez o artista se mudar para o Rio de Janeiro com sua esposa Alice, onde morou até o restante de sua vida em 1987, quando faleceu aos 86 anos.

4.3 O artista vai pro Rio de Janeiro

No Rio, auxiliou Mário de Andrade, junto de outros intelectuais da época como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, na elaboração do anteprojeto de lei que deu origem ao Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em janeiro de 1937, a pedido do então ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, segundo dados do site do IPHAN¹⁷. Jardim prestou serviços durante cinco anos ao SPHAN, por solicitação do então diretor do serviço, Rodrigo de Mello Franco, como o mesmo conta em entrevista ao CEHIBRA.

O artista não deixou de participar da imprensa ilustrada e periódica, como aconteceu com seus primeiros trabalhos em Pernambuco, colaborando com alguns jornais e revistas, nessa pesquisa encontramos participação de Jardim em alguns desses impressos. Há participação de Jardim para a revista *Diretrizes* (1939 e 1941); no jornal *Correio da Manhã* (1945); na revista *Sombra* (1946 e 1949); para o

¹⁷ “Iphan completa 70 anos de proteção da memória brasileira” Portal do IPHAN 2007, Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1774/iphan-completa-70-anos-de-protecao-da-memoria-brasileira> Acesso em: 29 de Ago. 2019.

Letras e Artes, suplemento do jornal *A Manhã* (1946); e para a revista *O Cruzeiro* (Fig. 21) (1953 e 1954).



Figura 21 - Autorretrato de Luís Jardim para a revista *O Cruzeiro* (1954). Fonte: Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Jardim ainda ingressou no Instituto do Açúcar e do Alcool em 1955, no setor de Serviço de Documentação da Divisão Administrativa, onde exerceu a função de chefe da Seção de Documentação (HÉLIO e BRUSCKY, 1998). Lá também colaborou com a revista *Brasil Açucareiro*, publicação quinzenal distribuída em todo o país e dirigida pela Comissão de Defesa da Produção do Açúcar, a revista surgiu em 1932 e teve sua última edição em 1979, nesta publicação, encontramos vinhetas, capitulares e várias capas feitas por Jardim, sendo uma de suas colaborações mais efetivas. Chamamos atenção para as diversas aquarelas que estampam as capas da revista, presente em algumas edições de 1957 e 1958 (Fig. 22).



Figura 22 - Capas de Luís Jardim para a revista *Brasil Açucareiro*. Fonte: Composição do autor a partir de fotografia de exemplares presentes no setor de obras raras da Biblioteca Blanche Knopf.

4.3.1 José Olympio Editora

Seu trabalho de maior prestígio na capital fluminense foi para a José Olympio Editora (J.O.). Segundo Hélio e Bruscky (1998) o artista trabalhou durante 20 anos na editora, contudo algumas evidências mostram que esse período pode ter sido mais longo.

Fundada em 1931 por José Olympio em São Paulo, a Editora José Olympio se mudou para o Rio de Janeiro três anos depois se consolidando como uma das maiores editoras do Brasil (NASTARI, 2014). A editora foi resultado do “surto editorial” ocorrido na época devido a facilidade e vantagens econômicas de publicar livros nacionais no Brasil, já que com a crise de 1929 e a desvalorização da moeda nacional, há um aumento no custo de importação de livros, advindo também da dificuldade de entrada de produtos estrangeiros por conta da Segunda Guerra, é nesse momento que o livro nacional começa a ganhar protagonismo perante o estrangeiro e o número de editoras cresce exponencialmente no país (CARDOSO, 2005).

De acordo com a biografia da Editora José Olympio, escrita por Lucila Soares (2004), Luís Jardim foi um dos primeiros artistas lançados pela Casa — apelido que

era chamada a editora, assim como Cícero Dias, Candido Portinari e Tomás Santa Rosa.



Figura 23 - Fotografia de Luís Jardim de 1955 na livreria José Olympio. Fonte: Acervo de Sérgio Alves da Silva, extraído das páginas do livro *Rua do Ouvidor 110: uma história da Livreria José Olympio*, 2006.

Acredito a partir dos achados bibliográficos, que Jardim trabalhou para a J.O. como capista e ilustrador em dois momentos, nos primeiros anos de sua chegada ao Rio de Janeiro, sendo esse resultado da sua relativa fama graças a sua exposição de aquarelas em 1936 e suas primeiras publicações como escritor, para a mesma editora. E a partir de 1957, como orientador técnico, segundo relata Freyre em matéria da revista *O Cruzeiro*¹⁸.

Suas funções como orientador técnico são relatadas a partir de Lucila Soares (2009), a qual menciona que o que mais se fixou na memória do público leitor da época foram os retratos a bico-de-pena dos autores que estampava as folha de rosto das edições que Jardim ilustrava (Fig. 24):

Jardim trabalhou na retaguarda da produção gráfica da editora junto com Daniel Pereira. Uma função estrategicamente importante, que estabeleceu um novo padrão no Brasil, onde, até a década de 1930, com raras exceções, a qualidade média desses serviços era baixa [...] Juntos, decidiam quem faria capa e ilustrações de cada lançamento (SOARES, 2009 p. 82).

¹⁸ Luís Jardim na J.O. Gilberto Freyre, presente em Revista *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 1957.

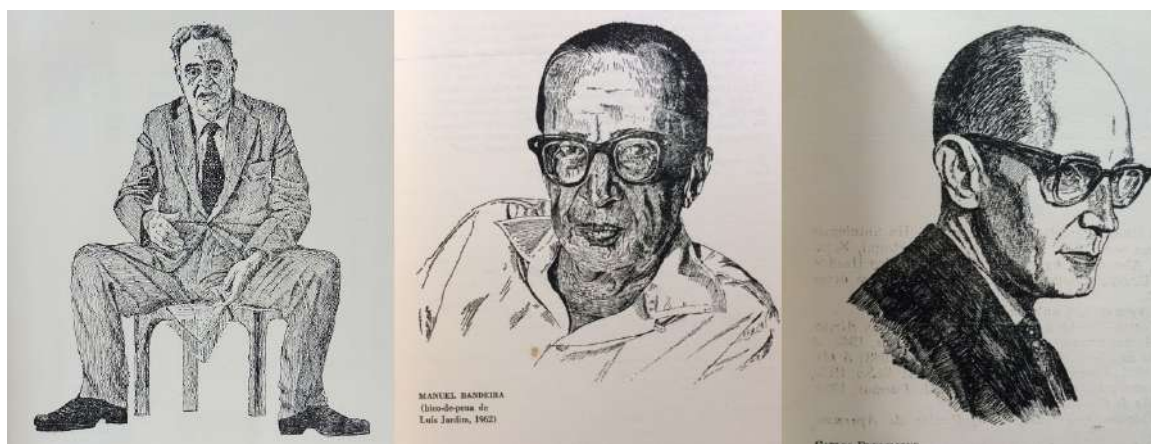


Figura 24 A, B e C - Retratos de Ascenso Ferreira em *Catimbó*, de 1963; Manuel Bandeira presente em *Andorinha*, de 1966 e Carlos Drummond de Andrade em *Cadeira de Balanço*, de 1966. Fonte: Fotografia do autor a partir das ilustrações presentes nos livros do acervo pessoal.

Mônica Gama, em artigo sobre os arquivos da José Olympio (2016), expõe em uma das cartas trocadas por Jardim com o tipógrafo Alfredo Bisordi, uma recomendação do artista para a impressão da quarta capa do livro *Tutameia* (Fig. 25), de Guimarães Rosa, um pequeno vestígio do trabalho exercido pelo artista gráfico à época. Na carta datada de 1967, Jardim explica que “é o tipo de arquitetura tipográfica que se usou pelos idos de 1920 na revista *Fon-Fon*”, dando recomendações ao tipógrafo.

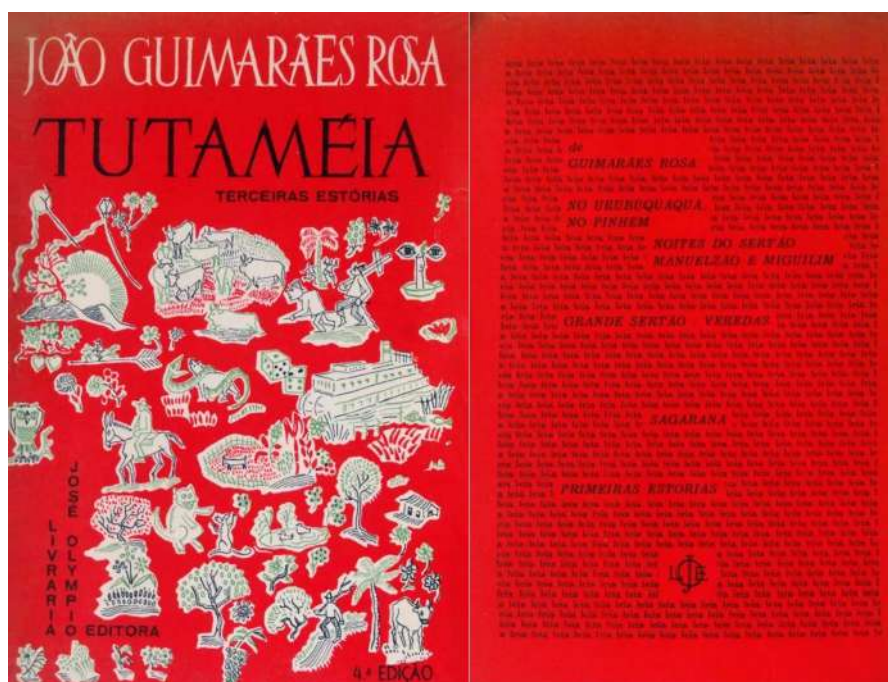


Figura 25 - Capa e quarta capa *Tutameia* por Luís Jardim (1967). Fonte: Imagens extraídas de exemplar à venda em sebo online.

Vinte anos depois, Jardim ainda comandava a equipe da J.O., segundo depoimento de Carlos Ribeiro para o *Boletim de Ariel* de 1973, em que o autor relata: “Hoje, capitaneia a equipe José Olympio o mestre Luís Jardim. Profissional competentíssimo. Capista de grande valor.”

Como seu trabalho no mercado editorial não foi nosso objeto de estudo para essa pesquisa, é impreciso relatá-lo. Sabe-se que além da José Olympio, Jardim colaborou também para a Editora Andersen, Editora Alba, Livraria Martins Editora, Editora Casa do Estudante do Brasil, Editora A Noite e Pongetti. Hélio e Bruscky (1998, p. 28) comentam que “só para os romances de José Lins do Rego chegou a fazer cerca de 200 desenhos”. Carla Fernanda Fontana (2018) em pesquisa sobre as capas da José Olympio comenta que de 1939 até a década de 1970, Jardim desenhou centenas de capas para a J.O. Há ainda a dificuldade adversa das inúmeras edições, volumes e tiragens que uma mesma obra pode ter, deixo aqui a provocação para futuras investigações.

4.3.2 Jardim o escritor

Luís Jardim obteve o primeiro lugar no Concurso de Literatura Infantil do Ministério da Educação e Cultura em 1937, um ano após se mudar para o Rio de Janeiro, na categoria de 10 anos acima por *Boi Aruá*; e segundo lugar na categoria, livros de estampas dedicados a crianças de 7 anos ou mais, por *O Tatu e o Macaco* (HÉLIO e BRUSCKY, 1998).



Figura 26 A e B - Capas de *O Boi Aruá* (1937) e *Maria Perigosa* (1938) por Luís Jardim. Fonte: Imagens extraídas de exemplares à venda em sebo online.

Contudo seu primeiro livro publicado só aparece um ano depois, em 1938, com o título *Maria Perigosa*, um livro de contos publicado pela José Olympio, o qual ganhou o Prêmio Humberto de Campos no mesmo ano, desbancando João Guimarães Rosa que participou do concurso sob o pseudônimo de Viator, com *Sagarana* em sua primeira versão, denominada apenas “Contos” (HÉLIO e BRUSCKY, 1998). Nos anos seguintes, os dois livros infantis com capa e ilustração de sua autoria, ganharam tradução para o inglês, obtendo assim fama internacional.

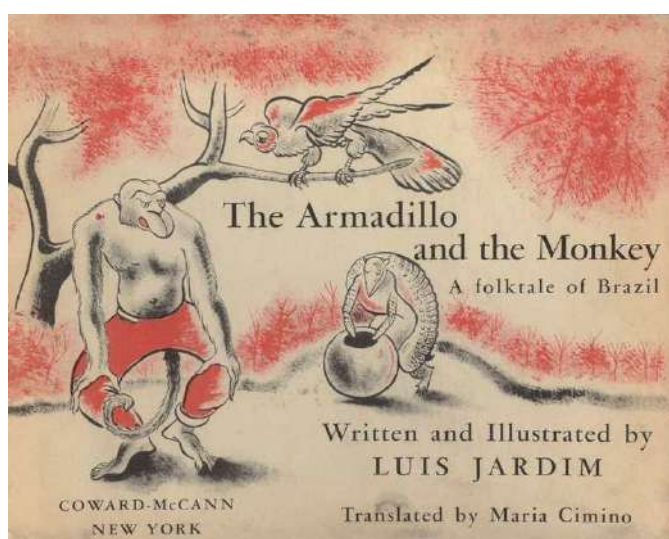


Figura 27 - Capa da edição em inglês de *O Tatu e o Macaco* por Luís Jardim. Fonte: Imagens extraídas de exemplar à venda em sebo online.

Luís Jardim publicou os romances *As Confissões do meu Tio Gonzaga* (1949); *Isabel do Sertão* (1959); *Proezas do Menino Jesus* (1968); *Aventuras do Menino Chico de Assis* (1971); *O Meu Pequeno Mundo* (1977); *Façonhas do Cavalo Voador* (1978); *Outras Façonhas do Cavalo Voador* (1978); *O Ajudante de Mentiroso* (1980). Em todos os seus livros fez questão de mostrar não somente o seu dom para a escrita, mas também para o desenho, ilustrando e fazendo a capa da maioria deles.

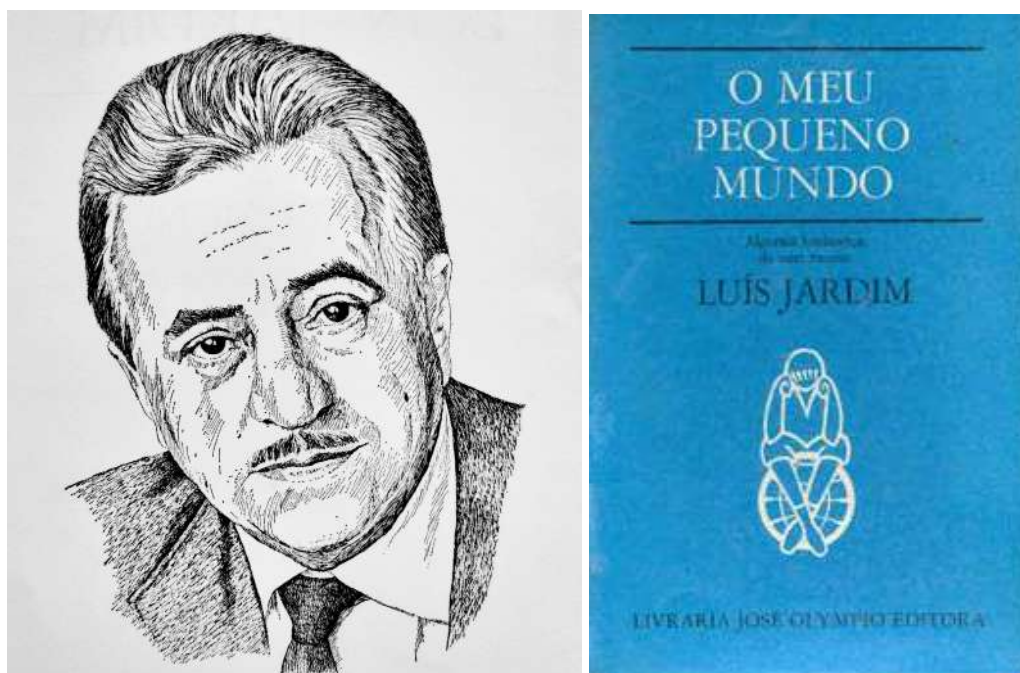


Figura 28 A e B - Autoretrato de Luís Jardim feito de bico de pena para seus livros da J.O. Capa de *O Meu Pequeno Mundo*. Fonte: Imagens digitalizadas pelo autor a partir de exemplar de acervo pessoal.

Em análise da obra literária *O Meu Pequeno Mundo* de Luís Jardim, a pesquisadora Maria Lúcia Borba (2011) questiona a ausência de Jardim no mercado literário atual, já que o mesmo foi alvo de críticas elogiosas e detentor de importantes prêmios. Uma das possibilidades levantadas pela autora seria a diversidade do autor, que não ficou preso apenas a um gênero literário, dificultando a consagração de um público leitor específico; a simultaneidade das carreiras de artista gráfico e escritor, a qual dividiu a atenção e o sucesso do autor; ou, ainda, o concurso que premiou *Maria Perigosa*, já que essa premiação é questionada quando João Guimarães Rosa, anos mais tarde, publica *Sagarana*, recebida pela crítica

literária como uma obra-prima da literatura brasileira, tendo repercutido negativamente para Jardim.

4.4 Designer de sua época

Durante a pesquisa bibliográfica não foi difícil encontrar o nome de Luís Jardim nos mais diversos elogios a sua obra. Nesta subseção conclusiva faço um pequeno resumo com base em matérias de jornais, revistas e relatos bibliográficos, entendendo como o artista era reconhecido pelo conjunto social de sua época no Recife, o qual junto dos resultados apresentados posteriormente auxiliam num pequeno panorama de sua arte.

Das duas décadas que o artista morou na capital pernambucana, a década de 1930 é o período de maior menção ao seu nome, graças a também ser o de maior produção do artista. No período Jardim é mencionado ora como pintor, desenhista ou artista. Segundo nota no *Jornal Pequeno*, Luís Jardim só era conhecido de um grupo muito restrito pelos seus desenhos a bico-de-pena e ilustrações do *Guia do Recife*, antes da exposição de aquarelas que montou em 1936 no Rio de Janeiro, a qual resultou em sua partida de Pernambuco. É notável a influência que o artista teve oriunda das artes plásticas em sua obra, característica essa, comum a alguns artistas gráficos da época. A coluna no jornal ainda comenta o “conhecimento que o pintor tem da sua arte e a variedade de seus recursos técnicos”.

Em um momento anterior a esse, no começo de sua carreira profissional e artística nas artes gráficas, Jardim já colecionava elogios do tipo: “dos novos pintores pernambucanos é dos que podem apresentar uma série de desenhos, onde a volúpia do flagrante, da cena de rua em movimento, da vida vibrante em horas de trabalho ou em ritmos de festa alcança vitórias impressionantes”, proferidas por José Lins do Rego para o jornal *A Província* de 1929.

No mesmo período para a *Revista de Garanhuns*, Manoel Lubambo declama os mais diversos elogios ao garanhuense para o público de sua terra, comparando, de forma demasiada, a relevância de Jardim no meio intelectual recifense da época a Picasso em Paris e Lasar Segall em São Paulo. Ambos modernistas

contemporâneos de Luís Jardim, influenciadores do cubismo e expressionismo, respectivamente. De certa forma as ilustrações de Jardim, sobretudo para esse impresso, carregam certa influência modernistas.

Na metade da década de 1930, após colaborar para um de seus trabalhos mais reconhecidos, o *Guia do Recife* de Freyre, Luís Jardim aparece na mídia com mais frequência, sendo mencionado quanto a seu trabalho como ilustrador para este guia e pintor graças a sua participação da exposição do centenário da Farroupilha. O próprio Freyre comenta que o artista “é quase desconhecido fora de Pernambuco”¹⁹, contudo, a partir de 1934, seu nome aparece pela primeira vez na imprensa carioca, sendo mencionado em diversos jornais como *Diário Carioca*, *A Nação* e a revista *Espelho*. Nesta última, há uma matéria dedicada a Luís Jardim e Manoel Bandeira, comentando que Jardim “apresenta-se como um dos jovens artistas pernambucanos de maiores possibilidades”.

Sua popularidade voltaria a alcançar as páginas dos jornais em sua exposição para a Sociedade Rodrigo Melo Franco, como mencionado na revista carioca *O Malho* de 1936 “um pintor excepcionalmente vigoroso, de estilo personalíssimo e de uma técnica impecável.”

Das décadas de 1940 em diante, seu nome é mais comumente encontrado veiculado a sua carreira como escritor do que como pintor ou artista. Após ganhar o prêmio literário Humberto de Campos, com *Maria Perigosa* e os sucessivos prêmios graças a seus livros infantis, a imprensa carioca não poupou esforços de colocar o nome do recém chegado Luís Jardim em todo lugar, diversificando, ocasionalmente quando mencionado suas colaborações o meio gráfico, principalmente editorial nesse período.

Essa dualidade artística de Jardim talvez seja uma de suas mais notáveis características. Gilberto Freyre, em depoimento para a revista *Brasil Açucareiro* de 1972, sintetiza bem esse argumento:

¹⁹ O Pintor Luís Jardim, presente no *Jornal Pequeno*, Recife, 1934.

Por isto mesmo, em Luís Jardim é difícil separar-se o desenhista do escritor. Apenas o desenhista será, talvez, mais feliz nas paisagens que fixa do que nas figuras humanas que retrata, enquanto escritor, ao contrário, será porventura mais exato na caracterização de pessoas transformadas em personagens do que nas paisagens necessárias à vida e à expressão dessas personagens (FREYRE, 1972, p. 36).

Talvez parta daí um dos desafios em encaixar Jardim como artista gráfico somente, já que seu fazer artístico sempre perpassou as duas áreas, a princípio com textos para a imprensa, contudo, a partir do momento da publicação de suas próprias obras, cada vez mais o artista foi ganhando mais destaque na literatura do que nas artes.

Na década de 1980, em comemoração ao octogésimo aniversário do artista (8 de dezembro de 1981) a Fundação Joaquim Nabuco organizou uma série de eventos, os quais resultaram no livro intitulado *Imagem e Texto homenagem ao pintor e escritor Luís Jardim*. Uma das ações foi uma exposição em Garanhuns organizada pelo Departamento de Iconografia em parceria com o prefeito Ivo Amaral e o museólogo Fernando Ponce de León, a exposição iconográfica tinha a seguinte descrição (presente no livro):

Desenhos, guaches, aquarelas, vinhetas, ilustrações e retratos reunidos no Centro Cultural Alfredo Leite Cavalcanti. Alguns desses documentos foram emprestados pela senhora Alice Jardim e pela Editora José Olympio; outros pertencem ao Departamento de Iconografia do nosso Instituto de Documentação (FONSECA, 1985, p. 6).

Iniciativa semelhante aconteceu em homenagem póstuma ocorrida no 8º Festival de Inverno de Garanhuns em 1998. A exposição de Mário Hélio e Paulo Bruscky reuniu desenhos, pinturas, capitulares, vinhetas, retratos, capas de livros e ilustrações de Luís Jardim, com destaque evidente para sua obra gráfica. Exposição essa que também foi transformada em livro.

Em Garanhuns, ainda há uma de suas homenagens mais memoráveis. Construído no centro da cidade, três anos após seu falecimento, o Espaço Cultural Luiz Jardim (Fig. 29), o qual apesar de até os dias atuais não ter consertado a grafia do seu nome (o seu nome Luiz com z ao invés de s), homenageia o artista através

de um painel contando a história da cidade e um monumento com o poema que Manuel Bandeira fez para o artista.



Figura 29 A e B - Espaço Cultural Luiz Jardim em Garanhuns. Fonte: Fotografia da esquerda extraída do portal V&C Garanhuns, fotografia da direita tirada pelo autor no local.

Mais recente ainda, em exposição itinerante do Museu do Homem do Nordeste, uma das obras expostas intitulada “ABC da Cana” do artista alagoano Jonathas de Andrade, faz um tributo bastante contemporâneo a Jardim (Fig. 30).





Figura 30 A e B - ABC da Cana em Exposição do Museu do Homem do Nordeste no Museu de Arte do Rio. Fonte: Fotografias de Eduardo Ortega presentes no site de Jonathas de Andrade.

A obra é uma série de fotografias resultado dos trabalhadores de uma refinaria de Condado, em Pernambuco, que performaram o abecedário durante o corte da cana, inspirado nas capitulares feitas por Luís Jardim para a revista *Brasil Açucareiro*, em 1957. Essas fotografias mostram um dos impactos que a obra de Jardim tem quando visualizada sobre um novo olhar, demonstrando o legado que a memória gráfica pode ter ao ser transportada para os dias atuais.

De fato, Luís Jardim pode ser considerado como um dos pioneiros dos designers brasileiros, de acordo com a classificação elaborada por Guilherme Cunha Lima (2012) em *"Pioneers of Brazilian Design"*. De acordo com a classificação do autor, os designers brasileiros podem ser divididos em quatro períodos distintos e consecutivos: Precursores, correspondente ao período da colônia, império até o início da República; os Pioneiros teria início na Semana de Arte Moderna (1922), até a formação da primeira turma da Escola Superior de Desenho Industrial – ESDI (1962); os Contemporâneos, que vão até o final do século XX; e por último os Digitais, que tem início nos anos 2000, vigente até hoje (CUNHA LIMA, 2012).

Capítulo 5

Processo Metodológico



través deste capítulo entendemos o processo metodológico dessa pesquisa, o qual teve como importante etapa a visita aos acervos históricos do Recife. Nas subseções a seguir, o capítulo irá expor a estrutura e bases de documentos disponíveis nos acervos visitados, além dos achados que obtivemos nestas inspeções. Concluindo com informações de como ocorreu o manuseio e a coleta de dados desses artefatos históricos, através de critérios preestabelecidos, e seu registro e organização através de pastas e códigos que auxiliaram nas análises dos dados que finaliza o capítulo.

5.1 Apresentando a pesquisa

Durante esta pesquisa adotei um caráter exploratório, na compreensão da narrativa biográfica e produtiva de Jardim. Esse traço guiou as visitas aos acervos históricos, onde utilizando métodos quantitativos, pude obter o maior número de material possível do artista, assim como qualitativo no tocante às análise e categorização dos mesmos.

Enfatizo ainda a natureza histórica que a pesquisa apresenta, já que se trata de uma investigação de quase cem anos atrás, período de atuação do artista, sendo assim, alguns métodos de pesquisas deste cunho foram empregados durante os estágios do estudo. Utilizei ainda o método de abordagem indutivo, pois a partir da busca por fragmentos da produção de Jardim nos acervos, é possível tomar resultados de sua obra como um todo, entendendo, assim, sua trajetória como artista gráfico.

Os procedimentos desta pesquisa se alicerçam em algumas etapas próprias desenvolvidas durante a pesquisa exploratória - e detalhadas nos próximos tópicos deste capítulo. Tais etapas foram influenciadas tendo em vista as orientações metodológicas propostas por Letícia Pedruzzi Fonseca, Daniel Dutra Gomes e Adriana Pereira Campos em “Conjunto Metodológico para Pesquisa em História do Design a partir de Materiais Impressos” (2016). Onde os autores propõem um guia a ser seguido nas pesquisas que envolvem artefatos gráficos históricos a partir de duas frentes de trabalho paralelas, são elas: [1] Aproximação do pesquisador com o contexto sócio-histórico do impresso e [2] Análise gráfica do impresso.

Dessa maneira, nos tópicos posteriores, destrincho o percurso desta pesquisa, abordando cada etapa percorrida e os achados obtidos.

5.2 Construindo um guia

O início desta pesquisa teve como fio condutor a trajetória do artista Luís Jardim, compreendi que a melhor forma de encontrar pistas sobre sua produção gráfica seria, a princípio, investigando sua biografia. Sendo assim, algumas

questões foram levantadas sobre Jardim, tendo como base a bibliografia escrita sobre o artista.

O livro de memórias *O Meu Pequeno Mundo* (1976) escrito pelo próprio Luís Jardim e a obra de Paulo Bruscky e Mário Hélio *Vida, Arte, Palavra - Perfis de Luís Jardim* (1998), foram duas bases de dados importantes nesse início. O primeiro por apresentar o âmago pitoresco do artista, contando de uma forma tão sensível sua infância em Garanhuns, pela qual me identifiquei em diversas partes; e a segunda obra — um verdadeiro achado nos diversos sebos em que visitei durante a pesquisa — por conter uma valiosa gama de informações sobre seus trabalhos para a indústria gráfica pernambucana.

Estas informações, contidas em ambas as obras, geraram a criação de dois documentos, os quais considero ferramentas significativas para o início e desenrolar da pesquisa. Foram elas a criação de uma linha do tempo com fatos cronológicos sobre a vida de Luís Jardim e uma lista de suas peças gráficas. Através desses dois arquivos de dados, pude visualizar um panorama da pesquisa e a partir disso fazer recortes, estabelecer lacunas e guiar as visitas posteriores aos acervos.

A linha do tempo foi elaborada como um simples arquivo em formato de tabela, organizado de forma cronológica, contendo diversos dados biográficos da vida do artista. Posteriormente, dividi a história de Jardim em três recortes espaciais, os lugares por onde o artista residiu: Garanhuns, Recife e o Rio de Janeiro, observando assim três momentos da sua vida e, conseqüentemente, segmentando sua produção artística entre as capitais pernambucana e fluminense, essa divisão auxiliou nas escolhas do *corpus* da pesquisa. A linha do tempo foi transformada em um infográfico, sintetizando as informações para melhor visualização, como mostrado a seguir:



Gráfico 1 - Linha do tempo de acontecimentos da vida de Luís Jardim. Organizada de forma cronológica e espacial, de acordo com os lugares onde o artista morou: a cor azul representa Garanhuns, verde Recife e laranja Rio de Janeiro. Fonte: Elaborada pelo autor.

Já o segundo arquivo, que chamei de catalogação, também foi tabulado cronologicamente, contendo uma descrição da peça gráfica feita pelo artista, o tipo (ilustração, letra capitular, capa, vinheta, etc.) e localização, ou seja o acervo em que se encontrava. Essa catalogação primitiva das obras de Jardim serviu de protótipo para posteriormente podermos catalogar as imagens encontradas nos acervos. Foi através deste arquivo também, que comecei vislumbrar estes acervos a serem visitados, servindo como um guia.

A construção desse arquivo se deu por meio das fontes bibliográficas mencionadas anteriormente, principalmente a obra de Hélio e Bruscky (1998), em conjunto com os achados nas publicações de Luiz do Nascimento *História da Imprensa de Pernambuco (1821 - 1954)*. A obra de Nascimento possui 14 volumes, os quais apresentam uma vasta descrição das publicações da imprensa pernambucana do período de 1821 a 1954, informações como formato e número de páginas, evidências de tecnologia gráfica utilizada, referências a alguns artistas gráficos que atuaram nessas obras e, em alguns casos, o acervo onde cada

publicação se encontra salvaguardada. Mesmo se tratando de uma publicação da década de 1970, o recorte temporal que a obra faz vai de encontro com a produção de Jardim para a imprensa periódica pernambucana, tendo seu nome mencionado algumas vezes.

Cruzando os dados desses dois arquivos, a linha do tempo e a catalogação, e tendo em vista os objetivos da pesquisa, conseguimos chegar ao nosso recorte do objeto de estudo, que como visto na introdução, contempla os trabalhos de Jardim para a indústria gráfica pernambucana, trabalho este que se caracteriza como seus primeiros trabalhos como artista gráfico. Através desses métodos, também conseguimos traçar uma narrativa da trajetória de Luís Jardim, auxiliando na condução da pesquisa como um todo e na escrita do Capítulo 4 desta dissertação, embasando a próxima etapa da pesquisa: a visita aos acervos.

5.3 Visitando acervos

A visita aos acervos e arquivos é uma prática essencial do pesquisador que busca desvendar os fatos com base em documentos históricos. Esse tipo de prática, comum aos historiadores, é uma das etapas imprescindíveis das pesquisas em memória gráfica. Contudo, por se tratar de uma atividade a qual muitas vezes o pesquisador em Design não tem experiência, buscar vivências semelhantes e orientações que possam auxiliar na exploração nos acervos de forma mais ordenada e precisa é uma ótima ferramenta.

Carlos Bacellar (2005), em seu texto sobre os arquivos, sugere algumas recomendações às visitas aos acervos históricos, embora o autor enfatize se tratar de uma simples listagem, algumas dessas orientações foram importantes nas investigações feitas durante esta pesquisa, sendo algumas delas: conhecer o contexto de produção dos documentos; utilizar luvas, máscaras e avental no contato direto com os artefatos históricos; manusear os mesmos com extremo cuidado, utilizando lupas de aumento e régua leve quando necessário; aprimorar técnicas de levantamento, seleção e anotação do que é interesse e de registro das referências das fontes para futura citação; contextualizar o documento que se coleta, levando em consideração a sua época, incluindo o significado das palavras e das expressões

empregadas; e cruzar fontes, conferir informações, justapor documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes, identificar mudanças e permanências.

Antes de partir para o primeiro destino nos acervos físicos, debrucei-me sobre o site da Biblioteca Nacional (BN), um dos acervos online utilizado nesta pesquisa. A hemeroteca digital da BN possui um material significativo de periódicos digitalizados de todo o Brasil, disponíveis gratuitamente para consulta. As pesquisas foram realizadas nas três abas do site, Periódico, Período e Local, utilizando inicialmente palavras-chave como “Luís Jardim” e “Luiz Jardim”.

Confrontando os achados das abas de Período e Local da hemeroteca digital, notei que a produção de Jardim nos dois impressos com produções suas em Pernambuco (*A Província* e *Diário de Pernambuco*), se encontravam entre os decênios de 1920 e 1930, já sua produção no Rio de Janeiro (cerca de seis impressos encontrados) de 1940 em diante. Contudo há uma mudança na forma como seu nome é retratado nesses periódicos, em ambas as cidades a partir da década de 1940, Jardim passa a ser mais citado por sua produção literária e como artista plástico, do que creditado como ilustrador desses próprios periódicos, sem contar suas menções veiculadas a Editora José Olympio, as quais são frequentes.

A pesquisa inicial à hemeroteca digital, antes das visitas aos acervos físicos, foi relevante por apresentar certos achados que a bibliografia não havia mostrado até então, através de citações do seu nome em jornais e revistas constatei que o artista colaborou em diversos outros impressos (Fig. 31), os quais foram identificados mais tarde nas visitas aos acervos físicos e catalogados para esta pesquisa, a seguir um exemplo dessas menções:

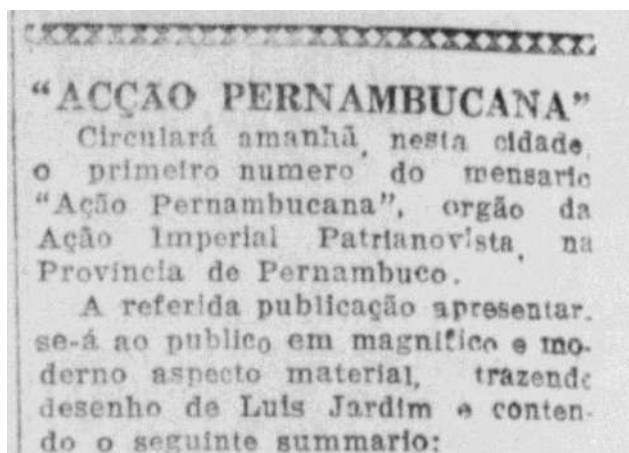


Figura 31 - Recorte do *Jornal de Recife* (1934), onde é mencionada colaboração de Jardim. Fonte: Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Uma ferramenta essencial, elaborada nesta fase foi um inventário de assinaturas de Luís Jardim, construído por meio das obras encontradas nesse acervo digital (Fig. 32). Todo esse material de rubricas e assinaturas serviram como um manual para a identificação de outros desenhos não creditados, presente nos impressos encontrados posteriormente.

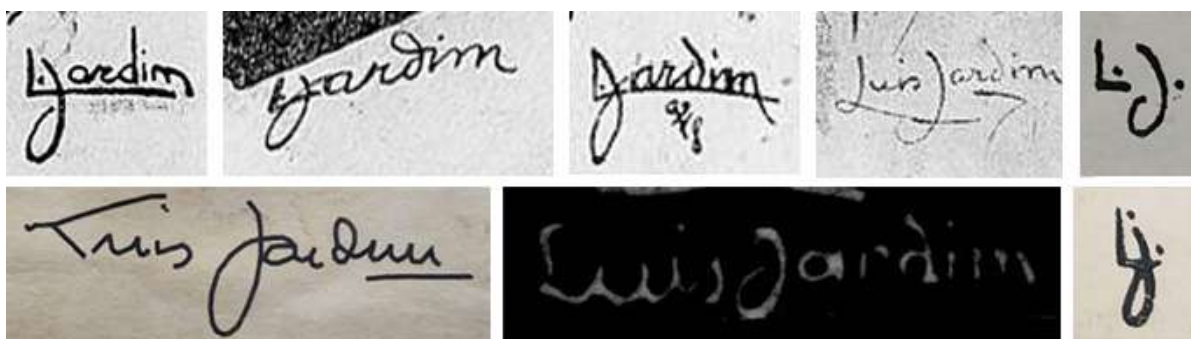


Figura 32 - Conjunto de assinaturas de Luís Jardim. Fonte: Composição do autor a partir de fotografias e capturas de diversas fontes diferentes.

Outro acervo online investigado foi o da Companhia Editora de Pernambuco - CEPE, que possui a coleção do *Diário da Manhã* (1927-1985), porém nenhuma obra de Jardim foi localizada, indicando assim a não colaboração do artista para essa publicação, somente menções a projetos seus em outros periódicos e uma fotografia das telas que o artista produziu para a exposição do Centenário da Farroupilha, em parceria com Manuel Bandeira.

Dando continuidade, dessa vez aos acervos físicos, foram localizados três nas cidade do Recife: Biblioteca Central Blanche Knopf localizada na Fundação

Joaquim Nabuco (FUNDAJ), Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco (BPE) e Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE). Os acervos foram visitados, mais de uma vez em busca do material, sempre portando as ferramentas descritas até então e celular com câmera fotográfica para registro das peças, luvas e máscara para proteção. No gráfico (Gráfico 2) a seguir resumimos os acervos visitados e os achados:



Gráfico 2 - Mapa dos acervos físicos visitados durante a pesquisa. Fonte: Elaborada pelo autor.

Como observado no gráfico, mais de uma coleção foi visitada em cada acervo em busca de material, o anexo da APEJE, por exemplo, não mencionado na tabela foi um dos setores do acervo examinado, mas sem sucesso. A FUNDAJ foi o acervo com mais material coletado de Jardim, só da *Brasil Açucareiro* fotografei 47 imagens em 18 edições da revista, além da coleção própria do artista encontrada na Coordenação Geral de Estudos da História Brasileira Rodrigo Melo Franco de Andrade (CEHIBRA), a qual possui desenhos originais de Luís Jardim feitos para a *Brasil Açucareiro*.

Importante mencionar que desde a primeira tabela de catalogação elaborada para esta pesquisa, mencionada em 4.1, alguns periódicos abordados nela não foram encontrados nos três acervos investigados. São eles: o jornal que Jardim fundou com Manuel Lubambo *Frei Caneca* (1927), a revista carnavalesca *No Passo* (1929), a revista sobre a economia norte-riograndense intitulada *Revista* (1931 e 1936) e o segundo número da revista *Momento* (1933).

Ainda sobre obras de Jardim não encontradas, menciono as ilustrações para o poema “Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados” de Gilberto Freyre, presente em edição da *Revista do Norte* de 1926²⁰; o cartaz que obteve o primeiro lugar no concurso de cartazes da Federação Carnavalesca Pernambucana em 1935²¹; e os selos e cartazes para a Liga Feminina Pernambucana pró José Américo em sua campanha política a presidência em 1937²², todos mencionados em referências secundárias.

É possível que ainda existam outras produções a serem identificadas, no entanto, trago atenção a tais vestígios, tendo em vista a continuidade da pesquisa e o registro das investigações aos acervos, as quais são marcadas por muita descoberta, mas também algumas frustrações.

²⁰ Hélio e Bruscky (1998), Souza Barros (2015) citam Luís Jardim como o ilustrador do poema de Freyre.

²¹ Segundo nota no jornal *Diário da Manhã*, Recife, 1935; e *Diário de Pernambuco*, Recife, 1935.

²² Segundo nota no jornal *O Radical*, Rio de Janeiro, 1937.

5.4 Catalogação e categorização

Os impressos periódicos não são publicações notáveis, como livros por exemplo, ou seja, não recebem os devidos cuidados dos arquivistas e bibliotecários nos acervos em que se encontram, portanto, é comum encontrarmos certas rasuras, seja por conta do manuseio, falta na manutenção dos mesmos ou até desgaste do tempo.

Não foi diferente com os periódicos encontrados para esta pesquisa, ao me deparar com alguns artefatos, a qualidade de preservação dos mesmos era precária, ficando evidente todo o cuidado que se pede para ter com os mesmos. O Arquivo Público, por exemplo, encaderna os impressos agrupando várias edições do mesmo periódico mensalmente em uma capa só; a capa do número 101 do *Jornal do Commercio* de 1936, por exemplo, mostrada a seguir, encontrava-se totalmente cortada de uma ponta a outra, dificultando na observação da imagem completa e de algumas informações.



Figura 33 A e B - Detalhe de rasura na capa do *Jornal do Commercio*. Fonte: Fotografia capturada pelo autor de exemplar presente no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Para isso faz-se tão necessária a fotografia do acervo no momento das coletas, já que uma vez capturado e digitalizado tal material, as diversas consultas futuras, muitas vezes fundamentais durante a pesquisa são feitas sem novos manuseios ao material original, salvaguardando assim seu estado físico.

Por outro lado, nos acervos online, muitas vezes, o material digitalizado não teve o cuidado necessário durante a captura e se apresenta de forma inelegível ou de qualidade inferior. É o caso, por exemplo, da digitalização desta página do *Diário de Pernambuco* (1935) (Fig. 36), presente na Hemeroteca Digital da BN, contendo o cartaz feito por Jardim para a Federação Carnavalesca Pernambucana de 1935, a imagem apresenta um contraste muito elevado dificultando a visualização da mesma. Neste caso, o exercício feito é o contrário, se volta para os artefatos físicos em busca do que se perdeu na digitalização²³.



Figura 34 - Detalhe ilegível em página do *Diário de Pernambuco*. Fonte: Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

As visitas aos acervos físicos renderam bastante material, um montante de mais de 250 imagens, a maioria delas repetidas, já que para evitar a perda de algum detalhe nas ilustrações, cada uma foi fotografada mais de uma vez. Posteriormente quando essas fotografias foram descarregadas num computador, teve início o processo de escolha de quais se apresentaram de forma mais legível e semelhante aos originais. Nesse processo, restaram um total de 90 imagens, uma para cada ilustração. Somada às imagens já digitalizadas encontrada nos acervos online (28), obtivemos um total de 118 imagens no nosso acervo digital.

²³ O exercício de retorno aos acervos físicos, nestes casos, foi dificultado por conta do isolamento social ocorrido durante a pandemia do Covid-19 que fechou grande parte dos estabelecimentos e, consequentemente bibliotecas e acervos, em 2020.

Tendo em vista que as imagens se apresentavam tão distintas no que concerne seu tipo; acervo; periódico a qual se originava; data e local onde tais publicações pertenciam, agrupei-as em pastas e subpastas em uma forma de organização. Sendo assim, categorizamos todo o nosso acervo em três grandes grupos: **[1] Periódicos de Pernambuco (1928-1936); [2] Periódicos do Rio de Janeiro (1937-1954); [3] Brasil Açucareiro (1957-1972).**

Importante salientar duas coisas sobre essas catalogações e denominações, a produção de Jardim não se concentra apenas a esses dois estados, foram encontrados vestígios de colaborações suas para jornais da Paraíba, por exemplo, bem como é de conhecimento da pesquisa que o artista morou um tempo curto de sua vida em Minas Gerais, provavelmente, também tendo colaborado por lá, assim como seu trabalho não deve se resumir de 1928 a 1972, já que, da mesma forma, há indícios de que sua produção artística tenha começado alguns anos mais cedo e finalizado mais tarde. Falta muito ainda a ser investigado.

Dividimos suas produções dessa forma para atendermos aos objetivos dessa pesquisa que tem como foco seu trabalho para a indústria gráfica pernambucana. À vista disso, na Tabela 1 mostramos como foi organizado esse acervo dos periódicos os quais Jardim colaborou em Pernambuco, durante a década de 1920 e 1930, sendo essa última a fase de maior produção do artista por aqui, talvez pelo fato de nesse período haver uma proliferação de publicações no Estado, segundo aponta Cavalcante (2012) em sua dissertação.

As imagens somam um total de 54 itens, sendo a *Revista de Garanhuns* o periódico de maior colaboração do artista, somando as capas, ilustrações internas, vinhetas e capitulares que Jardim fez, num total de 20 itens.

Ano	Título do periódico	Número	Acervo	Nº de Imagens
1928	A Província	192	BN Digital	1
1928	A Província	193	BN Digital	2
1928	A Província	208	BN Digital	1
1928	A Província	286	BN Digital	1
1930	A Província	441	BN Digital	1
1930	Revista de Garanhuns	01	BPE	7
1930	Revista de Garanhuns	02	FUNDAJ	7
1931	Revista de Garanhuns	03	FUNDAJ	6
1933	Revista Moderna	05	BPE	1
1933	Revista Moderna	07	BPE	2
1934	Ação Pernambucana	01	APEJE	1
1935	Diário de Pernambuco	56	BN Digital	1
1935	Diário de Pernambuco	102	BN Digital	2
1935	Diário de Pernambuco	106	BN Digital	4
1936	Diário de Pernambuco	84	BN Digital	1
1936	Almanaque de Garanhuns 1936	-	BPE	1
1936	Anuario de Pernambuco 1936	-	FUNDAJ	1
1936	Jornal do Commercio	45	APEJE	1
1936	Jornal do Commercio	46	APEJE	1
1936	Jornal do Commercio	79	APEJE	1
1936	Jornal do Commercio	101	APEJE	1
1936	Suplemento Carnavalesco JC	16	APEJE	1
1936	Suplemento Carnavalesco JC	19	APEJE	1
1936	Suplemento Carnavalesco JC	22	APEJE	1
1936	Suplemento Carnavalesco JC	25	APEJE	1
1936	Suplemento Carnavalesco JC	28	APEJE	1
1936	Suplemento Carnavalesco JC	31	APEJE	1
1936	Suplemento Carnavalesco JC	34	APEJE	1
1936	Suplemento Carnavalesco JC	37	APEJE	1
1936	Suplemento Carnavalesco JC	40	APEJE	1
1936	Suplemento Carnavalesco JC	42	APEJE	1
				Total: 54

Tabela 1 - Catalogação das imagens do Acervo referente às produções de Pernambuco. Fonte: Elaborada pelo autor.

A *Brasil Açucareiro* foi a única publicação a ganhar uma pasta separada dos outros e não subdividida por região no nosso acervo, por se tratar de uma revista que circulava o Brasil inteiro e pelo número relativamente grande de material encontrado sobre ela na FUNDAJ (47 imagens), optei por manter dessa forma. O acervo da *Brasil Açucareiro* também envolve desenhos originais feitos a bico de pena, que Jardim fez para a revista, os quais são mantidos no setor de iconografia da CEHIBRA/FUNDAJ, as ilustrações são os originais das impressas nas páginas da revista, como também as letras capitulares e o padrão de capa das edições, além de uma ilustração em aquarela para a capa de uma das edições (1960, Volume 56,

Número 03-06), a descoberta dessas duas técnicas que o artista utilizou nestas peças foi bastante importante para o desenrolar da pesquisa.

Ano	Título do periódico	Volume	Número	Acervo	Nº de Imagens
1957	Brasil Açucareiro	49	05	FUNDAJ	12
1957	Brasil Açucareiro	49	06	FUNDAJ	6
1957	Brasil Açucareiro	50	01	FUNDAJ	4
1957	Brasil Açucareiro	50	02	FUNDAJ	1
1957	Brasil Açucareiro	50	03	FUNDAJ	1
1957	Brasil Açucareiro	50	04	FUNDAJ	2
1957	Brasil Açucareiro	50	05	FUNDAJ	1
1957	Brasil Açucareiro	50	06	FUNDAJ	1
1958	Brasil Açucareiro	51	01	FUNDAJ	1
1958	Brasil Açucareiro	51	02	FUNDAJ	1
1958	Brasil Açucareiro	51	03	FUNDAJ	1
1958	Brasil Açucareiro	51	05	FUNDAJ	1
1960	Brasil Açucareiro	56	03-06	FUNDAJ	1
1972	Brasil Açucareiro	79	01	FUNDAJ	2
1972	Brasil Açucareiro	79	02	FUNDAJ	1
1972	Brasil Açucareiro	79	03	FUNDAJ	1
1972	Brasil Açucareiro	79	04	FUNDAJ	1
1972	Brasil Açucareiro	79	05	FUNDAJ	1
-	[Coleção Luís Jardim]	-	-	FUNDAJ	8
					Total: 47

Tabela 2 - Catalogação das imagens do Acervo referente às produções da *Brasil Açucareiro*. Fonte: Elaborada pelo autor.

Já sua produção na capital carioca foi sobre a que menos me debrucei, por estar fora do recorte desta pesquisa, o pouco que foi encontrado (17 itens) foi durante minhas investigações no site da BN. Apenas a revista *Espelho* foi encontrada num acervo diferente, o setor de obras raras da FUNDAJ. Contudo o material coletado foi também organizado no nosso acervo e tabulado a seguir a fim de se ter uma visão geral desse material.

Ano	Título do periódico	Número	Acervo	Nº de Imagens
1937	Espelho	22	FUNDAJ	3
1939	Diretrizes	12	BN Digital	1
1941	Diretrizes	59	BN Digital	1
1945	Correio da Manhã	15498	BN Digital	1
1946	Sombra	61	BN Digital	4
1946	Suplemento Letras e Artes	16	BN Digital	1
1946	Suplemento Letras e Artes	82	BN Digital	1
1949	Sombra	87	BN Digital	1
1949	Sombra	90	BN Digital	1
1949	Sombra	94	BN Digital	1
1953	O Cruzeiro	42	BN Digital	1
1954	O Cruzeiro	26	BN Digital	1
				Total: 17

Tabela 3 - Catalogação das imagens do Acervo referente às produções do Rio de Janeiro. Fonte: Elaborada pelo autor.

As imagens também ganharam uma organização sistemática, sendo nomeadas por códigos que as melhor sintetizasse e identificasse-as nas pastas. Desta forma, elaboramos algumas legendas comuns a todos os arquivos e as nomeações puderam ser feitas baseado nesse esquema, seguindo sempre a mesma ordem, mas se adequando a cada artefato diferente.

A ordem de nomeação se baseou em abreviar o nome do impresso em siglas, seguido de ano, edição, volume, número, página onde se encontrava a imagem dentro do periódico, sigla do acervo e o ano de publicação, no caso das imagens as quais não tinha a indicação da página, coloquei-as em ordem e utilizei a sigla IMG para definir imagem. Sendo assim, o arquivo nomeado como: “PR_A57_N192_P03_BN_1928”, por exemplo, se refere a imagem de *A Província*, ano 57, número 192, localizada na página 3, a qual se encontra no acervo da Biblioteca Nacional, do ano de 1928.

Desta forma sistematizamos nossos achados, a fim de se ter um manuseio mais preciso do mesmo, partindo para a próxima etapa do nosso processo que é a construção de fichas de análise, a qual abordaremos no próximo tópico.

5.5 Fichas e metadados

Com o acervo organizado de forma sistemática, parti para a elaboração das fichas de coleta de dados das imagens e, conseqüentemente, dos impressos. Fichas

desse tipo são bastante importantes na condução das pesquisas históricas em design, elas estão presente na maioria dos estudos de memória gráfica e auxiliam os pesquisadores de design da informação no gerenciamento dessas pesquisas, seja na coleta de dados dos impressos ou nas análises gráficas das imagens. Para Farias e Braga (2018, p.12) “coletar imagens e organizá-las, algumas vezes dando origem a sofisticadas bases de dados digitais, é um passo necessário para a maioria dos projetos de pesquisa sobre memória gráfica.”

Em “Proposta de ficha de coleta de dados para análise de acervos de imagens” apresentado no CIDI 2017 por Luiza Avelar Moreira e Letícia Pedruzzi Fonseca, as autoras discutem a elaboração de uma ficha de coleta de dados digital para análise de acervos de imagens tendo como objetivos a padronização, agilidade dessa coleta e validação das análises por meio da sistematização de procedimentos e tratamentos estatísticos de dados. O trabalho é bastante elucidativo servindo de referência para a ficha desenvolvida aqui.

O artigo “Metadados para a descrição de recursos de informação eletrônica: utilização do padrão Dublin Core”, dos autores Marcia Souza, Laurimar Vendrusculo e Geane Melo, publicado em 2000 na revista científica *Ciência da Informação* também serviu de arcabouço teórico para construção de nossa ficha, tendo em vista que o que é proposto aqui é levantar informações sobre os dados coletados, através de metadados.

Os autores relatam que o conjunto de metadados proposto em seu estudo é equivalente a uma ficha catalográfica, fornecendo um conjunto simples de variáveis que podem ser utilizadas por catalogadores para simples descrição de recursos de informação. Na definição apresentada pelos autores “Metadados significa dado sobre o dado. É a catalogação do dado” (SOUZA *et al.*, 2000, p. 93).

Desse modo, todo dado sobre outro dado é chamado de metadado, nosso acervo digital de imagens de Jardim formam um banco de dados, o qual é composto de dados e metadados. Levando isso em consideração, defini variáveis em forma de

metadados (informações sobre) para cada dado (as imagens do nosso acervo) que compuseram fichas a serem exploradas e analisadas posteriormente.

Essas fichas foram elaboradas, preenchidas e impressas em papel, esse material físico auxiliou o manuseio, comparação entre os dados e consequentemente a avaliação dos parâmetros estabelecidos em cada peça. Esse foi um processo de adequações, inclusive durante as análises dos dados com as informações já relativamente estabelecidas. Moreira e Fonseca (2017, p. 1208) comentam que “uma etapa que sempre requer ajustes é a construção da ficha de coleta de dados, uma vez que a definição das variáveis que a compõem devem atender as particularidades do objeto gráfico estudado.”

Cada elemento de metadados que compõem as fichas foi adaptado ao universo do design, aos objetivos da pesquisa e aos artefatos a que se destinam. Para o grupo [1] Periódicos de Pernambuco (1928-1936), os elementos da ficha foram divididos em duas sessões: informações sobre o impresso como: Categoria, Título, Edição, Data de publicação, Formato, Local de impressão, Acervo; e a segunda categoria que se destina ao item em si, a obra do artista, são elas: Tipo, Técnica de produção, Cor, Assinatura do artista, Legenda, Tipologia/Tema, Elementos que compõem a imagem.

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM	
IDENTIFICAÇÃO	Ficha Nº: 001
Nome do arquivo digital: PR_A57_N192_P03_BN_192B	
Categoria do impresso: Jornal	
Título do impresso: A PROVÍNCIA - Órgão do Partido Liberal	
Edição: Ano 57, Número 192 Data da publicação: 19 de Agosto de 1928	
Formato do impresso: 45 x 29 cm	
Local de Impressão: Tipografia do Comércio	
Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional	
Tipo: Ilustração	
Técnica de produção: ?	
Cor: Preto e Branco	
Assinatura do artista: L. Jardim	
Legenda: Desenho de Luís Jardim para A PROVÍNCIA	
Tipologia/Tema: Carregadores de Piano	
Elementos que compõem a imagem: Linhas formando a figura de oito homens carregando um piano preto em cima de suas cabeças.	




Imagem de Referência

Figura 35 - Exemplo de uma das fichas de catalogação das informações das imagens. Fonte: Elaborada pelo autor.

Os elementos que compõem a primeira sessão de informações sobre o impresso foram preenchidos com base nas publicações de Luiz do Nascimento *História da Imprensa de Pernambuco (1821 - 1954)*, as quais, como comentado anteriormente, possuem uma vasta gama de dados sobre a imprensa pernambucana. Esses elementos de metadados auxiliaram na obtenção de novos dados, por exemplo, compreender formatos de periódicos, para quais categorias de impressos o artista mais colaborou, ou até levantar questões sobre as práticas de impressão desses impressos. Quais imprimiam em suas próprias tipografias? Quais utilizavam de parceiros? Essas parcerias envolviam também o quadro de ilustradores, já que é comum aparecer a mesma ilustração de Jardim em impressos diferentes? Todas essas questões serão abordadas na análise desses dados.

Já a segunda sessão da ficha se atém às imagens produzidas por Jardim, os resultados que se espera obter a partir dos elementos de metadados dessa sessão vão das técnicas comumente utilizadas (quando indicada e identificada nos impressos)²⁴, os temas mais comuns em que o artista desenvolveu nos trabalhos, diferentes formas de assinar seu nome, utilização de cores e tipos de projeto, como

²⁴ Recomenda-se o uso de lupa conta fios ou microscópio digital para inspeção de tipos de papel e identificação das técnicas de impressão, por exemplo, contudo não foi utilizado nas visitas aos acervos nesta pesquisa.

ilustração, capa, tipografia, etc., contribuindo para uma maior compreensão das técnicas e parque gráfico que eram oferecidos à época e com os quais o artista se relacionava.

As fichas também foram elaboradas para as outras categorias de imagens, [2] Periódicos do Rio de Janeiro (1937-1954) e [3] *Brasil Açucareiro* (1957-1972), sofrendo algumas pequenas alterações entre si, já que no caso dos impressos cariocas, por exemplo, não conseguimos obter tantas informações, as quais também não era de nosso interesse absoluto. Contudo, mesmo não sendo totalmente o foco inicial desta pesquisa, serviram como referência no momento de confrontar alguns dados, no próximo item iremos detalhar tais análises.

5.6 Análise estatística dos dados

Os dados foram tabulados a partir das fichas de análise, onde cada célula da tabela ganhou a informação correspondente a cada variável da ficha. Sendo assim, algumas modificações foram necessárias para se adequar a essa tabulação e algumas informações foram revisadas, sendo, posteriormente preenchidas nas fichas. Como apontado por Fonseca *et al.* (1016), a qual guia boa parte desse processo, algumas informações qualitativas acabam gerando colunas muito largas e um tempo longo para inseri-las nas tabelas, sendo sugerido a substituição por códigos numéricos, foi o caso, por exemplo, dos acervos em que foi mantido a sigla de cada um.

Alguns exemplos dessas substituições no momento da tabela são: a data do impresso, substituída apenas pelo ano em que cada impresso foi feito, porém na ficha a informação do dia, mês e ano foi mantida; em legenda, já que em alguns casos as legendas são muito extensas, coloquei na tabela o trecho em que menciona o nome do artista, por uma questão de autoria, que irei discutir posteriormente.

Excluí as informações de descrição das imagens, mantendo apenas nas fichas, por essa ter uma função apenas descritiva e, assim sendo, ser extensa demais para as células das tabelas. Por último, a variável da ficha que mais sofreu

alteração no momento da tabela foi a tipologia/tema, notei que no momento de preencher as fichas muitos desses temas eram semelhantes a outros, portanto, foram agrupados.

5.6.1 Periódicos de Pernambuco (1928-1936)

Em termos gerais, Jardim colaborou em cinco tipos de impressos durante o período em que morou no Recife: Almanaque, Suplemento, Jornais e Revistas, os de maior incidência sendo esses dois últimos (Gráfico 3). Importante comentar que só para a *Revista de Garanhuns* foram 20 imagens, talvez sua produção de maior ocorrência no período estudado, os demais impressos foram comentados no capítulo biográfico²⁵, são eles: jornal *A Província*; *Revista Moderna*; *Revista de Garanhuns*; *Almanaque de Garanhuns*; o jornal *Acção Pernambucana*; o suplemento *Anuario de Pernambuco*; os jornais diários *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio* e o *Suplemento Carnavalesco* deste último.

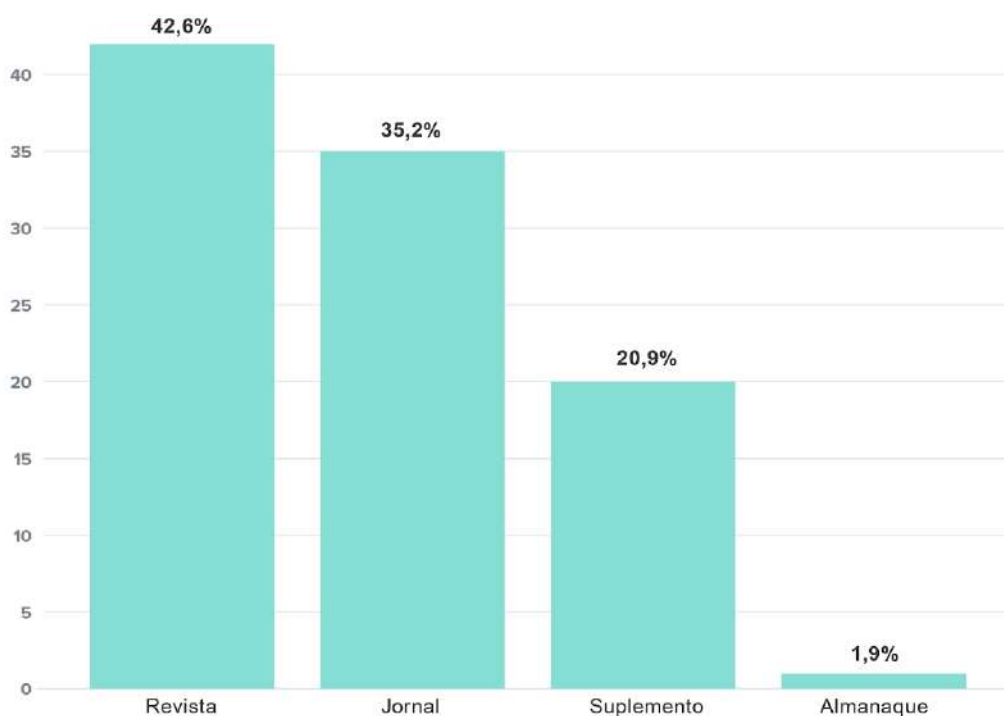


Gráfico 3 - Tipos de impressos que Jardim colaborou como artista gráfico em Pernambuco. Fonte: Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

²⁵ Cf.: Tópico 4.2

Destes periódicos, à exceção do *Almanaque de Garanhuns*, o qual não obtivemos esta informação, a maioria era impresso em oficinas próprias. O *Ação Pernambucana* e o *Anuario de Pernambuco* eram impressos na Tipografia do *Diário da Manhã*, fato justificável do anuário, já que o mesmo era suplemento do Diário. A *Revista Moderna* era impressa no The Propagandist.

Já a obra gráfica de Jardim, se divide entre alguns grupos, sendo as ilustrações internas dos periódicos o maior número do montante (Gráfico 4). Dessa categoria separei as ilustrações categorizadas como retratos, já que se trata de um tipo de desenho que Jardim fez com frequência e, posteriormente, será mais explorado por ele no seu trabalho na J.O. Contudo, o artista produziu capas, letreiramentos, letras capitulares, vinhetas e páginas publicitárias, de acordo com o gráfico a seguir que resume esses achados.

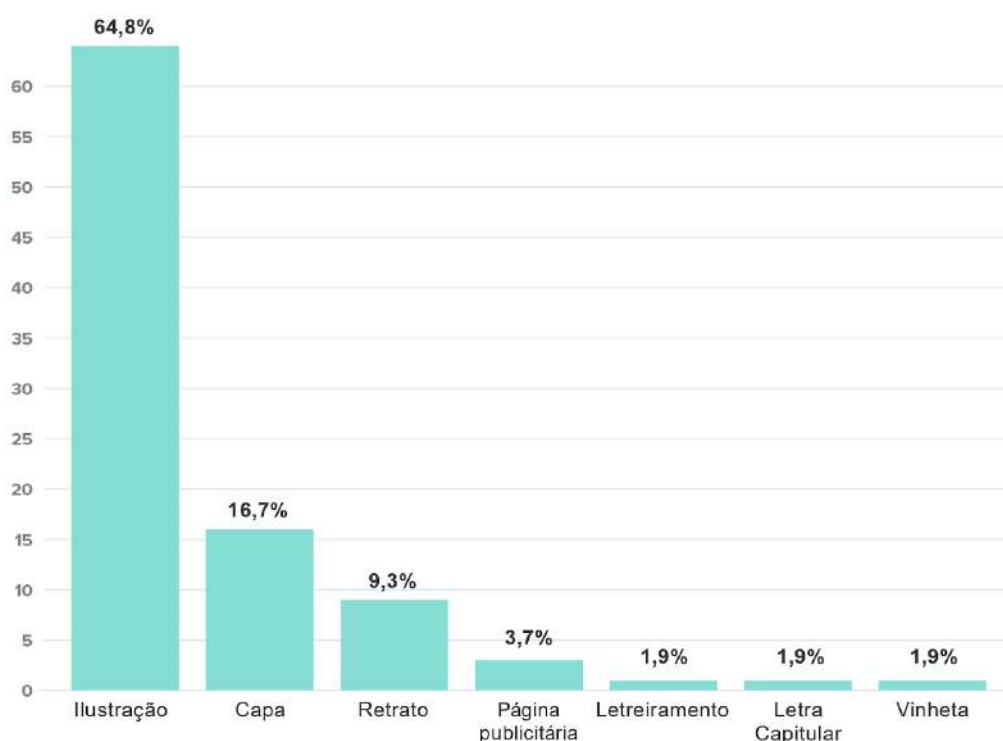


Gráfico 4 - Tipos de colaborações de Jardim como artista gráfico para a imprensa pernambucana. Fonte: Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

Desse conteúdo, observa-se as cores em que foram empregues em sua impressão, há um predomínio no uso de duas cores nas produções de Jardim para o período, com domínio do preto e branco (P&B), sendo o branco a superfície do papel, ou seja, apenas uma cor (Gráfico 5). Contudo, há a presença de capas

impressas em duas cores, bem como ilustrações internas do mesmo modo, com destaque para a cor vermelha, que aparece mais vezes nos resultados obtidos.

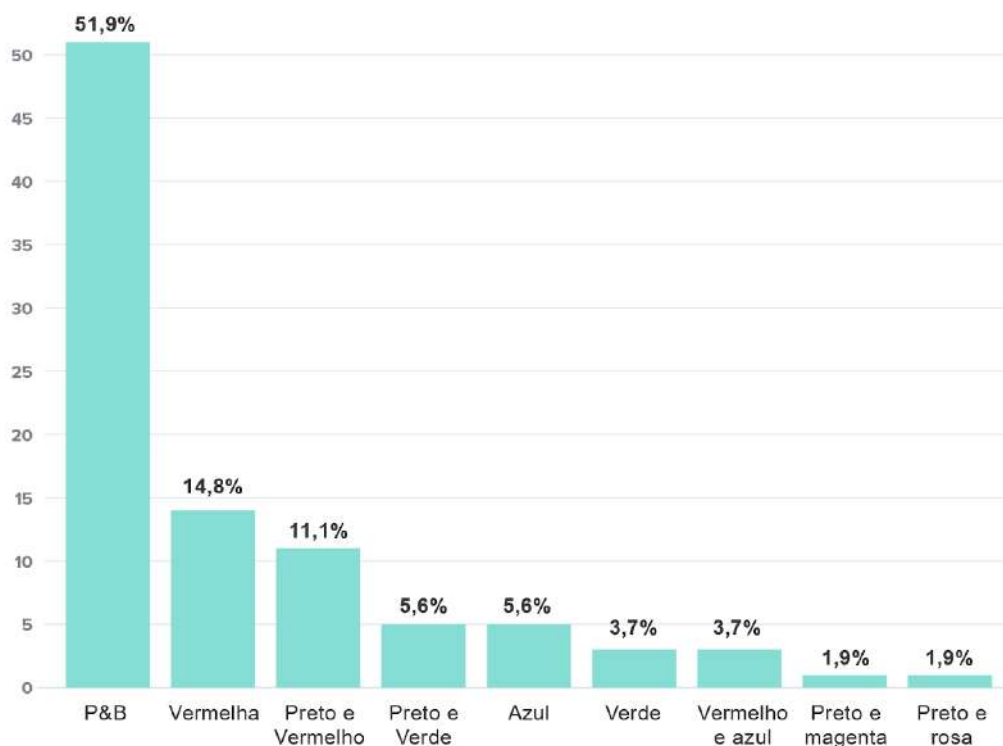


Gráfico 5 - Usos de cor nas colaborações de Jardim como artista gráfico para a imprensa pernambucana. Fonte: Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

Quando observado as formas que o artista assinou sua obra, cheguei a grafias e abreviaturas diferentes, na maioria das vezes o artista assina como “L. Jardim” ou “Luís Jardim”, todavia, é comum também as abreviações para apenas “L.J.”, com ou em ausência da pontuação, variando de um para outro. Em alguns pequenos casos, Jardim assina com uma pequena abreviação do mês seguido do ano que produziu a peça, mas o mais curioso são as assinaturas presentes no *Diário de Pernambuco* em que o artista assina seu nome junto da abreviação “G.O.P.”, não consegui identificar o significado dessa sigla, ficando a cargo de futuras investigações (Gráfico 6).

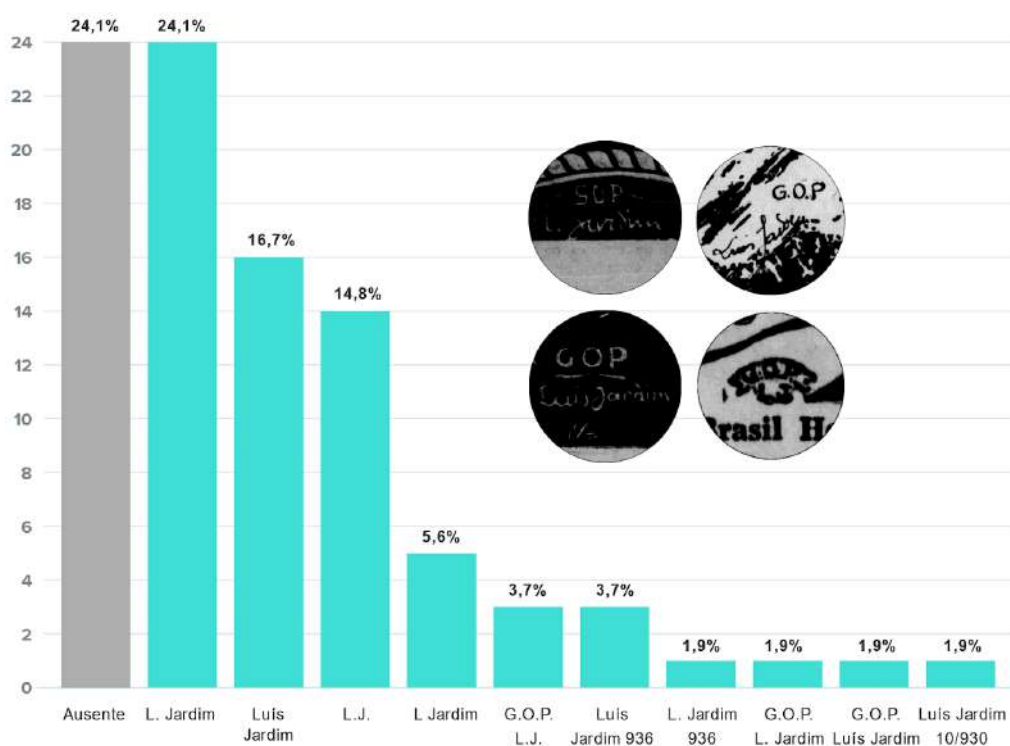


Gráfico 6 - Tipos de assinaturas diferentes de Jardim encontradas em suas colaborações para Pernambuco. Fonte: Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

As legendas das imagens que identificam Jardim como criador das ilustrações apresentam seu nome nas duas grafias, quase em igual quantidade, sendo a grafia correta “Luís Jardim” em prevalência. Entretanto, é bastante presente o nome do artista com z, incluindo na *Revista de Garanhuns* em que Jardim fez um trabalho extenso e efetivo, talvez por este motivo, o Espaço Cultural construído em sua homenagem, ganhe o seu nome na grafia incorreta (Gráfico 7).

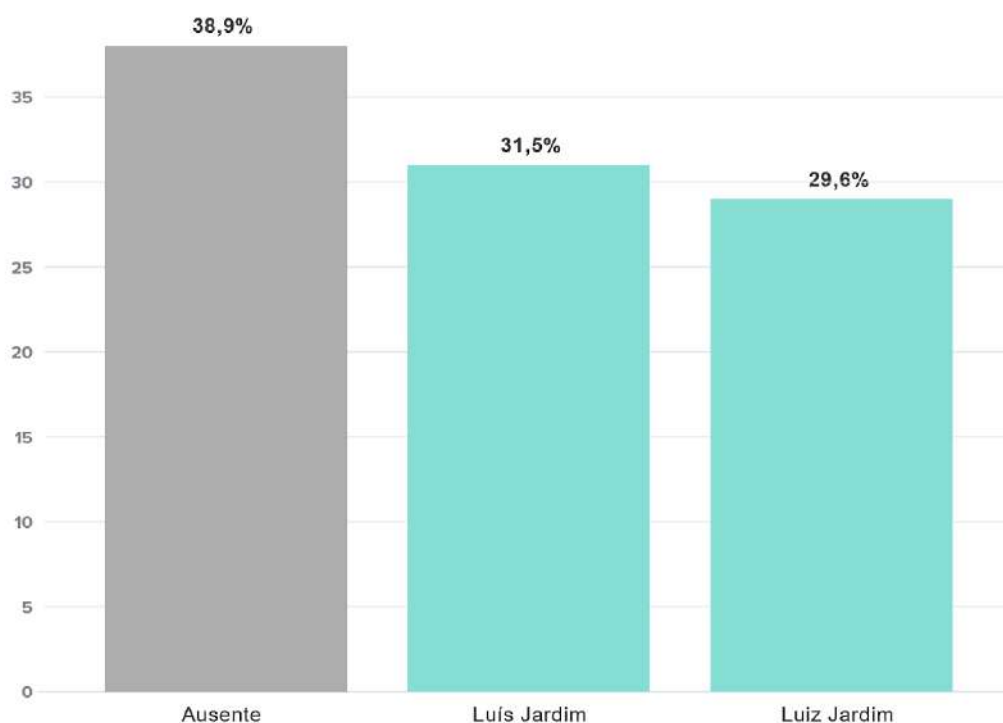


Gráfico 7 - Legendas com autoria de Jardim em suas colaborações para Pernambuco. Fonte: Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

Agrupei as imagens nos seguintes temas e tipologias presentes no gráfico a seguir, sendo os de maior ocorrência as imagens de carnaval; representando pessoas; paisagem urbana e rural; e monumentos (Gráfico 8).

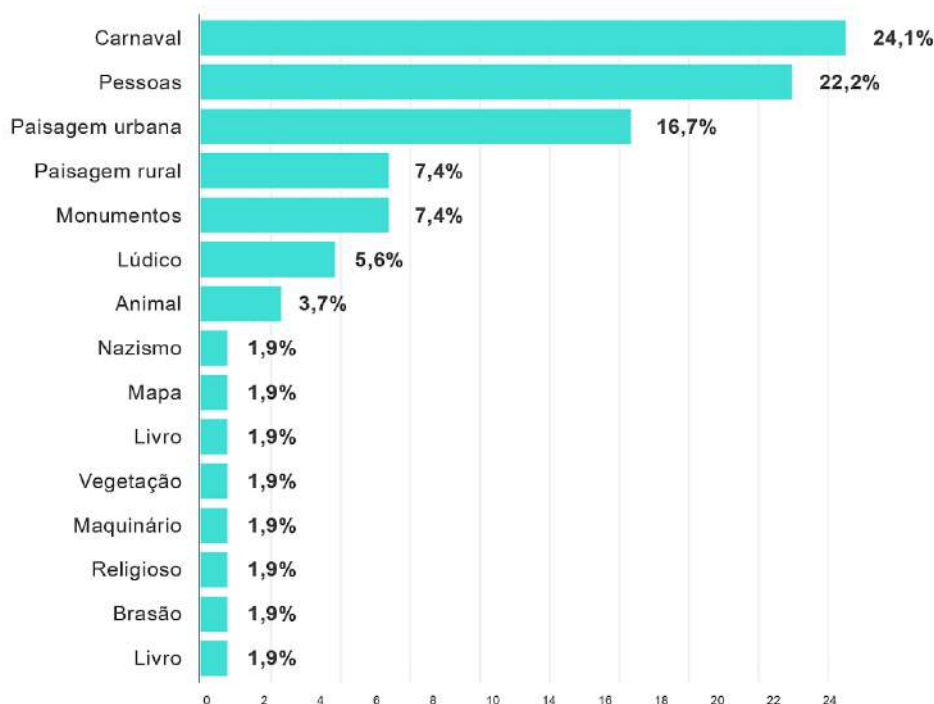


Gráfico 8 - Tipologia das imagens encontradas em suas colaborações para Pernambuco. Fonte: Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

As imagens de carnaval em sua maioria são as sugestões de fantasias que Jardim ilustrou para o *Suplemento Carnavalesco* do JC, algumas das imagens representando pessoas são retratos de personalidades que Jardim criou. Já a grande maioria de paisagens urbanas, rurais e monumentos pode-se inferir como uma consequência da participação de Jardim para o *Guia de Recife*, de Gilberto Freyre, o qual possuía diversas ilustrações feitas por Jardim sobre esse tema.

5.6.2 Periódicos do Rio de Janeiro (1937-1954)

O montante de imagens dos periódicos que Jardim colaborou durante sua fase no Rio de Janeiro é bem menor relacionado aos outros, sendo os dados na tabela também em quantidade inferior, como já mencionado. Os resultados quantitativos apontam para uma maior participação de Jardim em revistas ilustradas do que em jornais e suplementos (Gráfico 9). São eles: revista *Espelho*, *Diretrizes*, *Sombra*, *O Cruzeiro*, o jornal *Correio da Manhã*, e *Letras e Artes* suplemento de *A Manhã*.

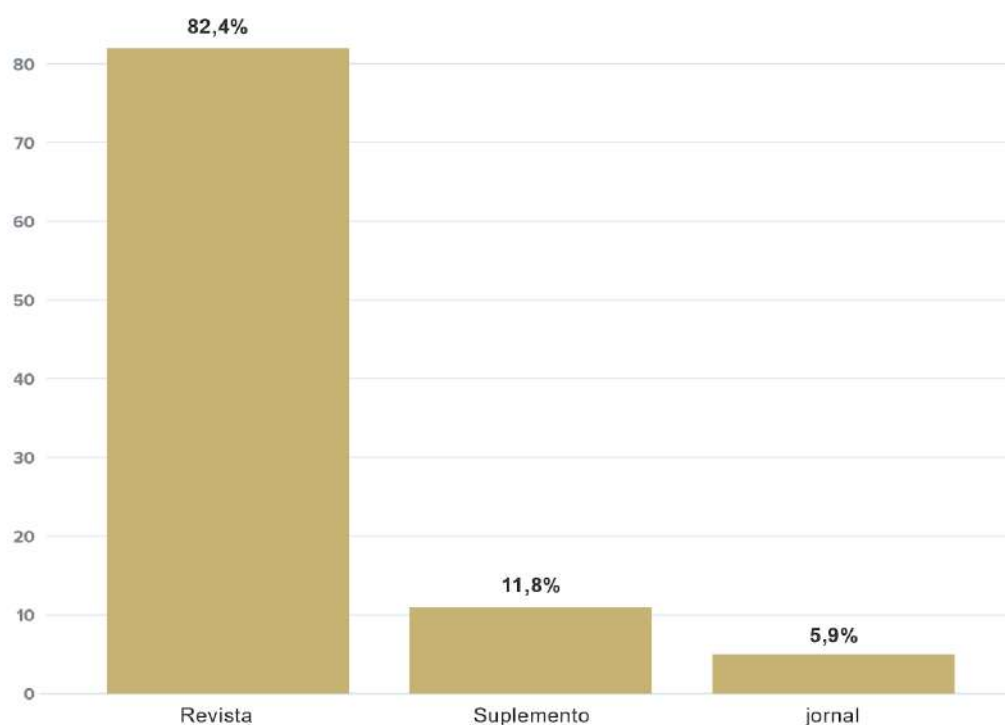


Gráfico 9 - Tipos de impressos que Jardim colaborou como artista gráfico no Rio de Janeiro. Fonte: Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

A maioria do conteúdo dos impressos que Jardim produziu são de ilustrações internas, 2 imagens de 17 são creditadas diferentes, uma como quadro (da sua exposição de aquarelas no Rio) e outra como “estudo para um mural” (Gráfico 10), há também a presença de retratos e um autorretrato do artista feita para a coluna “caricatura” de uma edição da revista *Cruzeiro* de 1954.

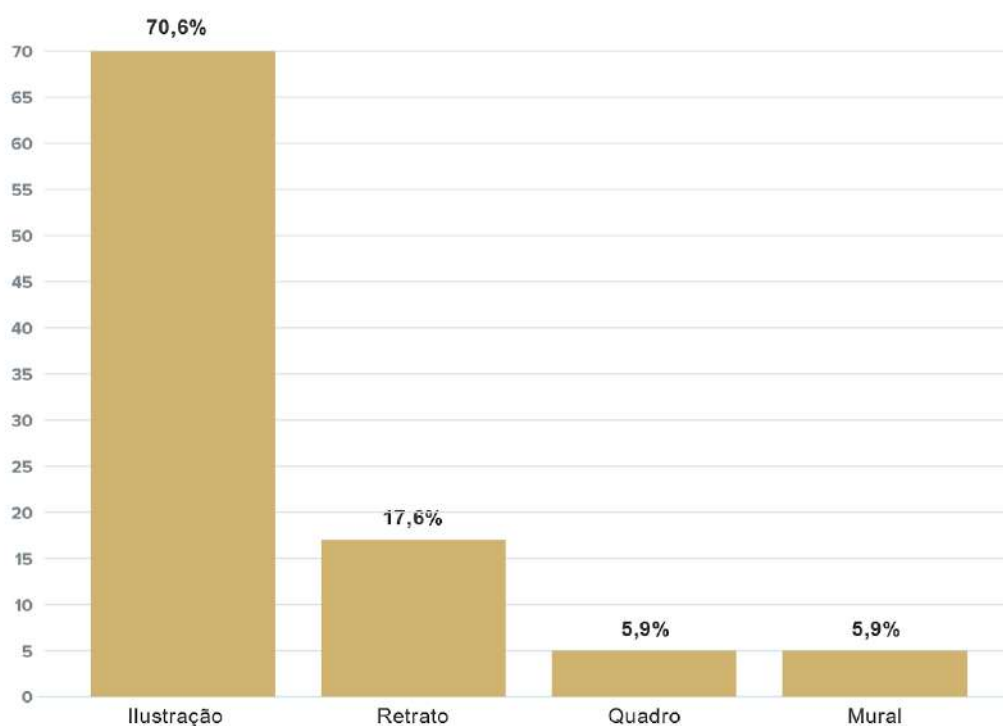


Gráfico 10 - Tipos de colaborações de Jardim como artista gráfico para a imprensa carioca. Fonte: Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

Das 17 ilustrações, apenas as presentes na edição 61 da revista *Sombra* de 1946 apresentam mais de uma cor, preto e vermelho, somando um total de 4 desenhos. O restante são reproduções em preto e branco, como visto na imagem a seguir (Gráfico 11).

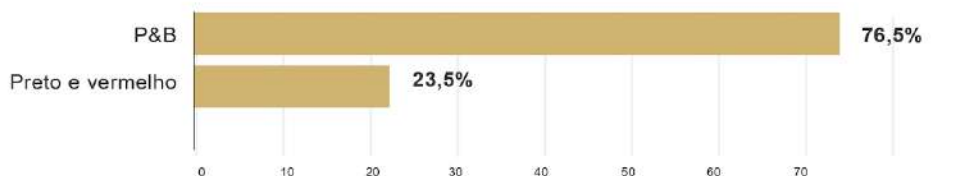


Gráfico 11 - Usos de cor nas colaborações de Jardim como artista gráfico para a imprensa carioca. Fonte: Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

No que se trata das assinaturas do artista para tais ilustrações, o que se nota é uma ausência da mesma, sendo a legenda das imagens a responsável por identificar o trabalho de Jardim, quando comparamos os resultados mostrados nos dois gráficos (Gráficos 12 e 13), fica claro essa constatação.

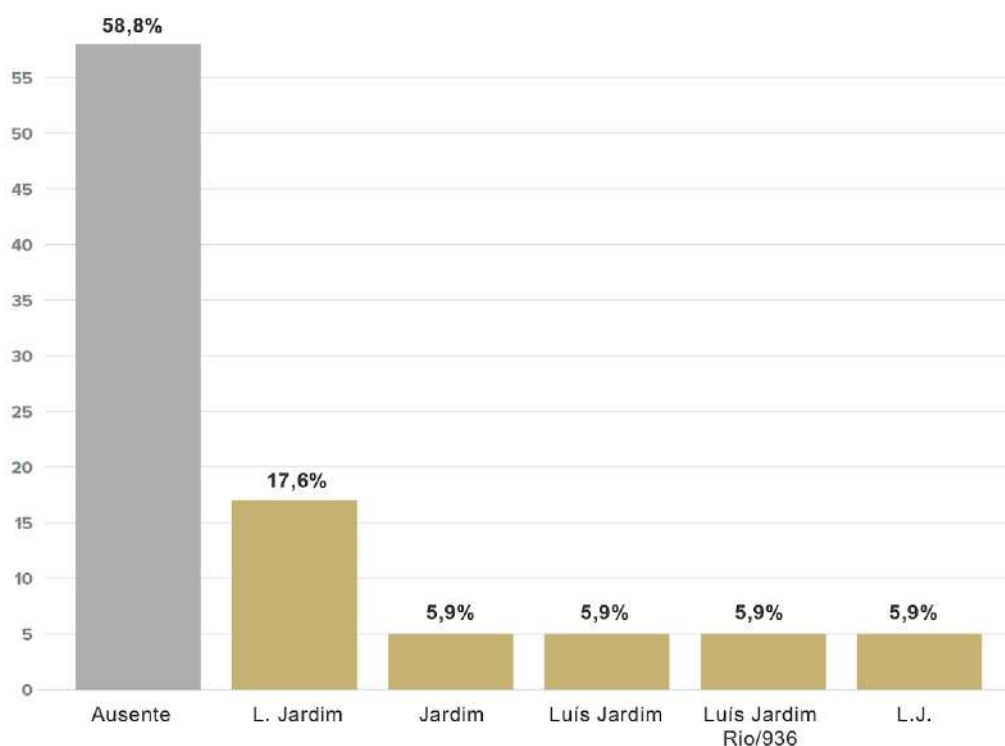


Gráfico 12 - Tipos de assinaturas diferentes de Jardim encontradas em suas colaborações para Rio de Janeiro. Fonte: Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

Tais legendas em sua grande maioria indicam o nome do artista na grafia correta, no entanto, há também menções a seu nome como Luiz em detrimento de Luís com “s” (Gráfico 13), sendo mais comum essa prática no ano de 1937, ano em que Jardim havia acabado de chegar a capital fluminense e, com isso, talvez fosse comum confundir a grafia correta do seu nome nos periódicos, prática comum no Recife, como visto em dados anteriores.

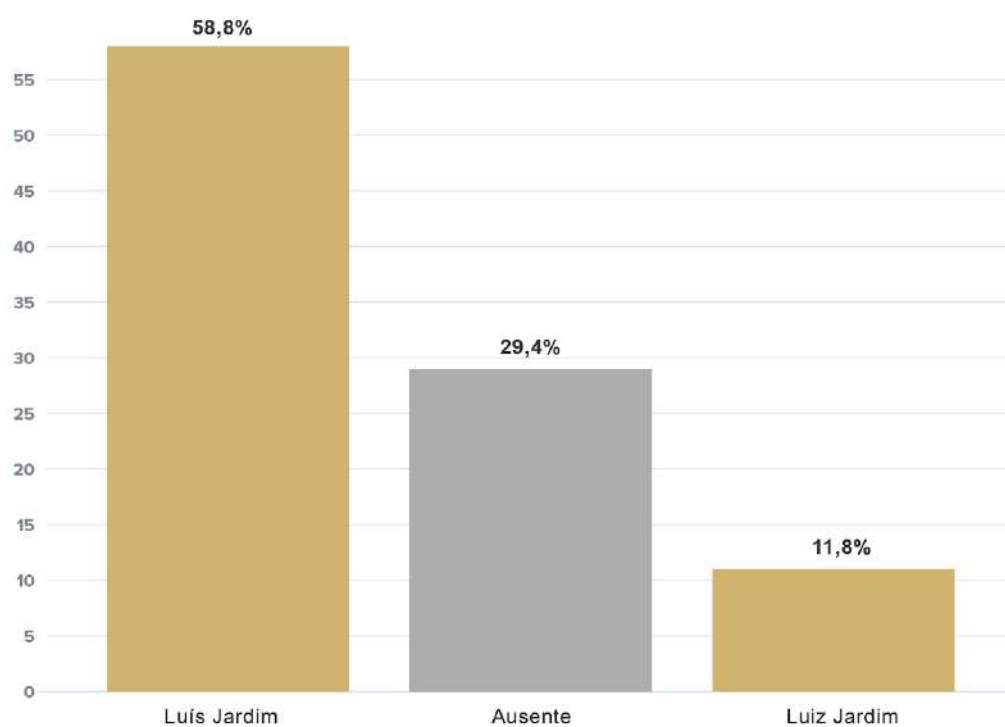


Gráfico 13 - Legendas com autoria de Jardim em suas colaborações para o Rio de Janeiro. Fonte: Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

Sobre os temas que Jardim ilustrou para esse grupo de periódicos do Rio de Janeiro (Gráfico 14), há uma forte presença de imagens que apresentam pessoas, graças também a alguns retratos presentes em alguns impressos, como também as imagens que envolvem grupos de pessoas (ilustrações de bandas marciais, por exemplo). Há também paisagens urbanas e rurais e imagens que representam a festa natalina para a revista *Sombra*, interessante mencionar que essas últimas fazem parte das imagens coloridas do montante, com presença da coloração vermelha, cor comumente utilizada na representação do natal.

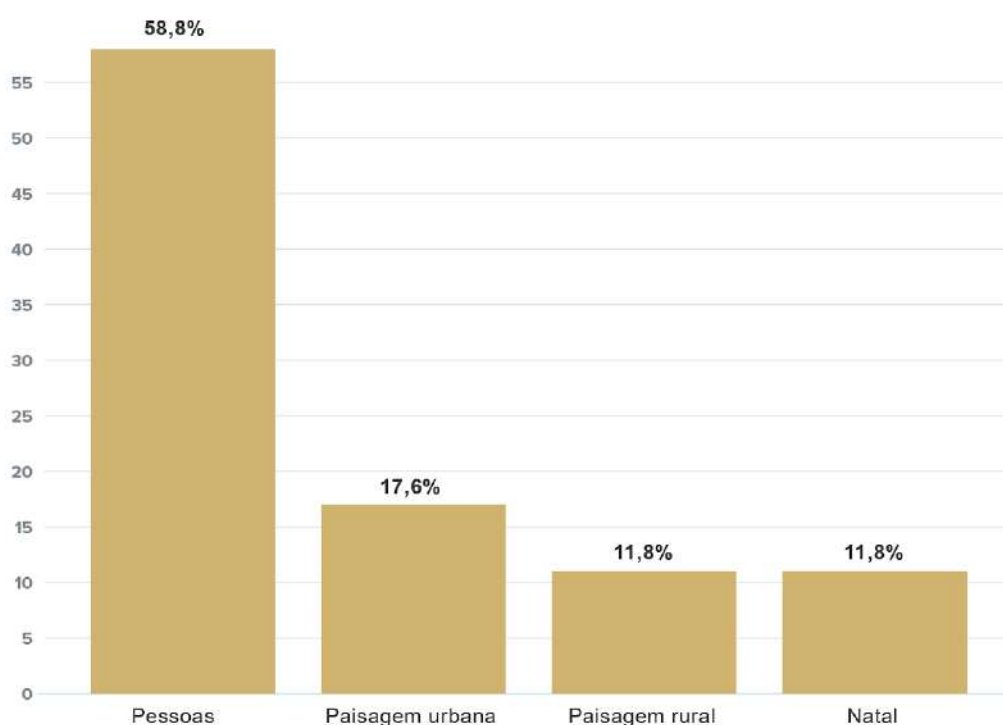


Gráfico 14 - Tipologia das imagens encontradas em suas colaborações para Rio de Janeiro. Fonte: Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

5.6.3 *Brasil Açucareiro* (1957-1972)

Por último, apresento os dados da revista *Brasil Açucareiro*. Para esse grupo de imagens, a análise dos dados se mostram de forma diferente, já que a tabulação também sofreu alterações, tendo em vista que se trata de um periódico único. Foram encontradas 20 edições da *Brasil Açucareiro* com participações de Jardim, em um total de 39 imagens.

Além dessas, 8 desenhos originais de Luís Jardim foram identificados no setor de iconografia da FUNDAJ, sendo agrupados a esse grupo no momento de catalogação, como dito anteriormente. Através desses achados, constatei que o artista criou um grupo de ilustrações “base” que serviram para compor as diversas edições da revista, bem como letras capitulares, vinhetas e uma ilustração de capa que serviu de borda padrão nas capas que se seguiram (Fig. 36).



Figura 36 A e B - Originais de Jardim para a revista *Brasil Açucareiro*, moldura de capa e letras capitulares. Fonte: Imagens cedidas pelo Setor de iconografia do Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco De Andrade - FUNDAJ.

Ou seja, em cada edição era impresso um número específico dessas ilustrações para compor as diversas páginas da revista, conforme fosse necessário, em cores diferentes de acordo com o padrão estabelecido para aquela edição. No CEHIBRA também foi identificado o bico de pena, como técnica utilizada pelo artista para esse conjunto de ilustrações, assim como a aquarela para as ilustrações em cores que Jardim compôs para algumas capas, uma dessas estando presente na coleção da FUNDAJ (Fig. 37).



Figura 37 A e B - Originais de Jardim para a revista *Brasil Açucareiro*: aquarela para capa da edição de 1960 e ilustrações internas. Fonte: Imagens cedidas pelo Setor de iconografia do Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco De Andrade - FUNDAJ.

À exceção desse material, criado com o intuito de ser replicado em diversas edições da revista, algumas ilustrações únicas também foram encontradas no material, totalizando tudo num acervo de 47 imagens entre ilustrações, capas, letras capitulares e vinheta, como exibido no gráfico a seguir (Gráfico 15).

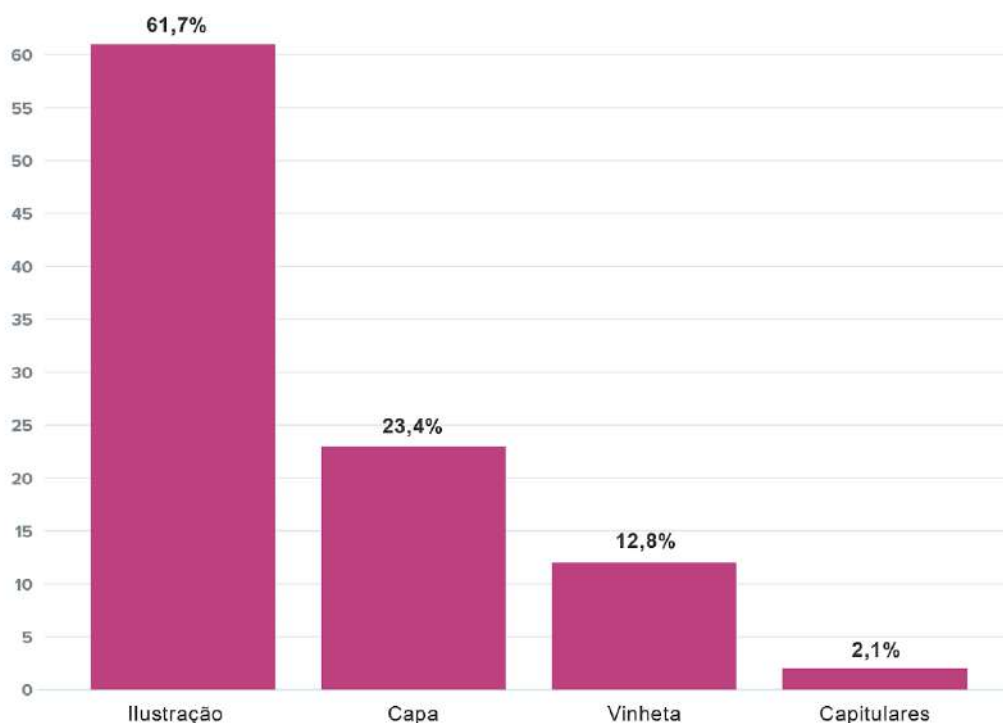


Gráfico 15 - Tipos de colaborações de Jardim para a *Brasil Açucareiro*. Fonte: Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

Desse montante, a maioria das ilustrações foram feitas utilizando a técnica do bico de pena, a qual Luís Jardim já era bastante reconhecido, sendo essas utilizadas nas páginas internas da revista, enquanto que as imagens pintadas em aquarela foram utilizadas como capa (Gráfico 16).

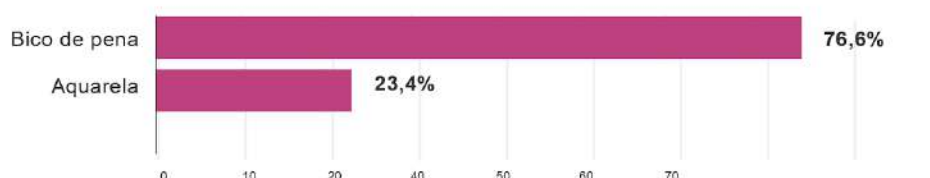


Gráfico 16 - Tipos de técnicas usadas por Jardim para a *Brasil Açucareiro*. Fonte: Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

Para as ilustrações da *Brasil Açucareiro*, não foram identificadas assinaturas do artista nas páginas da revista, estando presente apenas nos desenhos originais (encontradas no acervo do CEHIBRA), tendo sido removidas em suas posteriores reproduções. Há assinaturas nas aquarelas que Jardim pintou, chamou-me a

atenção essas imagens possuía uma legenda específica, presente no editorial da revista, a qual denominava cada uma. Esses dados também foram tabulados e exibidos no gráfico a seguir (Gráfico 17), mostrando tais títulos, podendo indicar uma escolha editorial ou do próprio artista.

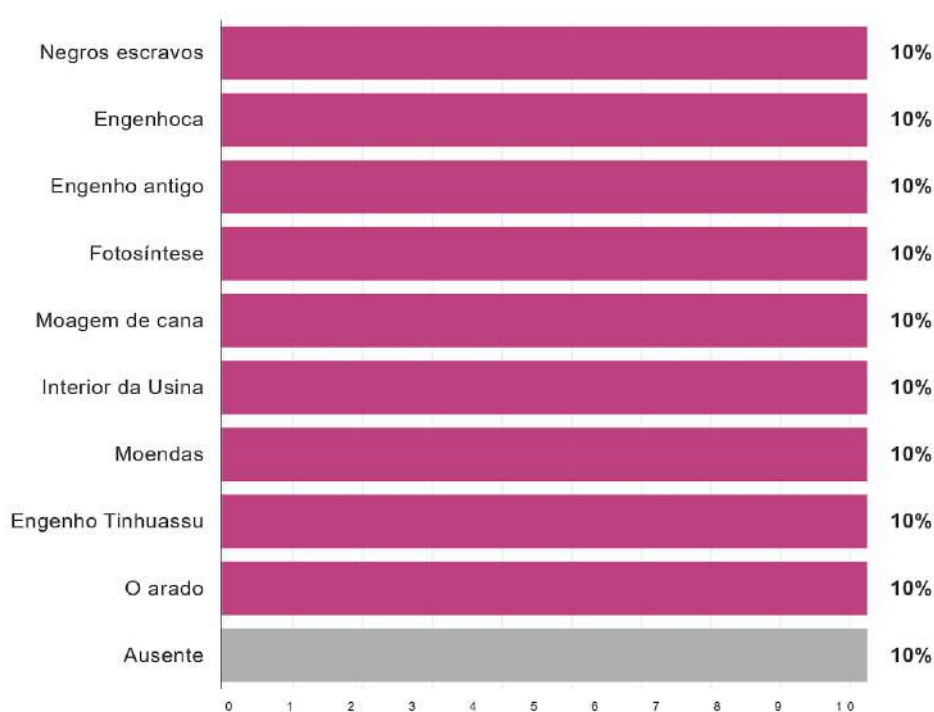


Gráfico 17 - Legendas das capas de Jardim para a *Brasil Açucareiro*. Fonte: Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

Interessante comparar as legendas que denominam as capas com o resultado obtido na próxima imagem (Gráfico 18), já que o mesmo apresenta as tipologias mais comumente ilustradas por Jardim para a revista. Esses dados denotam uma escolha editorial da revista que apresentava em sua composição visual temas comuns à indústria da cana-de-açúcar. Foram elas: paisagem urbana, maquinário, livros, transporte, pessoas, trabalhador rural, paisagem rural, açúcar e vegetação, sendo os de maior ocorrência esses últimos.

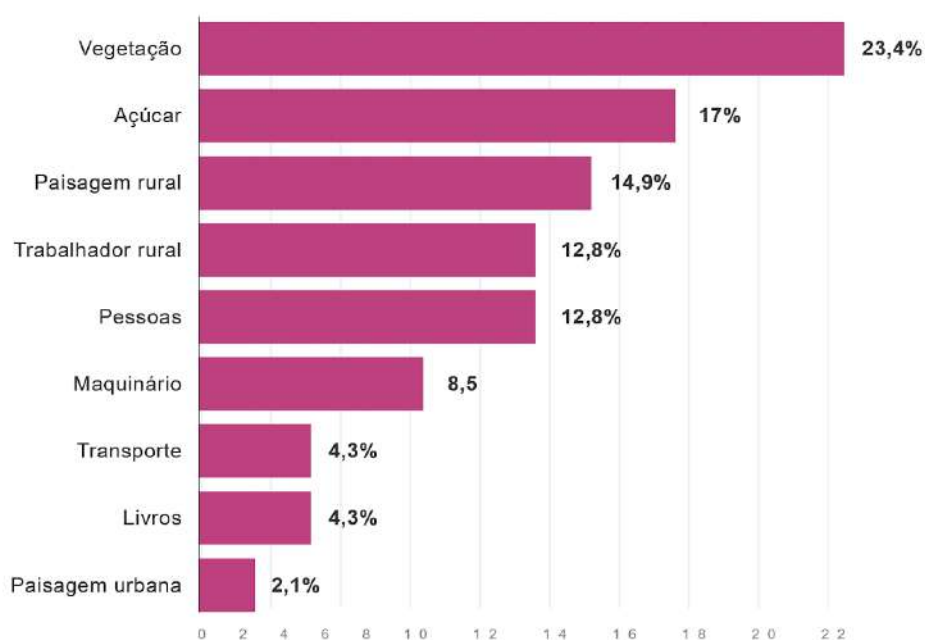


Gráfico 18 - Tipologia das imagens encontradas em suas colaborações para Brasil Açucareiro. Gráfico criado pelo autor utilizando o Adobe Spark a partir da tabulação dos dados.

No próximo capítulo apresento os resultados obtidos através dos dados discutidos até aqui, concluindo assim, o processo metodológico desta pesquisa.

Capítulo 6

Discussão dos Resultados



endo em vista os resultados obtidos por meio da análise estatística dos dados e guiado pelos tipos de trabalho feito por Jardim, advindo das fichas de análise, categorizei e classifiquei a produção do artista em alguns aspectos tipológicos a serem discutidos neste capítulo, buscando evidenciar estilos e linguagens gráficas adotados pelo artista em seus primeiros trabalhos, tentando recuperar a sua memória gráfica.

Levando em consideração o recorte dessa pesquisa, o qual se concentra na produção de Jardim para a indústria gráfica pernambucana, a discussão tem como foco os resultados obtidos na análise dos dados do item 4.6.1 (o grupo de imagens denominadas Periódicos de Pernambuco [1928-1936]). Entretanto, algumas relações podem ser feitas com o restante das imagens dos outros grupos durante o capítulo, ou seja, os dados obtidos nos itens 5.6.2 e 5.6.3.

6.1 Ilustrações

Das imagens encontradas nos acervos, se sobressai as ilustrações que Jardim fez para a imprensa periódica, abarcando a maior produção do artista. Os desenhos a traço seja de bico de pena ou gravura fazem parte do repertório de Luís Jardim, o qual utiliza como elemento na maioria de sua produção como artista gráfico, além ser reconhecido por eles. Mencionado inclusive na própria imprensa, sendo comum ser chamado de desenhista e pintor em algumas matérias e críticas encontradas durante a pesquisa.

Algumas características comuns são percebidas nessas ilustrações que Jardim produziu, para os quase dez anos de produção em Pernambuco. Através dos anos observa-se uma evolução do traço e das formas de representação, contudo, seu trabalho possui uma subjetividade e até excentricidade num primeiro olhar, beirando o abstrato e surreal (Fig. 38). Em alguns casos, o artista ilustra alegorias carregadas de simbolismo, como no caso do painel que cria para a festa de *Casa-Grande e Senzala*, no desenho presente na *Revista Moderna* de 1933 (Fig. 39), o artista apresenta diversos símbolos presentes na obra de Freyre, com destaque ao centro para as figuras do índio, do negro e do branco. Recordando que foi o próprio Jardim que datilografou o livro de Freyre.



Figura 38 - Ilustração de Jardim para *Revista de Garanhuns*. Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.



Figura 39 - Ilustração de Jardim para *Revista Moderna*. Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Em alguns momentos, o artista utilizou-se do traço fino, ilustrando com poucas linhas pessoas e paisagens. Seus primeiros trabalhos encontrados nessa pesquisa, para a segunda fase do jornal *A Província* é marcado por essa característica. O artista utilizava a técnica de bico de pena para criar o desenho a traço, os quais segundo Carlos Freixas (1976) é um processo gráfico muito econômico e passível de reprodução em toda classe de papéis em seus diferentes graus de qualidade, bastante comum na ilustração de livros, jornais e revistas.

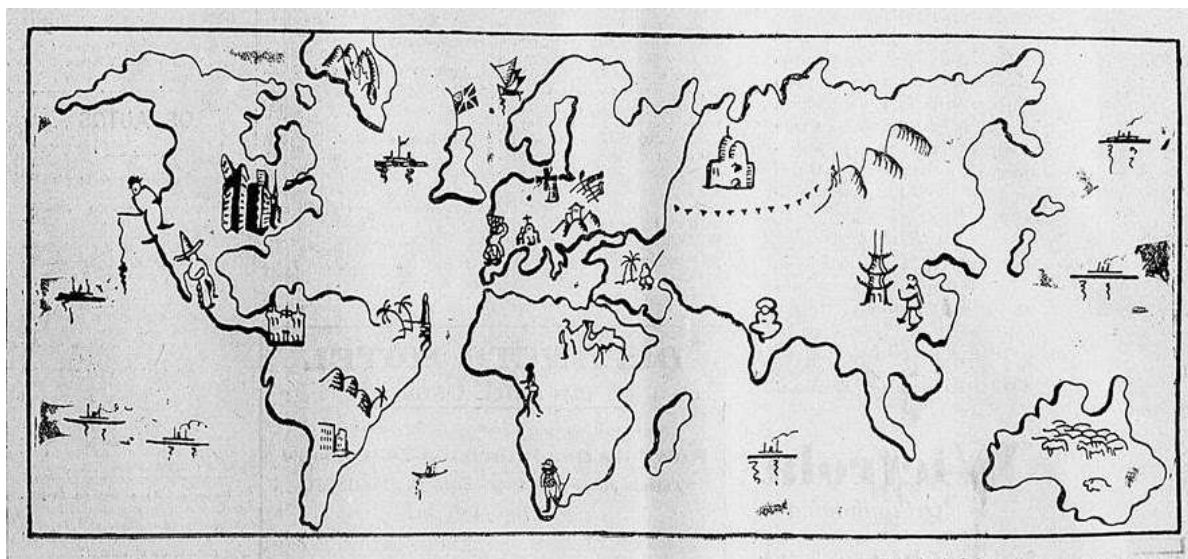


Figura 40 - Mapa de Jardim para *A Província* (1928). Fonte: Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O já mencionado anteriormente “Carregadores de piano” (Fig. 41), ou o mapa que Jardim ilustrou (Fig. 40) são alguns exemplos, ambos de 1928. Em uma outra ilustração, “Pierrot e Colombina”, dessa vez para a *Revista Moderna* de 1933 (Fig. 42), o artista sintetiza em poucas linhas o Pierrot mascarado tocando um instrumento de cordas para uma Colombina em posição oposta. Há nesses primeiros trabalhos de Jardim uma distorção na forma como ele retrata a figura humana, caracterizando um estilo distinto, seja na forma como ilustra a Colombina na imagem — o corpo esguio e a posição dos membros superiores e inferiores em uma pose quase de sedução — ou o contraste com um Pierrot, esse mais corpulento e galante, construído a partir de formas geométricas e linhas circulares que lembram instrumentos musicais, como um pandeiro formando a gola de sua vestimenta.

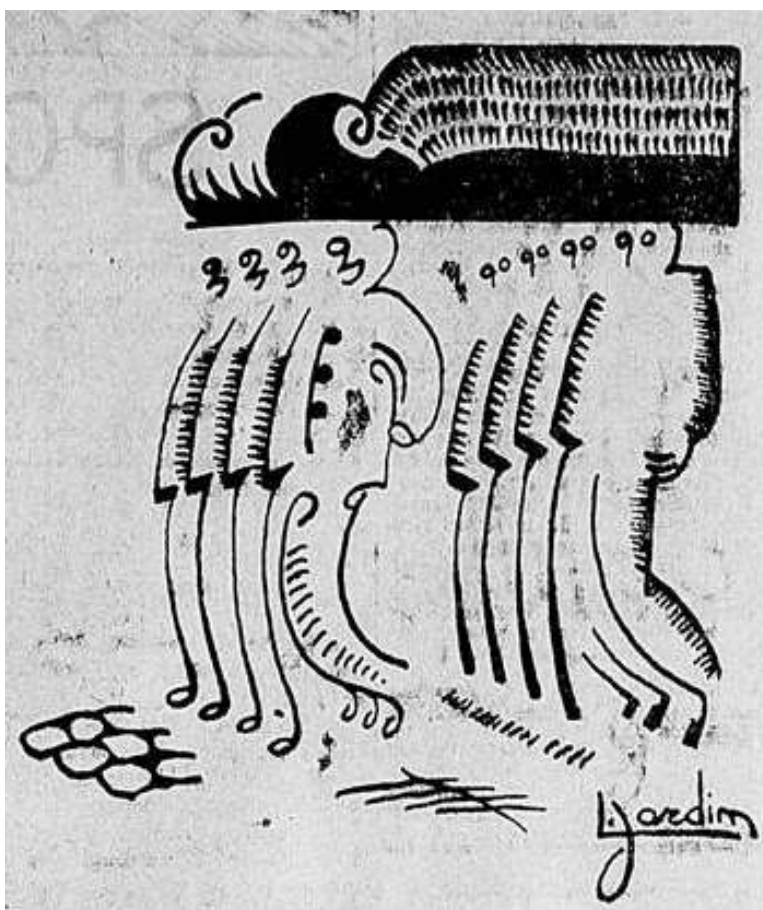


Figura 41 - Ilustração de Jardim para *A Província* (1928). Fonte: Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional



Figura 42 - Ilustração de Jardim para *Revista Moderna* (1933). Fonte: Fotografia do autor a partir do exemplar presente no acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Era sua característica também demonstrar o Nordeste e a vida sertaneja, como o próprio comenta em alguns momentos de sua biografia, talvez motivado pelo regionalismo de Freyre ou genuinamente por suas influências interioranas.

Em um desenho, ainda para *A Província*, intitulado “O Recife de Luís Jardim” de 1928, o artista demonstra a paisagem do Recife com foco no subúrbio, ao invés de todas as reformas modernistas que aconteciam nesta época na capital pernambucana, dando foco ao carroceiro no calçamento de pedra e os trabalhadores com suas encomendas suspensas na cabeça (Fig. 43).



Figura 43 - Ilustração de Jardim para *A Província* (1928) Fonte: Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.



Figura 44 - Ilustração de Jardim para *Revista de Garanhuns* (1931). Fonte: Fotografia do autor a partir do exemplar presente no acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Para a *Revista de Garanhuns* fez diversos desses desenhos que envolvem a vida rural, em um dos exemplos o artista ilustra a pega de boi (Fig. 44), atividade comum na vida rural do interior pernambucano. A figura do homem montado no cavalo tentando laçar o animal é ilustrada utilizando o desenho a traço, novamente sintetizando as linhas. Nota-se nesta ilustração a perspectiva, de certa forma, peculiar que o artista retrata, a cena é mostrada em um ângulo superior, também indicando movimento na cena, percebida pela posição dos personagens e vegetação. A vegetação que compõem o contorno da imagem, utiliza outra característica da obra do artista no período, os traços de entalhe e hachuras, presente comumente na xilogravura.

Os entalhes são assim chamados, pela semelhança formal com os sulcos entalhados na madeira no processo de produção das gravuras xilográficas. Em sua

colaboração para a *Revista de Garanhuns* é comum a presença desses entalhes, assim como as hachuras e linhas paralelas criando um efeito de sombra, evidenciando detalhes da ilustração, às vezes, da vegetação ou até na composição de letras, como no caso da imagem a seguir, em que os caracteres da palavra “livros” são construídos a partir de linhas horizontais paralelas (Figs. 45, 46 e 47).



Figura 45 - Ilustração de Jardim para a *Revista de Garanhuns* (1930). Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Blanche Knopf.

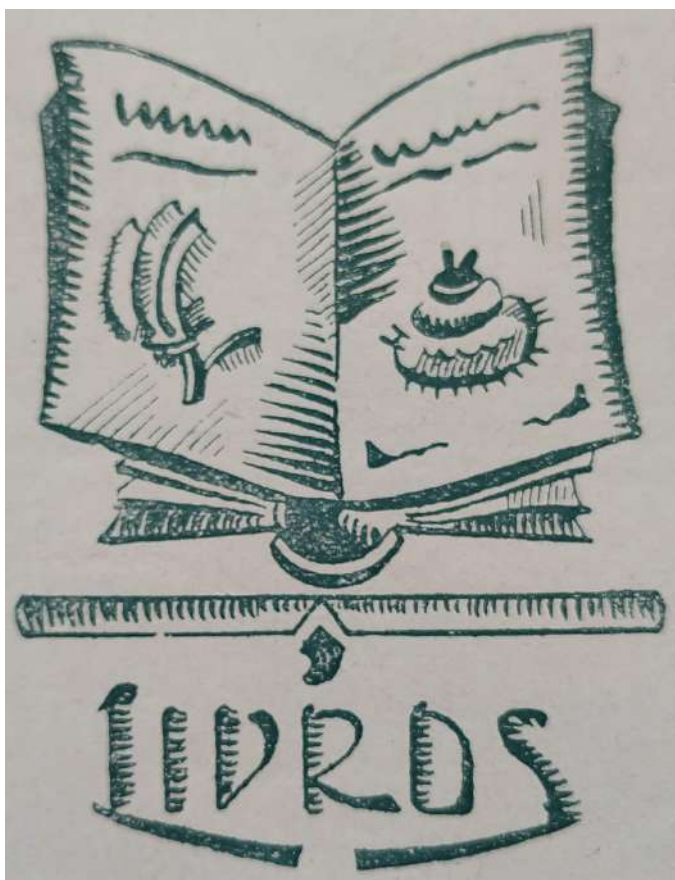


Figura 46 - Ilustração de Jardim para a *Revista de Garanhuns* (1930). Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Blanche Knopf.



Figura 47 - Ilustração de Jardim para a *Revista de Garanhuns* (1930). Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Blanche Knopf.

O traço de entalhe foi evoluindo na produção gráfica de Jardim, no *Guia do Recife* de Gilberto Freyre publicado em 1934, o artista pôde melhor aperfeiçoar esse atributo, dessa vez utilizando de zonas compactas (chapadas) com forte contraste claro-escuro e iluminação total dos meio-tons. Em obras posteriores, como o

Anuario de Pernambuco (Fig. 48) e o *Diário de Pernambuco* (Fig. 49), ambos de 1936, o artista apresentou ilustrações com essas mesmas características. Tanto na representação do Recife como na figura de Jesus crucificado o desenho é composto por formas abstratas e orgânicas.

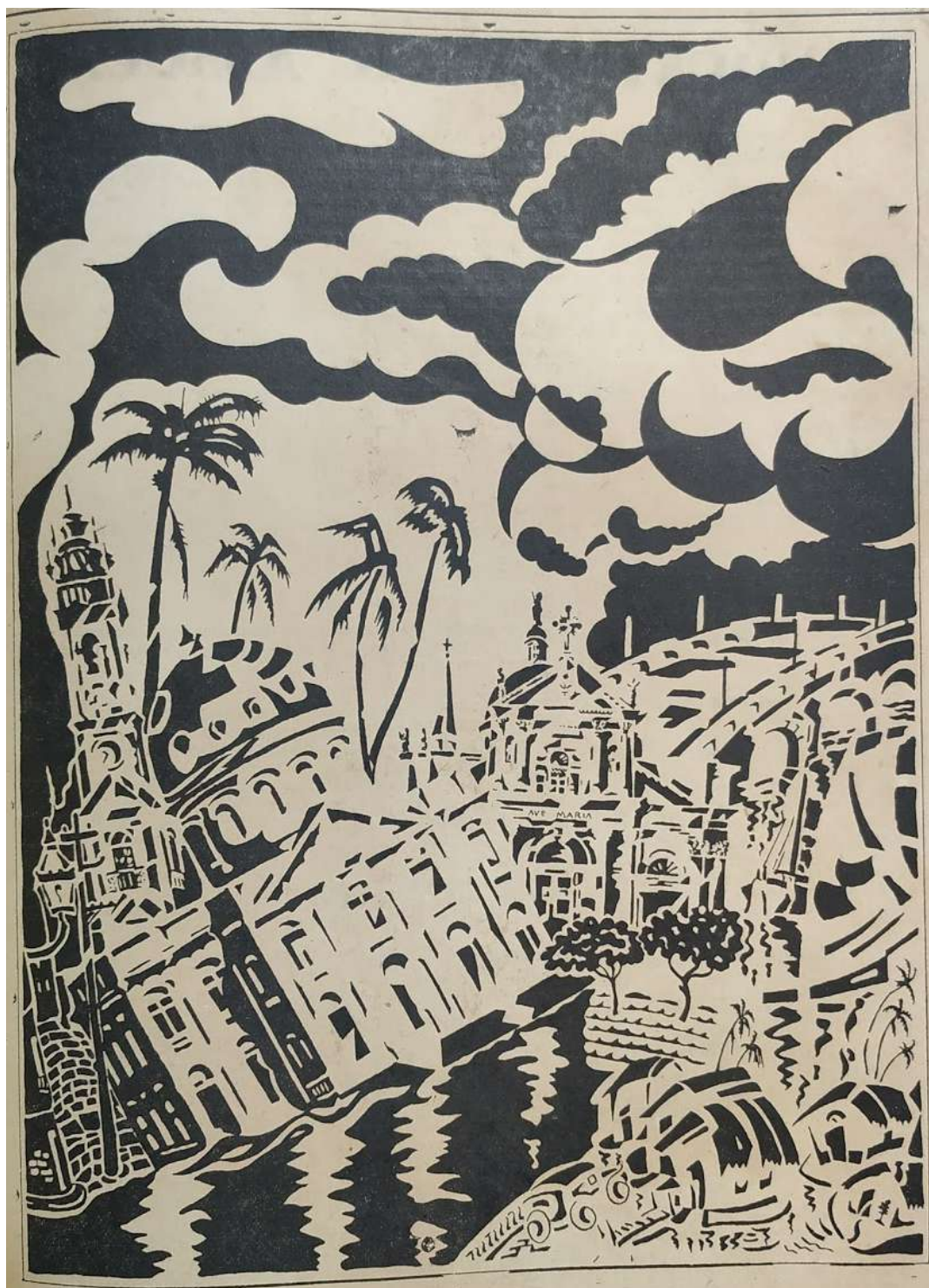


Figura 48 - Ilustração de Jardim para a *Anuario de Pernambuco* (1936). Fonte: Fotografia do autor a partir do exemplar presente no acervo de obras raras da Biblioteca Blanche Knopf.

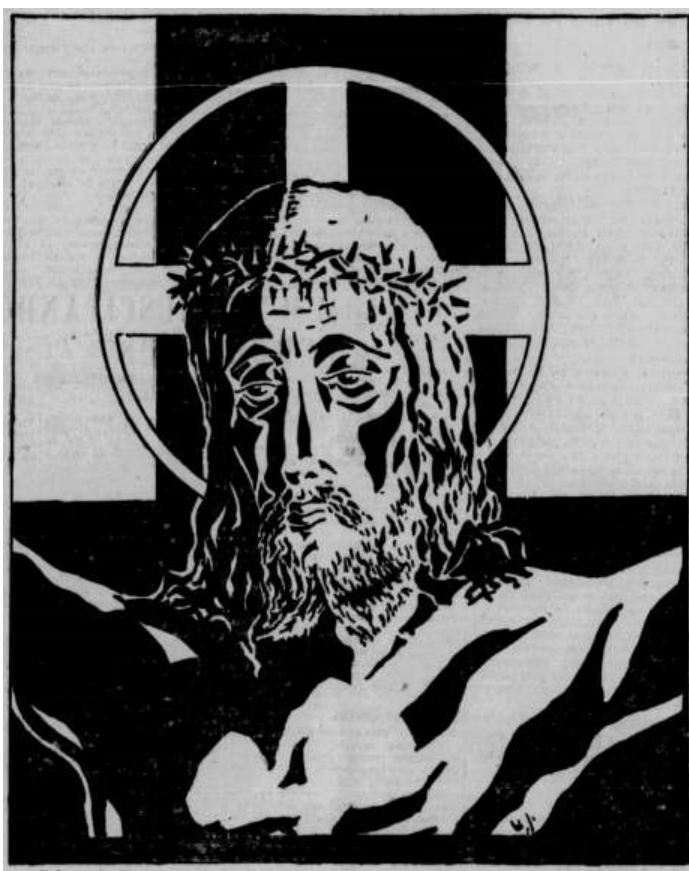


Figura 49 - Ilustração de Jardim para o *Diário de Pernambuco* (1936). Fonte: Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O artista utiliza, na primeira imagem (Fig. 47), o contraste preto e branco nas sombras presente nos prédios da imagem do Recife, no contraste do céu e da nuvem e nos detalhes no rio. Já na segunda imagem (Fig. 48), o preto foi utilizado na construção dos músculos do corpo e do rosto de Jesus, o lado esquerdo está parcialmente encoberto pelas sombras em contraste com o lado direito, ficando a cargo dos entalhes detalhar barba e cabelo.

Em alguns exemplos do montante de imagens o artista cria desenhos utilizando do contraste claro-escuro, os quais se assemelham bastante a reproduções de gravuras em relevo ou xilogravuras. Luís Jardim produziu “carimbos de imburana e cajá”²⁶, madeiras típicas da produção de matrizes xilográficas²⁷. Nas ilustrações que o artista fez para a *Revista de Garanhuns* e para o *Acção Pernambucana*, de 1930 e 1934 (Figs. 50 e 51), respectivamente, é perceptível essas características, além de se tratarem de imagens visualmente semelhantes.

²⁶ Informações cedidas por Luís Afonso de Oliveira Jardim, em visita informal a sua residência em Garanhuns, no dia 16 de Outubro de 2019.

²⁷ Conferir *Imagem e Letra: Introdução à Bibliografia Brasileira*, Orlando da Costa Ferreira (1976).



Figura 50 - Gravura de Jardim para *Revista de Garanhuns* (1930). Fonte: Fotografias do autor a partir dos exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Blanche Knopf.

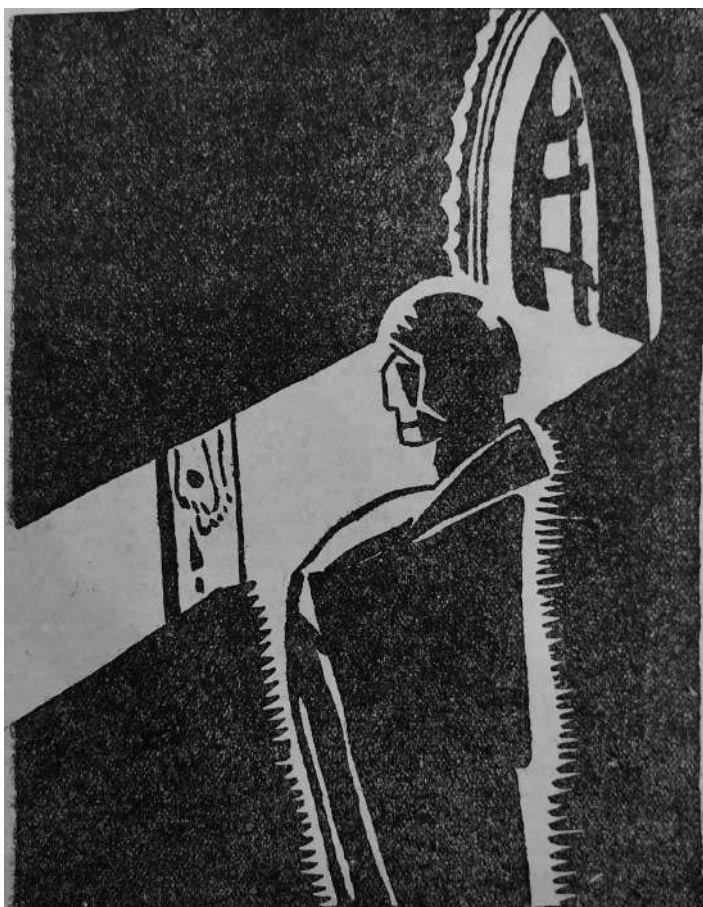


Figura 51 - Gravura de Jardim para *Acção de Pernambuco* (1934). Fonte: Fotografias do autor a partir dos exemplares presentes no Arquivo Público Jordão Emerenciano, respectivamente.

Ambas as imagens retratam ambientes escuros, tomados pelas sombras (impressos em vermelho na primeira imagem), utilizando a representação da figura de janelas e portas como “entradas de luz” para as cenas, nesse caso utilizando do branco do papel como contraparte da própria imagem e elemento fundamental da formação do contorno dos desenhos, formando o que Costa Ferreira (1976, p. 27) chama de “gravura negativa”.

Há algumas pequenas ilustrações e vinhetas presentes ainda nessa revista que se assemelham a características de “carimbo” (Figs. 52), as quais podem se tratar de xilogravuras ou clichês de metal, de toda forma ficou evidente que o artista utilizou a xilogravura como linguagem gráfica na hora de produzir sua obra, provavelmente, influenciado pela técnica popular no Nordeste, a qual tantos artistas desfrutaram como expressão de sua arte.



Figura 52 A, B e C - Vinhetas de Jardim para *Revista de Garanhuns* (1931). Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Blanche Knopf.

Não é comum encontrar imagens coloridas de Jardim no período pesquisado, geralmente há a presença de uma ou no máximo duas cores, contudo o artista

utilizou do meio-tom na criação de algumas imagens para a *Revista de Garanhuns* (Figs. 53 e 54). O meio-tom era presente nas impressões em autotipia através de clichês reticulados, era uma forma de se imprimir tons de cinza ou gamas de tons coloridos já que a prensa só imprimia a cor chapada²⁸.



Figura 53 - Ilustração de Jardim para *Revista de Garanhuns* (1930). Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Blanche Knopf.

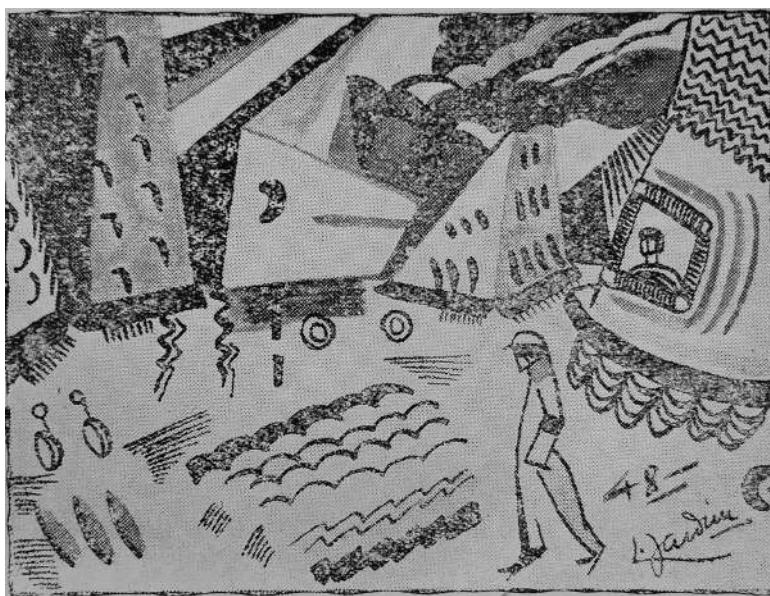


Figura 54 - Ilustração de Jardim para *Revista de Garanhuns* (1930). Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Blanche Knopf.

Jardim soube aproveitar desse artifício tecnológico da época para criar escalas de cinza na imagem que ilustrou da igreja Santo Antônio de Garanhuns, por exemplo (Fig. 53). Dessa forma, o artista deixa de lado o claro-escuro presente nas

²⁸ Cf.: Tópico 3.2

outras imagens, variando aqui com o uso do cinza como uma terceira cor para detalhes na fachada da igreja e dos prédios retangulares na Figura 54.



Figura 55 - Ilustração de Jardim para *Revista de Garanhuns* (1931). Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Blanche Knopf.

Já na imagem colorida, o artista utiliza do tom de azul mais claro como preenchimento das linhas de azul escuro, ambas em contraste com o fundo da imagem (o branco do papel), formando assim novas figuras, as quais não seriam possíveis se não fosse a experiência de Jardim em trabalhar tão bem com essas técnicas.

6.1.1 Retratos

Adentrando a categoria dos retratos que Luís Jardim ilustrou, o artista ilustra, também para a *Revista de Garanhuns*, o busto do diretor do magazine, Hibenon Wanderley (Fig. 56 A). Nessa imagem o artista também utiliza do meio-tom para criar sombras no rosto da figura, semelhante ao que fez na imagem de Jesus, comentada anteriormente, só que aqui utilizando técnica totalmente distinta, ocasionando um resultado diferente. Além disso os detalhes na roupa e no cabelo de Hibenon são projetados também visando a aplicação de tons diversos de cinza, já a forma como o artista representa traços do rosto e o fundo dos bustos, com formas geométricas de tons variados, se assemelham ao cubismo.

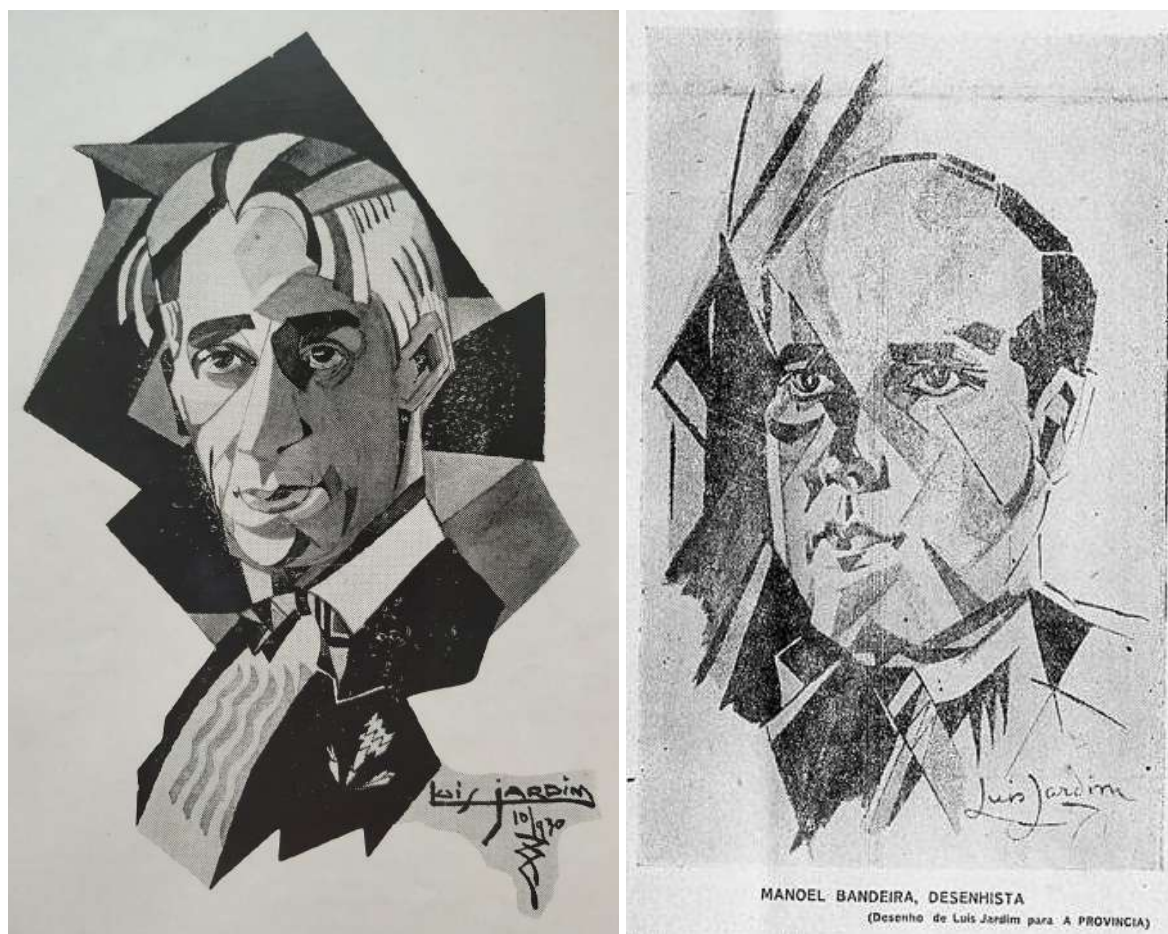


Figura 56 A e B - Retrato de Hibenon Wanderley e Manoel Bandeira para *Revista de Garanhuns* (1930) e *A Província* (1928), respectivamente. Fonte: Fotografia do autor a partir do exemplar presente no acervo de obras raras da Biblioteca Blanche Knopf | Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O retrato de Manoel Bandeira (Fig. 56 B) presente tanto em *A Província* de 1928 e na *Revista Moderna* de 1933, segue a mesma estética que Jardim aplicou aqui. A presença de elementos retangulares, as linhas retas formando o rosto, até a forma como o artista compõe a orelha e os olhos das duas figuras se assemelham, além claro do meio-tom na imagem, mais perceptível na imagem presente na *Revista Moderna*.

Outras duas ilustrações de retratos de Luís Jardim para *A Província* de 1928 e 1930, de Claudio Arrau e Ribeiro Couto respectivamente (Figs. 57), se destacam por suas distinções entre si. Na primeira, o artista utiliza um caráter mais cartunesco nos traços do rosto e entradas do cabelo de Claudio, já no rosto de Ribeiro o artista emprega um estilo mais documental, semelhante ao que mais tarde Jardim irá empenhar na José Olympio, ilustrando retratos dos escritores nos livros da editora.



Figura 57 A e B - Retrato de Claudio Arrau e Ribeiro Couto para *A Província*. Fonte: Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

6.1.2 Figurinos

Jardim ilustrou uma série de dez figurinos de carnaval para o *Suplemento Carnavalesco* do *Jornal do Commercio* de 1936, ganhando destaque na capa do impresso. Os trajes todos femininos, apresentam mulheres em cenários típicos da capital pernambucana como praias e pontes, vestindo fantasias característica da festa.

As imagens foram impressas majoritariamente em uma cor (mais o preto), sendo vermelho a cor predominante, contudo, há exemplares impressos em verde (Fig. 59) e dois desses em três cores juntas, formando um gradiente entre verde, azul e vermelho na capa (Fig.58), a qual é preenchida com desenhos de outros artistas, canções e histórias de carnaval.



Figura 58 - Capa com gradiente de três cores do *Suplemento Carnavalesco*.
Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no Arquivo Público Jordão Emerenciano.



Figura 59 - Capa impressa em verde e preto do *Suplemento Carnavalesco*.
Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no Arquivo Público Jordão Emerenciano.

Para essa colaboração Jardim empregou diversas técnicas do desenho para representar estampas, texturas e movimentos dos tecidos. Sob o título de “A Moda do Carnaval de 1936 - Figurinos do Jornal do Commercio (Sugestão de Luís Jardim)” o artista atuou assim como coadjuvante das fantasias que as foliãs usaram no carnaval de 1936 e anos subsequentes.



Figura 60 A e B - “Mademoiselle frente única” e “Mademoiselle vampira” para *Suplemento Carnavalesco*. Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no Arquivo Público Jordão Emerenciano.

Nas ilustrações intituladas “Mademoiselle frente única (fantasia para banho de mar)” e “Mademoiselle vampiro”, Jardim emprega efeitos de transparência nos tecidos das roupas através de pontilhismo, assim como nos detalhes da sombra do chapéu na primeira imagem e na capa utilizada pela personagem da segunda imagem.



Figura 61 A e B - “Dama antiga” e “Dama de Copas” para *Suplemento Carnavalesco*. Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no Arquivo Público Jordão Emerenciano.

Já a ilustração da “Dama antiga” chama atenção pelo contraste com a vegetação ao fundo e pela riqueza de detalhes, tanto da roupa como do cenário, as sombras formada pelo guarda-corpo da ponte, por exemplo. Em a “Dama de copas” Jardim cria um padrão de corações, intercalando ora pintados, ora vazados no vestido, assim como na bainha.

Outro detalhe presente nessas ilustrações é a forma como Jardim ilustra a figura das modelos, a proporção de algumas partes como os braços e ombros do desenho intitulado “Baianinha”, por exemplo, são alongadas em comparação a outras partes do corpo, assim como os traços do rosto cartunescos, sendo essa ilustração a única do montante em que a personagem não utiliza máscara. Aqui atento para um detalhe comumente presente em desenhos de figurinos, nos chamados “croquis de moda”, os desenhistas geralmente sintetizam membros corporais em detrimento das vestes que quer ilustrar. Contudo, o destaque para os trajes é perceptível, já que o artista ilustra cada minúcia, desde botões e estampas, a caimento de tecido e acessórios, como já mencionado.



Figura 62 A e B - “Bahianinha” e “Russa” para *Suplemento Carnavalesco*. Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no Arquivo Público Jordão Emerenciano.

A fantasia intitulada “Pierrette aérea” se destaca de todas as outras por conter mais de uma cor, o desenho em preto e o fundo da imagem em vermelho, impressa em duas etapas. Tanto as edições impressa num gradiente entre três cores, apresentada no início, quanto essa imagem (Fig. 63) induz o sentido experimental que o Suplemento teve nas oficinas gráficas do *Jornal do Commercio*. Em que artistas e impressores, aparentemente, utilizaram do teor lúdico e brincalhão característico da festa de carnaval, para executar diversas técnicas de impressão no periódico, além do uso de diferentes clichês numa mesma página.



Figura 63 - “Pierrette Aerea” para *Suplemento Carnavalesco*. Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no Arquivo Público Jordão Emerenciano.

6.1.3 Ilustrações repetidas

Em uma observação do montante das imagens, percebi que algumas ilustrações se repetem em impressos diferentes, uma delas ainda em um mesmo periódico, algumas possibilidades foram levantadas sobre essas ocorrências, elucidando práticas comuns à indústria gráfica periódica, sobretudo com o uso de clichês, já que o objetivo primordial deste artefato é justamente ser utilizado mais de uma vez.

Um dos exemplos é o retrato de Manoel Bandeira que Jardim fez para a edição 286 de *A Província*, publicado em 1928, a mesma ilustração também está presente em edição de aniversário da *Revista Moderna* de 1933 (Fig. 64). A presença de tons de cinza nas imagens, bem como dos pontos de tamanhos diferentes quando ampliada a segunda imagem pode ser resultado de impressão em clichês reticulados (Fig. 64 C).



Figura 64 A, B e C - Retrato de Manoel Bandeira presente em *A Província* e *Revista Moderna*, respectivamente. Detalhe da imagem ampliada. Fonte: Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional | Fotografia e ampliação do autor a partir dos exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

As dessemelhanças entre as duas fica nos detalhes (os tons em cinza mais fortes no rosto da segunda imagem presente na *Revista Moderna*), contudo deve-se levar em consideração que a primeira imagem se trata de uma digitalização do original por parte da Biblioteca Nacional e a segunda uma fotografia da página da revista, feita durante a pesquisa aos acervos, ou seja é comum a presença de algumas distorções nestes casos²⁹.

Entretanto, a questão levanta duas hipóteses: o uso do mesmo clichê cinco anos depois ou a fabricação de um novo a partir da primeira imagem impressa. O manual *A Fotogravura Resumos Técnico-Práticos* (1939) alerta para a impossibilidade de se utilizar imagens impressas como original para criação de clichês, “A reprodução de uma imagem impressa sem passar por retoques causaria o *Moiré*, comprometendo a qualidade da reprodução” (MIRABEAU *et al.*, 2013).

Já sobre a primeira hipótese, a bibliografia nos elucida algumas pistas, Cavalcante (1970, p. 82) comenta que a *Revista Moderna* era impressa na The Propagandist e “servida de boa clicherie”. Sobre *A Província* o autor comenta que o

²⁹ Cf.: Tópico 5.4

jornal teve sua última edição em junho de 1933 “sendo vendidos o material tipográfico e a maquinaria a nova empresa O Estado” (CAVALCANTE, 1966, p. 236).

A venda de clichês de *A Província* em seu declínio em 1933 (mesmo ano da edição da *Revista Moderna*) para a The Propagandist, esclarece algo que provavelmente era comum às práticas gráficas da época: a venda e o escambo de materiais gráficos como clichês e tipos de metal, por exemplo. Algumas questões podem ser levantadas sobre isso: qual seria a relação que o artista gráfico teria com essa venda? Em termos de remuneração ou propriedade intelectual. Ou essas seriam questões que pairam apenas o cenário do design moderno? Sabe-se que Jardim participou efetivamente da equipe de *A Província*, enquanto que para a *Revista Moderna* o artista aparece apenas como uma colaboração, como relatado em *Jornal do Recife* (1933)³⁰.

Encontrei mais alguns exemplos dessas práticas que complementam a discussão. O *Almanaque de Garanhuns* de 1936 (Fig. 65), no qual em suas páginas há a presença de um desenho que Jardim fez a princípio para a *Revista de Garanhuns* de 1930 (Fig. 65).

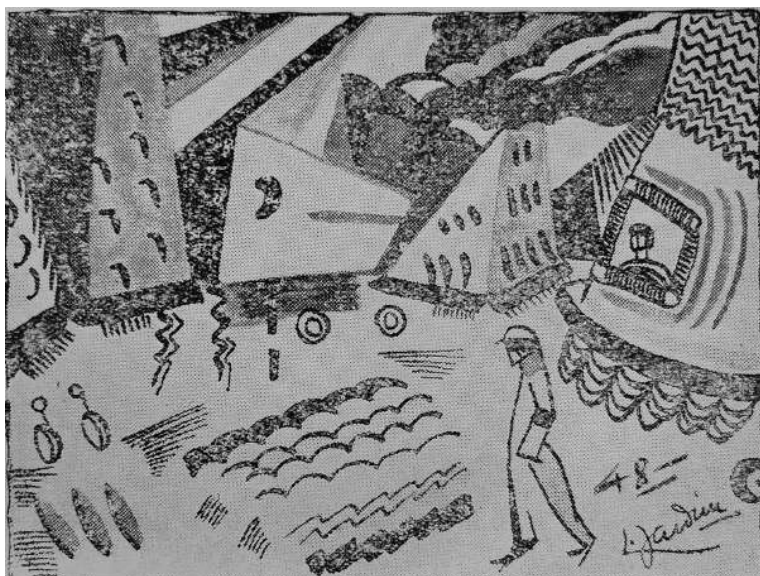


Figura 65 - Ilustração de Jardim presente em *Revista de Garanhuns*. Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

³⁰ Segundo nota no *Jornal do Recife*: “O presente número, impresso em fino papel couchê, insere colaborações de Aloísio Branco, Nelson Ávila, Murilo Mendes e desenhos interessantíssimos de Manoel Bandeira, Luís Jardim, Nestor e outros” (Ed. 206, 1933).



Figura 66 A e B - Ilustração de Jardim presente em *Almanaque de Garanhuns*, detalhe ampliado da imagem. Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Com a imagem ampliada, nota-se, novamente, a presença de retícula nas imagens, associando a mesma aos clichês reticulados. Nesse caso, de acordo com os registros da própria *Revista de Garanhuns*, sabe-se que a mesma era impressa em tipografias próprias, localizada em Recife; como já mencionado anteriormente, o magazine só teve três edições, organizada por José Hibernon Wanderley, findando em 1931. Já o *Almanaque* era editado por Félix Rui Pereira e organizada por Miguel Jasseli e Ruber Van der Linden, este último também ilustrador (CAVALCANTE, 1994). Tendo em vista que ambas eram publicações destinadas a mesma cidade, ou seja, o mesmo público alvo e, conseqüentemente, a ilustração em questão ser uma representação do artista dessa, que era sua cidade natal, compreende-se que tenha havido algo semelhante ao que ocorreu no caso anterior.

A próxima amostra é um pouco diferente desses dois exemplos, já que se trata da mesma ilustração no mesmo impresso, entretanto, em edições diferentes e com funções também distintas. Trata-se das ilustrações de figurinos de fantasia de carnaval para o *Suplemento Carnavalesco do Jornal do Commercio*. As ilustrações denominadas nas legendas do impresso de “Amazonas” e “Diana Moderna” presentes na edição 16 e 37, ambas referem-se ao mesmo clichê com pequenas alterações.



Figura 67 A e B - “Amazonas” e “Diana Moderna” para *Suplemento Carnavalesco*. Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no Arquivo Público Jordão Emerenciano.

Diana e Amazonas não fazem referência a mesma entidade, embora seja comum confundi-las. Na mitologia romana Diana era a deusa da lua e da caça, equivalente romano da deusa grega Ártemis. Já na mitologia grega as Amazonas eram as integrantes de uma antiga nação de mulheres guerreiras, a arte grega geralmente representa as Amazonas como a deusa Ártemis.

O que percebe-se aqui é a ausência de boa parte do desenho do lado direito, como a fita que cai da parte superior da imagem indo de encontro a uma espécie de chicote que a personagem segura em uma das mãos, além do cenário ao fundo. No entanto, trata-se do mesmo desenho feito e assinado por Luís Jardim.

Tendo em vista que o *Jornal do Commercio* utilizava uma rotativa para imprimir seus impressos — como iremos ver em capa comemorativa do JC, ilustrada por Luís Jardim (Fig. 77) — o mais adequado a se inferir neste caso é de que a

impressão era feita utilizando estereotipia³¹, já que as rotativas funcionavam apenas com o uso de clichês estereotípicos curvos, adaptáveis aos cilindros impressores.

Sendo assim, nessa situação pode ter ocorrido uma mutilação desses clichês na impressão da segunda imagem (talvez um corte dependendo do material utilizado como matriz), tornando-se uma forma de reaproveitá-los com destinos diferentes. Diversificando, assim, a publicação e barateando o custo da impressão, já que mutila-se uma parte do desenho impresso dando a sensação de se tratar de imagens distintas, sem recorrer ao uso de redesenhos por parte do artista e consequentemente nova fabricação de clichês, levando em conta que tanto a deusa romana Diana, quanto as Amazonas gregas possuíam representações semelhantes no imaginário popular, como vimos.

6.2 Capas

Foi encontrado nos acervos, três impressos com capas projetadas por Luís Jardim, sendo uma revista e dois jornais. Foi nesse material onde melhor Jardim pôde mostrar seu trabalho como artista gráfico, já que mesmo ainda utilizando das ilustrações, há a presença de letreiramentos para os títulos, por exemplo, além de se notar o trabalho empregue na hierarquia de informações visuais na página e o apelo visual para chamar a atenção do público leitor. Tudo isso levando em consideração as tecnologias e processos gráficos que se apresentavam à época.

Para a *Revista de Garanhuns*, ilustrou todas as capas das três edições que o magazine chegou a possuir (Fig. 68). Todas impressas em duas cores, sempre o preto em conjunto com outra cor, a capa seguia a hierarquia de cabeçalho com título seguido de ilustração principal, tomando maior parte da página.

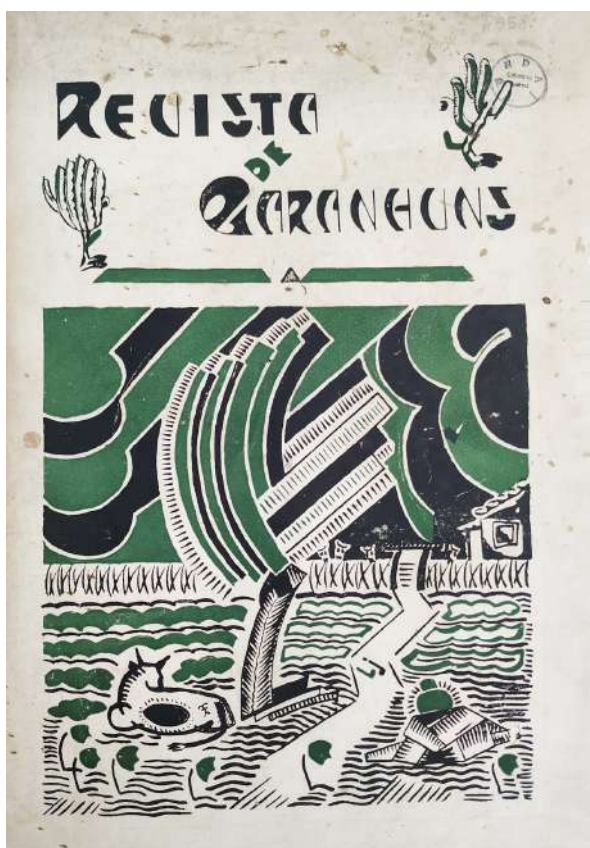
³¹ Segundo Porta (1958, p. 145) estereotipia é a "arte de reproduzir uma composição tipográfica numa chapa inteiriça, por meio de matriz de gesso, cartão ou outra substância, onde se molda o metal líquido" (apud. ARAGÃO, 2016, p. 81).



A



B



C

Figura 68 A, B e C - Capas da *Revista de Garanhuns*. Fonte: Fotografia do autor a partir das capas presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e Biblioteca Blanche Knopf.

Os motivos que Jardim ilustrou para a capa seguem em conformidade com os que estão presentes nas páginas internas: cenas rurais e que fazem relação com a paisagem da cidade. A relação entre regional e moderno, tema presente no editorial de apresentação do magazine, é bem exemplificada na capa da primeira edição (Fig. 68 A), a qual há a ilustração de um homem de costas montado em um cavalo, a julgar pelo chapéu e pelas esporas na bota se trata de um vaqueiro, em contraste com a figura do homem de terno, cartola e monóculo passeando com uma mulher também usando trajes elegantes.

As ilustrações da capa acompanham o estilo de representação que Jardim utilizou em seus primeiros trabalhos, comentado anteriormente, redução de detalhes nas feições dos personagens e distorções propositas de formas; hachuras e entalhes que lembram xilogravuras. Na capa da segunda edição (Fig. 68 B) o artista ilustra um cenário repleto de detalhes simbólicos e figurativos, por se tratar da edição de dezembro de 1930, a imagem é uma alegoria do natal em Garanhuns na visão do artista. Já na terceira capa da revista (Fig. 68 C), Jardim utiliza das cores e formas geométricas para representar a paisagem rural do interior de Pernambuco bastante verde.

Há de se perceber também uma identidade na composição das três capas. O topo composto pelo título junto da figura de duas vegetações, formam um cabeçalho presente em todas as edições, variando só na cor da palavra “DE”. O desenho das letras no letreiramento (*lettering*)³² em clichê fogem totalmente do padrão comumente encontrado, até mesmo para a época, chama atenção a anatomia de letras como “G” e o “s”. O padrão cromático utilizado, preto e uma outra cor, a qual em alguns casos faz uma conexão com a imagem ou o tema, como o vermelho na segunda capa fazendo referência ao natal e verde na composição do cenário campestre na terceira imagem.

Para as capas dos jornais que se seguem a partir daqui, vale ressaltar a complexidade de algumas ilustrações que as compõem, tendo em vista o tamanho

³² Em uma das observações feitas por Finizola e Coutinho (2011), nos letreiramentos feitos manualmente é comum encontrar variações de estilo, corpo e peso nos caracteres de uma mesma sentença.

desses impressos (*standard* ou A1, que variam entre 600 x 750 mm e 594 x 841 mm, como relatado nas fichas de análise) e a riqueza de detalhes que o artista representa em algumas delas. No *Diário de Pernambuco*, Jardim fez capas para duas edições especiais, a primeira dedicada a Paraíba e a segunda em comemoração ao jubileu de prata do rei da Inglaterra, ambas de 1935.

Para a capa destinada a Paraíba (Fig. 69), Jardim condensa a economia do Estado na época, dividindo a imagem em diversos blocos triangulares representando atividades como do algodão e do açúcar. A ilustração presente na capa remete formalmente ao que o artista produziu para os murais em aquarela presentes no stand de Pernambuco, na Exposição Centenária da Farroupilha realizada em Porto Alegre um ano depois (Fig. 70).

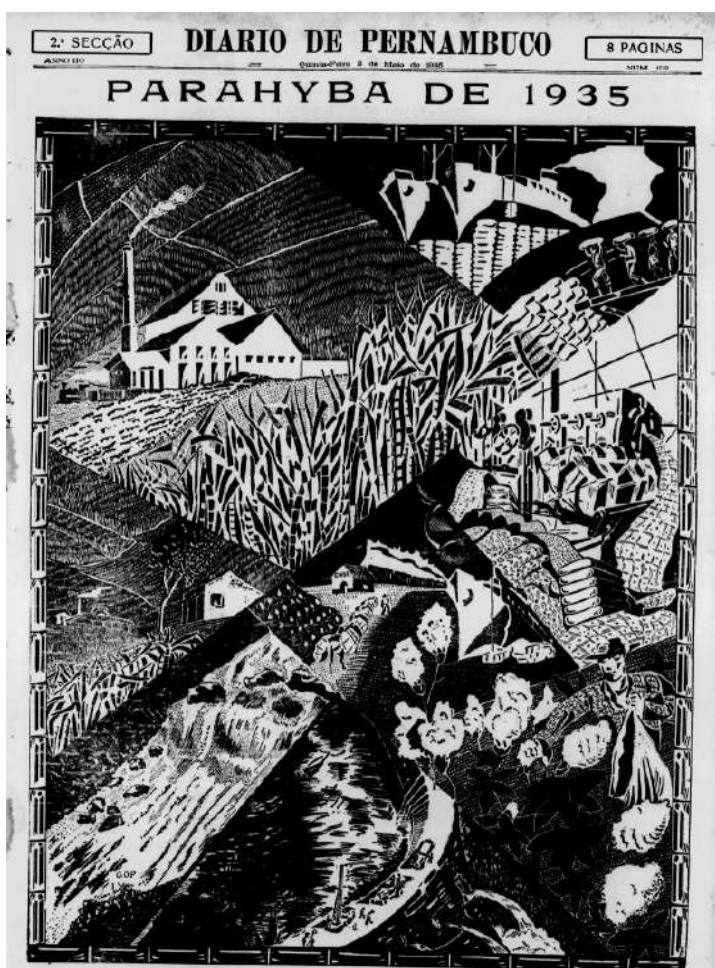


Figura 69 - Capa do *Diário de Pernambuco* (1935) de Luís Jardim. Fonte: Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

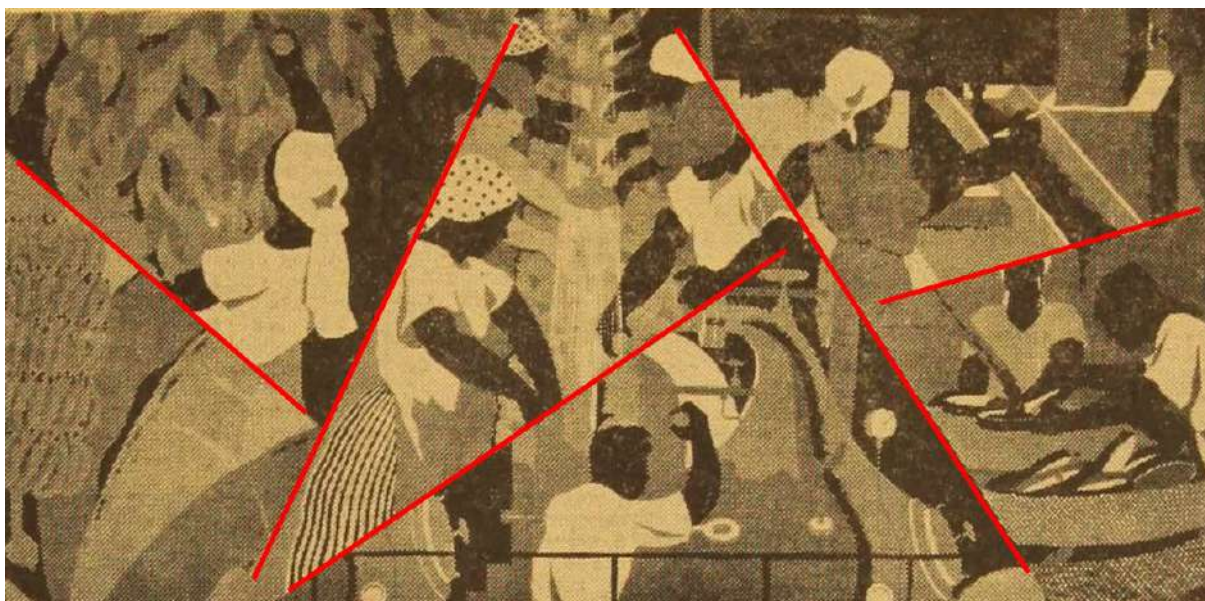


Figura 70 - Mural em aquarela de Luís Jardim com blocos triangulares dividindo a imagem. Fonte: Composição do autor a partir da imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Companhia Editora de Pernambuco

Os retratos foram o artifício usado por Luís Jardim para fazer a segunda capa do jornal (Fig. 71), a qual apresenta o busto do rei e da rainha da Inglaterra, apresentados num estilo de gravura negativa, tomando metade da página da capa junto do letreiramento com título. Por se tratar da capa do caderno principal e tendo em vista que, em muitas bancas de jornal, os periódicos são expostos dobrados ao meio, ou até mesmo armazenado dessa forma, o projeto da capa segue uma estrutura em que mesmo não expondo sua totalidade, a metade superior da capa já comunica seu conteúdo (característica essa, presente em outras capas do artista expostas aqui).

O letreiramento no topo da página, abaixo do logotipo do *Diário de Pernambuco*, é composto dentro de uma flâmula com o título “God save the king”, a qual o artista desenhou os caracteres seguindo um estilo de caligrafia comum em artefatos gráficos monárquicos (Fig. 71), contudo há de se notar uma qualidade inferior no que tange a composição de desenhos de letras em detrimento dos desenhos pictóricos, feitos pelo artista.

Preenchendo a parte inferior da composição há o brasão do rei envolto em pequenos quadros sequenciais, ilustrando uma cena com desenhos de animais como elefantes e camelos, algo semelhante ao que o artista criou mais tarde para as

capas da *Revista Brasil Açucareiro*, nas quais há uma sequência de imagens ilustrando o trabalho da plantação do açúcar (Fig. 72 A e B).



Figura 71 - Capa do *Diário de Pernambuco* (1935). Fonte: Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

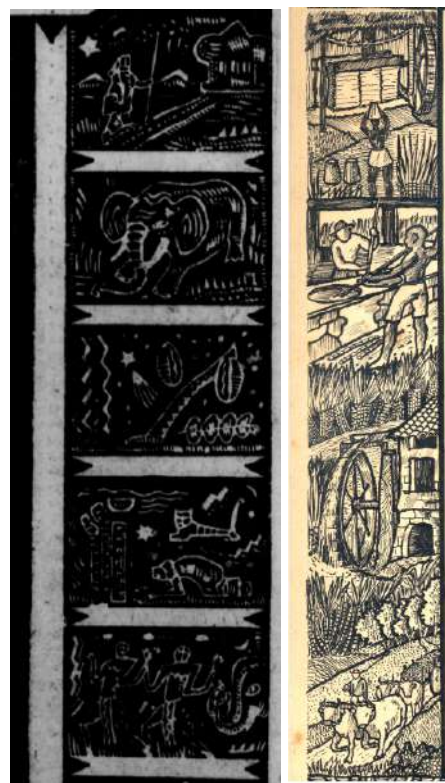


Figura 72 A e B - Detalhe da lateral da capa
 Detalhe da capa da *Revista Brasil Açucareiro*. Fonte: Ampliação do autor, extraída da imagem digitalizada das páginas do jornal, do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional | Imagens cedidas pelo Setor de iconografia do Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco De Andrade - FUNDAJ, ampliação do detalhe pelo autor

Assim como para o *Diário*, Jardim ilustrou algumas capas para edições especiais do *Jornal do Commercio* em 1936. As primeiras foram para o carnaval, dando sequência a série de ilustrações que criou para as fantasias carnavalescas do suplemento do jornal, Jardim ilustra a capa da edição que foi para as bancas no domingo de carnaval, a qual ganhava uma edição extra impressa em cores diferentes no dia seguinte.



Figura 73 A e B - Capas para o *Jornal do Commercio* (1936). Fonte: Fotografia do autor a partir de exemplares presentes no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Para essas capas (Fig. 73 A e B), através das diversas pessoas mascaradas sob a luz de holofotes do alto do prédio do *Jornal do Commercio*, Jardim elucida por meio do seu olhar, a folia e caoticidade do carnaval de rua. Na composição o artista destaca ainda em um plano diferente, duas figuras fantasiadas, um Pierrot e uma mulher utilizando trajes que lembra a “Baianinha” que o mesmo desenhou como sugestão de fantasia para o suplemento, a foliã segura em uma das mãos um frasco de lança-perfume, substância utilizada de forma recreativa no período do carnaval. Nessa composição o artista ainda demonstra o uso da hierarquia dos elementos, compondo a metade superior da página com as informações mais relevantes e

utiliza da cor como um recurso criativo, principalmente na primeira imagem (Fig. 73 A), passando a ideia de facho de luz e de destaque à cena, com o uso do verde.



Figura 74 - Composição comparativa entre letreiramento da capa do *Jornal do Commercio* (1936), revista *Ilustração* (1928) e *A Maçã* (1926). Fonte: Fotografia e ampliação pelo autor a partir de exemplar presente no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano | Ilustração e Artes Gráficas - Periódicos da BPE | O Design brasileiro antes do design.

Para o letreiramento no topo da página, Jardim desfrutava da linearidade da composição tipográfica para dinamizar o título “Carnaval de 1936”, os caracteres possuem hastes mais grossas que o restante do corpo, sem serifas, seguindo um formato mais geométrico, talvez inspirado pelo *Art Decó*, com destaque para a trave da letra “A” em formato circular (Fig. 74). Este é um desenho tipográfico comumente encontrado em composições visuais de outros impressos da mesma época, como observado no exemplo da capa da revista pernambucana *Ilustração* de 1928 e na página editorial da revista carioca *A Maçã* de 1926.



Figura 75 - Detalhe da capa verde para o *Jornal do Commercio* (1936). Fonte: Fotografia e ampliação pelo autor a partir de exemplar presente no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Chama a atenção nessa primeira edição da capa o uso da segunda cor na impressão, o verde, formando um triângulo na imagem, representando o foco de luz, que ilumina a festa na rua. A edição extra dessa mesma capa, impressa em rosa, perdeu esse detalhe, já que aplica a cor em toda a composição, colorindo os

espaços em branco de rosa e não somente o triângulo formado pelo fecho de luz (Figs. 75 e 76).

A linha separando as duas cores, indicada na primeira imagem (Fig. 75), sugere uma composição com dois clichês para impressão das duas cores (preto e verde) formando o todo, já a ausência dela na segunda imagem (Fig. 76) insinua o uso de apenas um clichê com toda o desenho da capa, impressa (em preto) sobre fundo pré impresso em rosa, algo semelhante ao que aconteceu na figura da “Pierrette Aerea” para *Suplemento Carnavalesco* (Fig. 63).



Figura 76 - Detalhe da capa rosa para o *Jornal do Commercio* (1936). Fonte: Fotografia e ampliação pelo autor a partir de exemplar presente no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Luís Jardim projeta mais duas capas para o *Jornal do Commercio*, a edição do aniversário do impresso, a qual também exhibe o prédio sede do JC como destaque (Fig. 77). Impressa em duas cores, preto e detalhes em verde. O artista utiliza do seu traço característico para ilustrar o processo de impressão das cópias do jornal, simulando o logotipo do JC em miniatura numa alegoria de passagem do tempo, datando o aniversário do jornal, mas o destaque maior fica a cargo da ilustração que Jardim faz da máquina de impressão rotativa, comum à época e por onde era impresso o JC, dando pistas visuais da própria indústria gráfica e auxiliando nas análises desse estudo.



Figura 77 - Capa do *Jornal do Commercio* (1936). Fonte: Fotografia da imagem pelo autor a partir de exemplar presente no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

A última capa encontrada para o *Jornal do Commercio* é bastante significativa por conta do seu valor histórico baseado no que ela representa. A capa é uma alusão ao nazismo alemão na forma de uma suástica preta (Fig. 78), que toma a maior parte da página, a qual apesar de rasurada — talvez por motivos evidentes — apresenta imagens da arquitetura e paisagem alemã.

Entretanto, é admirável o requinte gráfico da composição no que concerne a sua diagramação e, novamente divisão de cores como um recurso inventivo na composição, deixando pistas da evolução gráfico artística que Luís Jardim foi obtendo em sua carreira em Pernambuco.

A capa também faz referência ao dia do trabalho, datada de 1 de maio de 1936, com a inscrição em alemão “*Tag der Arbeit Brasilien*” (Dia do Trabalho Brasil) no centro da imagem. Jardim ilustra também ao centro um brasão composto pela

figura de três homens segurando alguns artefatos, um livro, uma foice e um cajado, respectivamente.



Figura 78 - Capa do *Jornal do Commercio* (1936). Fonte: Fotografia e ampliação da imagem pelo autor a partir de exemplar presente no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

O letreiramento manual que o artista compôs no topo da página, assim como para capa do *Diário de Pernambuco*, segue um estilo de caligrafia gótica bastante singular, apresentada com um leve contorno branco nos caracteres para não se misturar com as imagens do fundo da mesma cor, vermelha.

6.3 Página de anúncios publicitários

Duas capas que o artista produziu para o *Diário de Pernambuco* possuem uma certa semelhança entre si, além de finalidades distintas das outras capas comentadas nas linhas anteriores até aqui. Nas duas composições que se seguem Jardim estrutura a partir de blocos de anúncios uma ilustração que serve como uma espécie de moldura, compondo toda a página com um tema em comum. Essas por sua vez não estampam o caderno principal do jornal, ficando a cargo delas divulgar

por meio de vários anúncios, estabelecimentos comerciais estrangeiros que prestavam serviços em Pernambuco, de acordo com cada tema tratado.



Figura 79 A e B - Capas em formato de anúncio publicitário para a 3ª e 2ª Seção respectivamente, do Diário de Pernambuco (1935). Fonte: Imagem digitalizada das páginas do jornal, extraída do acervo online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

As duas composições são semelhantes, tanto em termos formais, contendo um título no topo desenhado junto a imagens, fios, bordas e blocos quase iguais contendo as propagandas; quanto no que concerne a temática da composição, já que ambas anunciam estabelecimentos comerciais advindos de dois países distintos, Portugal e Inglaterra, aos quais o artista ilustra com simbologia heráldica e paisagens arquitetônicas dos respectivos lugares.

É comum páginas de anúncios nos jornais encontrados no período, as páginas de classificados que evoluíram para os anúncios publicitários representam um importante meio de receita desses impressos, calculando seus anúncios através de tabelas de preços baseada em centímetros de coluna.

Sendo assim, o que se percebe aqui é que, enquanto tais classificados possuem anúncios comumente bloqueados em toda a extremidade da página, o que Jardim apresenta para o *Diário de Pernambuco* é uma página de destaque, por se tratar da capa de uma seção do diário, com um forte apelo visual customizado com o tema em questão, concentrando os anúncios. Prática essa que pode ser atribuída como uma tática comercial do jornal para vender espaços de anúncios em edições temáticas.

6.4 Trabalhos tipográficos

Foi encontrado durante a pesquisa apenas uma capitular e um letreiramento de Jardim, para a *Revista de Garanhuns* (Fig. 81), sendo ambas ilustrativas da mesma matéria, impressas na mesma cor, indicando o título e início do texto, respectivamente.



Figura 80 A e B - Lettering e letra capitular presente na *Revista de Garanhuns* (1930). Fonte: Fotografia do autor a partir dos exemplares presentes no acervo de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e Biblioteca Blanche Knopf.

O *lettering* em caixa baixa indica uma composição manual das letras, composta em quatro linhas, atestando o trabalho experimental do artista no desenho dos caracteres que se distanciam formalmente um do outro em peso, tamanho e direção. O destaque fica para a letra “C” da última palavra que se estende por toda a composição de palavras, e as linhas onduladas na parte inferior. Já a capitular referente a letra “a” possui corpo mais espesso que as letras do título, e linhas

ondulares compondo junto às verticais o desenho do telhado de uma casa, fazendo referência ao texto.

Nessa composição do artista é evidente a forma diletante que o mesmo compõe o desenho dos caracteres. Por se tratar de uma produção primitiva de Jardim, do início de sua carreira profissional (1930), o letreiramento carece de maturidade e unidade na estrutura de algumas letras, como por exemplo, o desenho distorcido do “s”, o tamanho variado de letras como “a” e a rotação de caracteres presente no “o” da última palavra.

Tais argumentos podem ser percebidos em outras composições tipográficas do artista, como as presentes nas capas de jornais e revistas (Fig. 81), comentadas nos tópicos anteriores e que aqui valem a menção, não só pelo carácter experimental e evolutivo de uma para outra, mas também a nível da diversidade de desenho de tipos nos seus trabalhos.



Figura 81 - Conjunto de letreiramentos de Jardim presente nas capas de jornais e revistas. Fonte: Composição do autor a partir das capas encontradas nos acervos supramencionados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação teve como objetivo realizar um panorama das obras do artista Luís Jardim, levando em consideração seu trabalho para a indústria gráfica pernambucana. Tendo em vista serem essas as suas primeiras atividades projetuais, as quais resultaram no seu ofício e, mais tarde, na mudança para o Rio de Janeiro, onde exerceu extenso trabalho na editora José Olympio.

Para isso, foi necessário um aprofundamento histórico do período em que o artista viveu no Recife, sendo esse um dos objetivos da pesquisa. Para entender assim, as tecnologias gráficas que o mesmo tinha às mãos e o contexto social que pairou seu imaginário, que de alguma forma influenciou sua arte. A partir disso foi possível inferir como as artes plásticas, a literatura e até as artes gráficas estavam associadas, em sua maioria a uma parte das elites intelectuais e profissionais ligados à imprensa. Luís Jardim transitou por estes espaços e foi através desse meio que iniciou sua trajetória na indústria gráfica.

A partir da revisão bibliográfica foi possível também entender, mesmo que de forma resumida, o uso das tecnologias gráficas que se desenvolviam no começo do século XX, principalmente o uso dos clichês como um importante artefato do período, o qual permitiu maior agilidade e qualidade nas impressões. Tais contribuições auxiliam no bojo de pesquisas que visam entender a história da indústria gráfica em Pernambuco. Sendo assim, em meio a tantos experimentos e práticas consolidadas de impressão, um possível panorama de tais atividades, praticadas no período e concentradas em Pernambuco, poderiam auxiliar junto a outras pesquisas num cenário mais preciso dessa indústria, bem como, entender como se dava a divisão de trabalho nas oficinas gráficas, sendo estes, alguns dos pontos de partida para futuros trabalhos.

As visitas aos acervos representaram uma importante etapa desta pesquisa, sendo essa outro objetivo alcançado. É significativo salientar o período em que essa pesquisa foi realizada, já que atualmente dispomos de tecnologias avançadas que graças a iniciativas por parte de algumas instituições, permitem a digitalização de

acervos completos ou parciais. Os acervos digitais foram uma vantagem considerada durante a pesquisa, auxiliando em diversos momentos, sem tomar, é claro, o protagonismo que os acervos físicos possuem, sendo estes espaços fundamentais para as pesquisas em memória gráfica, visto que “o online acontece às expensas do offline”³³.

Dessa forma, ressalto o relevante poder que a materialidade tem para as pesquisas em história do design, uma vez que o contato físico com os artefatos efêmeros, salvaguardados nos acervos, foi primordial para entender a dimensão que as artes gráficas possuem. O contato com grandes capas de jornais em comparação com minúsculas vinhetas, por exemplo, dá uma dimensão maior das práticas e dificuldades pelas quais passavam profissionais ancestrais, já as buscas incansáveis em páginas amareladas e, muitas vezes, decrépitas, trazem à tona fragmentos e novos achados que banco de dados e pesquisas digitais não conseguem mensurar, além de incutir a importância que as instituições históricas, os acervos e as pesquisas nesses lugares tem para as ciências em geral.

Luís Jardim foi “um artista polivalente”³⁴, sua produção artística confirma isso ao abranger uma diversidade imensurável de trabalhos que vão das artes plásticas à literatura, passando por projetos de decoração, ilustrações e artes gráficas. Talvez, por isso seu legado seja tão difícil de mensurar, se focarmos em sua produção literária nos deparamos com suas ilustrações, ao apontarmos o olhar sobre suas pinturas e murais somos levados às artes gráficas. Criou em seus trabalhos uma arte carregada de um visual genuinamente pernambucano, demonstrando uma capacidade de síntese e requinte modernos até para os dias atuais, deixando marcas na história gráfica.

Sua ascensão social no Recife é notória e deve ser levada em consideração como o retrato de muitos brasileiros e nordestinos. Jardim eclodiu no Recife ainda rapaz, órfão de pai, só possuindo o primeiro grau completo e tendo que trabalhar como caixeiro, sua inserção no meio artístico e intelectual aconteceu por meio de seu talento e persistência nas artes e principalmente na educação. É inegável o

³³ Yuval Noah Harari, 21 Lições para o século 21, 2018.

³⁴ Luís Jardim na J.O. Gilberto Freyre, presente em Revista *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 1957.

poder que essas transformações tiveram em sua vida, já que em pouco tempo o artista já escrevia e ilustrava para a imprensa pernambucana e transitava no grupo de intelectuais modernistas de Gilberto Freyre. Não é de se estranhar que, a partir disso, sua fama nacional o projetaram para a capital brasileira na época, tendo mais tarde realizado grandes feitos no Rio de Janeiro.

Enfatizo aqui seu trabalho na capital fluminense, o qual, de certa forma, ficou marcado mais pelos seus livros que por sua atuação na José Olympio, onde o artista trabalhou nos bastidores da editoração e fabricação de livros da editora. Sua função de orientador técnico para a J.O. requer mais investigações sobre, sendo esse um ponto de partida para novos estudos. Acredito ser possível, dessa forma, desmistificar a importância que Luís Jardim teve, também, para a história do design editorial brasileiro.

O contato com os impressos que Jardim colaborou, também foi significativo por revelar novos nomes da indústria gráfica, artistas esses que assim como Luís, se revelaram também na ilustração e exerceram colaborações para a imprensa periódica, os quais merecem devida investigação. Alguns nomes como Felix, para o *Suplemento Carnavalesco* do JC; Nestor e Covarrubias para a *Revista Moderna*; ou Ruber Van Der Linden, conterrâneo de Jardim, que comandou o *Almanaque de Garanhuns*, se revelam como alguns dos pernambucanos, em que análises sobre suas obras trariam frutos para os estudos de memória gráfica.

Com base no acervo encontrado, foi possível constatar que Jardim atuou nas artes gráficas, principalmente, como ilustrador, gravurista, capista e letrista. Elucidando pistas, a partir da sua obra, do contexto geral dos artistas gráficos que atuaram nessa indústria no momento anterior à implementação do design como campo acadêmico e profissional no Brasil (década de 1960). Entende-se que o conceito de design atual está bastante atrelado à modernidade industrial e capitalista, contudo, as práticas projetuais advindas desse período remoto não deveriam ser ignoradas como meros “experimentos artísticos”.

Sendo assim, destaco a influência que as pesquisas em memória gráfica, do ponto de vista de uma região como Pernambuco, por exemplo, possuem na

construção de uma história do design gráfico brasileiro mais inclusiva e regional em um país tão diverso e de tamanho continental como o nosso.

Se a história do design gráfico também é a história do que deve ser esquecido³⁵, então, talvez desconhecer tais atividades primordiais seria um dos empecilhos na evolução da profissão, já que os designers brasileiros, muitas vezes, tendem a abrir mão do seu passado histórico, por não se reconhecerem nele. Tentando responder a uma questão apresentada na introdução desta pesquisa, a qual questionou se essas produções antigas seriam um dos caminhos para entender a identidade do design gráfico pernambucano, creio que a resposta é positiva. O resgate da cultura material reinserido no presente e reconhecido por seus indivíduos, a quem ela pertence, pode contribuir na compreensão de suas identidades, as quais estão em constante processo de transformação.

Sem contar que estudar a história por trás de decisões criativas e ferramentas tão comuns aos olhos dos designers atuais, na era do computador e dos artefatos digitais, podem inspirar a novos caminhos que o design deve seguir em seu campo. Tais decisões criativas podem ser ilustradas através, por exemplo, do modo como Luís Jardim arquiteta hierarquia nas páginas; ou a forma habilidosa e criativa que usa do branco do papel criando figuras-fundo; ou até mesmo a diagramação das capas que ficaram a cargo dele revelam as intenções do artista solucionando os desafios que surgiam a cada projeto. Decisões essas, comuns aos profissionais do design, revelando uma faceta artística até então pouco discutida de Jardim.

Cabe ainda refletir os limites da pesquisa, considero que as escolhas metodológicas talvez não abrangeram todos os aspectos gráficos da obra de Luís Jardim. Assim como, parafraseando o próprio artista: “não é fácil recompor o que está perdido no tempo. Por mais viva que seja a memória, nem sempre alcança o verdadeiro sentido de reações a fatos e acontecimentos já mortos. É difícil saber até que ponto o presente não interfere no passado” (JARDIM, 1976, p. 9). Sendo assim, fica evidente as limitações que um pesquisador do século XXI enfrenta ao direcionar o olhar para acontecimentos de quase cem anos atrás. Contudo, aproveito para

³⁵ Tibor Kalman, J. Abbott Miller, and Karrie Jacobs. Good history, bad history, 1991.

deixar o estímulo a novos olhares sobre perspectivas diferentes sobre a obra de Luís Jardim, a qual podem influir resultados distintos dos apresentados aqui.

Como desdobramentos desta pesquisa, sugiro uma busca nos artefatos que Jardim produziu que não fazem parte dos impressos periódicos. O cartaz para a Federação Carnavalesca de 1935 e os cartazes e selos para a Liga Feminina Pernambucana Pró José Américo de 1937 são alguns dos efêmeros que podem fazer parte desta premissa. Do mesmo modo que chamo a atenção para futuras pesquisas que acompanhem a continuidade do trabalho de Jardim, a partir do ponto limite deste estudo, levando em consideração sua produção para a indústria gráfica carioca.

Seus trabalhos posteriores, quando morou no Rio de Janeiro, principalmente no campo editorial atestam uma capacidade de evolução de sua arte gráfica iniciada em Pernambuco. As ilustrações que compôs para seus próprios livros de literatura infantil, por exemplo, afirmam a habilidade ostensiva de transitar em diversos processos criativos, sendo esta, talvez, uma de suas mais marcantes características como artista. O trabalho de Luís Jardim faz parte da gênese do design pernambucano, sendo uma herança que as futuras gerações de artistas e designers devem explorar e preservar.

Por fim, indico, também, as adversidades externas pelas quais esta pesquisa passou, as quais afetaram diretamente a produção da mesma. Os cortes na educação³⁶ e a pandemia do Covid-19³⁷ tiveram grande impacto nesta dissertação. Chamo atenção para os incentivos à ciência e às Universidades Federais, que devem ser mantidos e fortalecidos para que o campo acadêmico sempre prospere, bem como, alerta para os cuidados com a saúde mental dentro da academia, ambiente de bastante aprendizado e troca, porém, altamente desafiador.

³⁶ Saldaña, P. (2019). MEC faz novos cortes e não irá financiar nenhum novo pesquisador neste ano. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/09/mec-faz-novos-cortes-e-nao-ira-financiar-nenhum-no-vo-pesquisador-neste-ano.shtml> Acessado em: 20/09/2020

³⁷ Sevillano, E. (2020). OMS declara que coronavírus é uma pandemia global. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-11/oms-declara-que-coronavirus-e-uma-pandemia-global.html> Acessado em: 20/09/2020

REFERÊNCIAS

- ACÇÃO Pernambucana. **Jornal do Recife**, Recife, n. 57, p. 4, 11 mar. 1934.
- AGRA JR., Jarbas Espíndola. **Memória Gráfica Pernambucana, Indústria e Comércio Através dos Impressos Litográficos Comerciais Recifenses (1930-1965)**. Dissertação (Mestrado em Design) - UFPE, Recife, 2011.
- ALLIANÇA, Laureano de. Dois Artistas e outras pessoas interessantes de Pernambuco. **Espelho**, [s. l.], Janeiro - Fevereiro 1937.
- ALMEIDA, Swanne; COUTINHO, Solange. **Design da informação a serviço da memória gráfica**. In: 10º P&D 2012. São Luís, 2012.
- ALMEIDA, Swanne. **O Sistema Informacional de Rótulos de Cachaça Brasileiro: estudo comparativo entre os estados de Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Design) - UFPE, Recife, 2013.
- ANDRADE, Joaquim Marçal. Processos de Reprodução e Impressão no Brasil: 1808-1930. In: CARDOSO, Rafael (org.). **Impresso no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.
- ARAGÃO, Isabella Ribeiro. **Tipos móveis de metal da Funtimod: contribuições para a história tipográfica brasileira**. Tese (Doutorado Design e Arquitetura) - USP, São Paulo, 2016.
- AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco**. Recife: Editora Universitária, 1996.
- BACELLAR, Carlos. Fontes Documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 23-80.
- BARRETO CAMPELLO, Silvio. A Litografia nos Periódicos do Século XIX no Recife. In: VALADARES, Paula (org.). **Memória Gráfica no Agreste**. Recife: CEPE, 2018.

_____. Em Busca da prática perdida. In: BARRETO CAMPELLO, Silvio; ARAGÃO, Isabella (Org.). **Imagens Comerciais de Pernambuco: Ensaios sobre os efêmeros da Guainases**. Recife: Néctar, 2011.

BARROS, Souza. **A Década 20 em Pernambuco**: (uma interpretação). 3. ed. Recife: CEPE, 2015.

BONSIEPE, Gui. **Del objeto a la interfase**: mutaciones del diseño. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 1999.

BORBA, Maria Lúcia de. **Os paralimpsestos da memória em infância de Graciliano Ramos e Meu Pequeno Mundo**: algumas lembranças de mim mesmo de Luís Jardim. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – UNIANDRADE. Curitiba, 2011.

BRAGA, Marcos. **ABDI e APDINS**. São Paulo: Blucher, 2016.

CARDOSO, Rafael. Apresentação. In: VALADARES, Paula. (Org.). **Memória Gráfica no Agreste**. Recife: CEPE, 2018.

_____. Os impressos efêmeros como fonte para o estudo da história cultural brasileira. In: HEYNEMANN, Claudia Beatriz; RAINHO, Maria do Carmo Teixeira; CARDOSO, Rafael. **Marcas do Progresso**: Consumo e design no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.

_____. **Uma introdução a história do design**. São Paulo: Blucher, 2008.

_____ (Org.). **O Design Brasileiro antes do Design**: Aspectos da História Gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CAVALCANTE, Sebastião Antunes; BARRETO CAMPELLO, Silvio. **Ilustração e artes gráficas**: periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco {1875–1939}. São Paulo: Blucher, 2014.

CAVALCANTE, Sebastião Antunes. **O Design de Manoel Bandeira: Aspectos da memória gráfica de Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Design) – UFPE. Recife, 2012.

COUCEIRO, Sylvia. No caminho do progresso?. In: MELO, Ricardo (org.). **Imprensa Oficial do Estado de Pernambuco: 100 anos**. Almanaque Centenário: 1915-2015. Recife: CEPE, 2016. Disponível em: <http://www.acervocepe.com.br/uploads/2018/09/19/5ba28e92c0765.book-almanaque.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

CUNHA FILHO, Paulo Carneiro da. **A utopia provinciana: Recife, cinema e melancolia**. Ed. Universitária da UFPE, 2010

CUNHA LIMA, Edna Lúcia Oliveira da. Impressões sobre a Memória Gráfica do Agreste. In: VALADARES, Paula (org.). **Memória Gráfica no Agreste**. Recife: CEPE, 2018.

_____; FERREIRA, Márcia. Santa Rosa: um designer a serviço da literatura. In: CARDOSO, Rafael. (Org.). **O Design Brasileiro antes do Design: Aspectos da História Gráfica, 1870-1960**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

_____; LESCHKO, Nadia Miranda; DAMAZIO, Vera Maria Marsicano; ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **Memória Gráfica Brasileira: Notícias de um campo em construção**. In: Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, São Paulo, 2014.

DAMAZIO, Vera. Design, memória, emoção: uma investigação para o projeto de produtos memoráveis. In: MORAES, Dijon de; DIAS, Regina Álvares. **Cadernos de estudos avançados em design: Emoção**. Barbacena: Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais, 2013.

DANTAS, Maria da Paz Ribeiro. **Luís Jardim: ficção e vida**. Recife: Fundarpe, 1989.

FARIAS, Priscila; BRAGA, Marcos da Costa. **Dez ensaios sobre memória gráfica**. São Paulo: Blucher, 2018.

FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem e Letra: Introdução à Bibliografia Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

FINIZOLA, Maria Fátima; COUTINHO, Solange. **Identificação de padrões na linguagem gráfica verbal, pictórica e esquemática dos letreiramentos populares**. In: Anais 5º CIDI, Florioanópolis, 2011.

FONSECA, Edson Nery da. Apresentação. In: FONSECA, Edson Nery (org.). **Imagem e texto: homenagem ao pintor e escritor Luís Jardim**. Recife: Editora Massangana, 1985. p. 5-6.

FONSECA, Letícia; GOMES, Daniel; CAMPOS, Adriana. **Conjunto Metodológico para Pesquisa em História do Design a partir de Materiais Impressos**. In: Infodesign, v. 16, p. 142-161, 2016.

FONTANA, Carla Fernanda. **Standards and Variations: Livraria José Olympio's Book Covers in the 1930s and the 1940s**. In: Conference: Back to the Future / The Future in the Past - ICDHS 10th + 1 Conference, Barcelona, 2018.

FRASCARA, J. **¿Qué es el diseño de información?** Buenos Aires: Ediciones Infinito, 2011.

FREIXAS, Carlos. **Arte e técnica do desenho a bico de pena**. São Paulo: Emus, 1976.

FREYRE, Gilberto. Luís Jardim, puro autodidata?. In: FONSECA, Edson Nery (org.). **Imagem e texto: homenagem ao pintor e escritor Luís Jardim**. Recife: Editora Massangana, 1985. p. 11-24.

_____. Luís Jardim na J.O. In: **Revista O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ed. 49, 1957.

_____. O Pintor Luís Jardim. **Jornal Pequeno**, Rio de Janeiro, n. 287, p. 8, 22 dez. 1934.

GAMA, Mônica. **O processo de criação de um livro: o arquivo da editora José Olympio**. Manuscrita: Revista de Crítica Genética, São Paulo, n. 31, p. 27-42, 2016.

HALUCH, Aline. A Maçã e a renovação do Design Editorial na Década de 1920. In: CARDOSO, Rafael. (Org.). **O Design Brasileiro antes do Design: Aspectos da História Gráfica, 1870-1960**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

HARARI, Yuval Noah. **21 Lições para o século 21**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

HÉLIO, Mário; BRUSCKY, Paulo. **Vida, arte, palavra, perfis de Luís Jardim**. Recife: Fundarpe, 1998.

HÉLIO, Mário. É preciso ser relativamente moderno. In: HERKENHOFF, Paulo (org.). **Pernambuco - Moderno**. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2006.

HERKENHOFF, Paulo (Org.). **Pernambuco - Moderno**. Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2006.

JARDIM, Luís. **O Meu Pequeno Mundo**: algumas lembranças de mim mesmo. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

_____. Entrevista com Luís Jardim - Joselice Jucá. In: FONSECA, Edson Nery (org.). **Imagem e texto**: homenagem ao pintor e escritor Luís Jardim. Recife: Editora Massangana, 1985.

JUCÁ, Joselice. Entrevista com Luís Jardim. In: FONSECA, Edson Nery (org.). **Imagem e texto**: homenagem ao pintor e escritor Luís Jardim. Recife: Editora Massangana, 1985. p. 33-50.

KALMAN, Tibor; MILLER, J. Abbott; JACOBS, Karrie. Good history / Bad history. **Print Magazine**, Estados Unidos, 1991.

KNYCHALA, Catarina Helena. **O livro de arte brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – UNB. Brasília, 1980.

LIMA, Rafael Leite. **Estética moderna do design pernambucano**: Lula Cardoso Ayres. Dissertação (Mestrado em Design) – UFPE. Recife, 2011.

LÓCIO, Leopoldina; WAECHTER, Hans da Nóbrega. **A autotipia e as capas da Revista de Pernambuco**. In: Anais do 13º P&D, Joinville, 2018.

_____; CAVALCANTI, Virginia Pereira. **Produções gráficas de Heinrich Moser e o imaginário da modernidade pernambucana**. In: Anais do 8º CIDI e 8º CONGIC, Natal, 2017.

MARTINS, Fernanda de O.; LIMA, Edna Lucia Cunha; LIMA, Guilherme Cunha. **Análise de duas propostas metodológicas para a pesquisa em História do Design Gráfico**. In: Anais do 7º Congresso Internacional de Design da Informação, São Paulo, 2015.

MGB. **Memória Gráfica Brasileira: estudos comparativos de manifestações gráficas nas cidades do Recife, Rio de Janeiro e São Paulo**. (projeto de pesquisa aprovado pela CAPES/ PROCAD, não publicado). Programa de Pósgraduação em Design da PUC-Rio; Programa de Pósgraduação em Design da UFPE; Programa de Pós-graduação em Design do Centro Universitário Senac. 2007.

MIRABEAU, Almir; CUNHA LIMA, Edna; CUNHA LIMA, Guilherme. **O manual A Fotogravura**. Um panorama da indústria gráfica brasileira no início do século XX. In: Anais do 6º CIDI e 6º CONGIC, Recife, 2013.

MOREIRA, Luiza Avelar; FONSECA, Letícia Pedruzzi. **Proposta de ficha de coleta de dados para análise de acervos de imagens**. In: Anais do 8º CIDI e 8º CONGIC, Natal, 2017.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)** Vol II Diários do Recife - 1829/1900. Recife: Imprensa Universitária, 1966.

_____. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)** Vol III Diários do Recife - 1901/1954. Recife: Imprensa Universitária, 1967.

_____. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)** Vol IX Periódicos do Recife - 1931/1940. Recife: Imprensa Universitária, 1970.

_____. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)** Vol VIII Periódicos do Recife - 1916/1930. Recife: Imprensa Universitária, 1982.

_____. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)** Vol XII Municípios das Letras E a J. Recife: Imprensa Universitária, 1994.

NASTARI, Sílvia. Santa Rosa e a unidade visual da editora José Olympio. *In*: BRAGA, Marcos da Costa; DIAS, Dora Souza (org.). **Histórias do Design no Brasil II**. São Paulo: Annablume, 2014. p. 203-222.

OLIVEIRA, Gilberto Gilvan. **O livrinho que desencadeou o resto**: circulação e produção do romance O Quinze de Rachel de Queiroz pela Livraria José Olympio Editora (1948-1990). Dissertação (Mestrado em História) - UFC. Fortaleza, 2017.

OLIVEIRA, Íkaro Santhiago Câmara Silva. **Vera Cruz um artista gráfico ilustrador e litógrafo em Pernambuco**: fins do século XIX e início do século XX. Dissertação (Mestrado em Design) – UFPE. Recife, 2018.

O QUE Pernambuco apresenta na Exposição de Porto Alegre nas festas do Centenário Farroupilha. **A Noite**, Rio de Janeiro, n. 319, p. 24-25, 12 out. 1935.

OS QUADROS de Luiz Jardim na opinião dos críticos de arte do Rio. **Jornal Pequeno**, Rio de Janeiro, n. 186, p. 8, 19 ago. 1936.

PASSOS, Ravi; MEALHA, Óscar; MARQUES, Mamede Lima. **Uma discussão sobre o objeto do design da informação**. In: Anais do 7º Congresso Internacional de Design da Informação, São Paulo, 2015.

PETTERSSON, Rune. **Information design**: an introduction. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2002.

PIMENTEL, Sonia Maria Freyre. Introdução. In: FREYRE, Gilberto. **Guia Prático, Histórico e Sentimental da cidade do Recife**: Edição fac-similar da 1ª edição. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2006.

REZENDE, Antonio Paulo. **(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX**. Recife: FUNDARPE, 1997.

RIBEIRO, Carlos. A capa no livro brasileiro. **Boletim de Ariel**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, p. 11, 1 jan. 1973.

SANTOS, Mário Márcio. **Anatomia de uma Tragédia**: a Hecatombe de Garanhuns. Recife: CEPE, 1997.

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.

SOARES, Lucila. **Rua do Ouvidor 110**: uma história da Livraria José Olympio. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/FBN, 2006.

SOBRAL, Julieta Costa. J. Carlos, designer. In: CARDOSO, Rafael. (Org.). **O Design Brasileiro antes do Design**: Aspectos da História Gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

SOUZA, Marcia Izabel Fugisawa; VENDRUSCULO, Laurimar Gonçalves; MELO, Geane Cristina. **Metadados para a descrição de recursos de informação eletrônica**: utilização do padrão Dublin Core. In: Ciência da Informação, Brasília, 2000.

TWYMAN, Michael. **The Long-Term Significance of Printed Ephemera**. In: RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage, [s. l.], 2008.

VALADARES, Paula (org.). **Memória Gráfica no Agreste**. Recife: CEPE, 2018.

VERISSIMO, Bruno Pereira; CAMPELLO, Silvio Romero Botelho Barreto. **Memória Gráfica de Pernambuco: Luís Jardim sob a ótica do design da informação**. In: Anais do 9º CIDI e 9º CONGIC, Belo Horizonte, 2019.

XAVIER, Ivonete Batista. **Luís Jardim mestre do traço e da prosa**. Garanhuns: [s. n.], 2017.

Acervos:

Fundação Joaquim Nabuco

Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (acervo digital: <http://memoria.bn.br>)

Acervo Companhia Editora de Pernambuco (acervo digital: <http://acervocepe.com.br>)

Sites:

<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>

<https://www.iiid.net>

<https://www.sbdi.org>

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br>

<http://portal.iphan.gov.br/>

APÊNDICE A – FICHAS DE ANÁLISE

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 001

Nome do arquivo digital: PR_A57_N192_P03_BN_1928

Categoria do Impresso: Jornal

Título do Impresso: A PROVÍNCIA - Órgão do Partido Liberal

Edição: Ano 57, Número 192 **Data da publicação:** 19 de Agosto de 1928

Formato do Impresso: 45 x 29 cm

Local de Impressão: Oficinas próprias

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: Desenho de Luís Jardim para A PROVÍNCIA

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Linhas formando a figura de oito homens enfileirados lateralmente, carregando um plano preto em cima de suas cabeças.

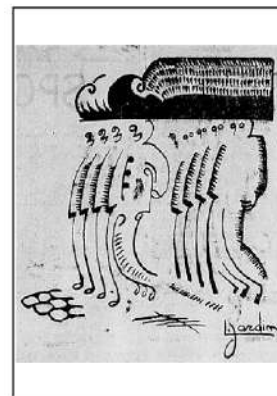


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 002

Nome do arquivo digital: PR_A57_N193_P01_BN_1928

Categoria do Impresso: Jornal

Título do Impresso: A PROVÍNCIA - Órgão do Partido Liberal

Edição: Ano 57, Número 193 **Data da publicação:** 21 de Agosto de 1928

Formato do Impresso: 45 x 29 cm

Local de Impressão: Oficinas próprias

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Desenho de Luís Jardim para A PROVÍNCIA

Tipologia/Tema: Mapa

Elementos que compõem a imagem: Continentes, Oceanos, Prédios, Bandeiras, Animais, Monumentos, Pessoas, Paisagens da natureza.

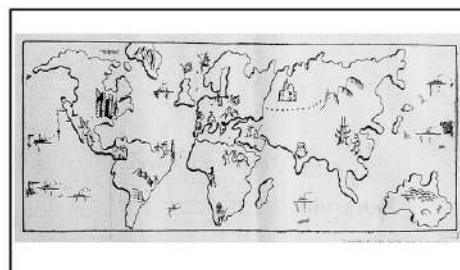


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 003

Nome do arquivo digital: PR_A57_N193_P02_BN_1928

Categoria do Impresso: Jornal

Título do Impresso: A PROVÍNCIA - Órgão do Partido Liberal

Edição: Ano 57, Número 193 **Data da publicação:** 21 de Agosto de 1928

Formato do Impresso: 45 x 29 cm

Local de Impressão: Oficinas próprias

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Tipo: Retrato

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: L.Jardim

Legenda: Claudio Arrau - Desenho de Luís Jardim para A PROVÍNCIA

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Retrato de homem, mostrando seu rosto.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 004

Nome do arquivo digital: PR_A57_N208_P03_BN_1928

Categoria do Impresso: Jornal

Título do Impresso: A PROVÍNCIA - Órgão do Partido Liberal

Edição: Ano 57, Número 208 **Data da publicação:** 7 de Setembro de 1928

Formato do Impresso: 45 x 29 cm

Local de Impressão: Oficinas próprias

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: L.Jardim

Legenda: O Recife de Luis Jardim - Desenho de Luís Jardim para A PROVÍNCIA

Tipologia/Tema: Paisagem Urbana

Elementos que compõem a imagem: Rua caótica com casas, pessoas, Carroça sendo puxada por cavalo, poste, calçadas.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 005

Nome do arquivo digital: PR_A57_N286_P07_BN_1928

Categoria do Impresso: Jornal

Título do Impresso: A PROVINCIA - Órgão do Partido Liberal

Edição: Ano 57, Número 286 **Data da publicação:** 9 de Dezembro de 1928

Formato do Impresso: 45 x 29 cm

Local de Impressão: Rua caótica

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Tipo: Retrato

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: Luís Jardim

Legenda: MANOEL BANDEIRA, DESENHISTA - Desenho de Luís Jardim para A PROVÍNCIA

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Retrato de homem, mostrando seu rosto.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 006

Nome do arquivo digital: PR_A59_N441_P03_BN_1930

Categoria do Impresso: Jornal

Título do Impresso: A PROVINCIA - Órgão do Partido Liberal

Edição: Ano 59, Número 441 **Data da publicação:** 21 de Fevereiro de 1930

Formato do Impresso: 45 x 29 cm

Local de Impressão: Rua caótica

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Tipo: Retrato

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: O SR. RIBEIRO COUTO

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Retrato de homem, mostrando seu rosto de óculos e parte da sua roupa.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO **LUÍS JARDIM**

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: **030**

Nome do arquivo digital: AP_ED01_ARQP_1934

Categoria do Impresso: Mensário

Título do Impresso: Ação Pernambucana

Edição: Ano 1, Edição 1 **Data da publicação:** Março de 1934

Formato do Impresso: 36 x 21 cm

Local de Impressão: Oficina tipográfica do Diário da Manhã

Acervo: Arquivo Público Jordão Emerenciano

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Luiz Jardim tem o sentido da linha e da cor. Ao lado da pintura profunda de Cícero Dias, tão inquietante tão fortemente lírica, a sua se afirma pela agilidade do traço, sempre novo e a sensual e, podemos dizer mesmo, superficial - superficial no bom sentido - realização plástica. É um plástico, porém que não se repete. Um plástico sempre atrás de novas fantasmas. De novas e surpreendentes formas de sensação. Este frade é de Luiz Jardim. X.

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: A figura de um homem de perfil, uma janela com uma fresta iluminando um pé sangrando.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO **LUÍS JARDIM**

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: **039**

Nome do arquivo digital: AG_P121_BPE_1936

Categoria do Impresso: Almanaque

Título do Impresso: Almanaque de Garanhuns

Edição: Ano 1, Número 1 **Data da publicação:** 1936

Formato do Impresso: 22 x 16 cm

Local de Impressão: Informação não encontrada

Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - Preto

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: Desenho de Luis Jardim

Tipologia/Tema: Paisagem urbana

Elementos que compõem a imagem: A figura de um homem andando na rua, casas ao redor, uma janela aberta, com a figura de uma pessoa observando.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE
PERNAMBUCO **LUÍS JARDIM**

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: **040**

Nome do arquivo digital: AP_P49_FUNDAJ_1936
Categoria do Impresso: Anuário
Título do Impresso: Annuário de Pernambuco para 1936
Edição: Edição de 1936 **Data da publicação:** 1936
Formato do Impresso: 30 x 21 cm
Local de Impressão: Oficina tipográfica do Diário da Manhã
Acervo: Fundaj

Tipo: Ilustração
Técnica de produção: ?
Cor: Uma cor - Preto
Assinatura do artista: Ausente
Legenda: Desenho de Luiz Jardim
Tipologia/Tema: Paisagem urbana
Elementos que compõem a imagem: Igrejas, casas, monumentos, rios, céu, árvores.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE
PERNAMBUCO **LUÍS JARDIM**

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: **031**

Nome do arquivo digital: DP_AT10_N56_P21_BN_1935
Categoria do Impresso: Diário
Título do Impresso: Diário de Pernambuco
Edição: Ano 110, Número 56 **Data da publicação:** 9 de Março de 1935
Formato do Impresso: 53 x 36 cm
Local de Impressão: Oficina tipográfica própria
Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Tipo: Página de anúncios publicitários
Técnica de produção: ?
Cor: Uma cor - preto
Assinatura do artista: Ausente
Legenda: Ausente
Tipologia/Tema: Monumentos
Elementos que compõem a imagem: Título em letras de caixa alta, bordas, fios, diversos anúncios, flores, emblemas, símbolos.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 032

Nome do arquivo digital: DP_AT10_N102_P09_BN_1935

Categoria do Impresso: Diário

Título do Impresso: Diário de Pernambuco

Edição: Ano 110, Número 102 **Data da publicação:** 2 de Maio de 1935

Formato do Impresso: 53 x 36 cm

Local de Impressão: Oficina tipográfica própria

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Tipo: Capa

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - preto

Assinatura do artista: G.O.P. Luís Jardim

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Paisagem rural

Elementos que compõem a imagem: Título em letras de caixa alta no topo, bordas, Navio, homens carregando sacos, plantações de açúcar, fábrica, trem, plantação de algodão.

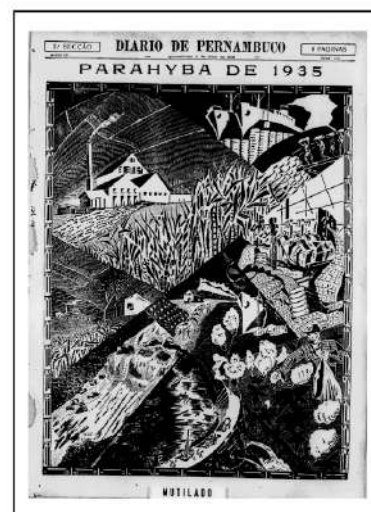


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 033

Nome do arquivo digital: DP_AT10_N102_P10_BN_1935

Categoria do Impresso: Diário

Título do Impresso: Diário de Pernambuco

Edição: Ano 110, Número 102 **Data da publicação:** 2 de Maio de 1935

Formato do Impresso: 53 x 36 cm

Local de Impressão: Oficina tipográfica própria

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - preto

Assinatura do artista: G.O.P. L.J

Legenda: Armas da Parahyba durante o Brasil Holandês

(Desenho de Franz Post, reconstituído por Luiz Jardim, especialmente para o DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

Tipologia/Tema: Brasão

Elementos que compõem a imagem: Brasão com asas, emblema Parahyba, ao fundo plantas e vegetação.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 034

Nome do arquivo digital: DP_A110_N106_P01_BN_1935

Categoria do Impresso: Diário

Título do Impresso: Diário de Pernambuco

Edição: Ano 110, Número 106 **Data da publicação:** 1 de Maio de 1935

Formato do Impresso: 53 x 36 cm

Local de Impressão: Oficina tipográfica própria

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Tipo: Capa

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - preto

Assinatura do artista: G.O.P. L.J

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Emblema com título "GOD SAVE THE KING" em caixa alta, desenho do rei e da rainha da Inglaterra, brasão da Inglaterra.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 035

Nome do arquivo digital: DP_A110_N106_P17_IMG01_BN_1935

Categoria do Impresso: Diário

Título do Impresso: Diário de Pernambuco

Edição: Ano 110, Número 106 **Data da publicação:** 1 de Maio de 1935

Formato do Impresso: 53 x 36 cm

Local de Impressão: Oficina tipográfica própria

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: A capela do cemitério britânico (Desenho de Luiz Jardim, especial para DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

Tipologia/Tema: Monumentos

Elementos que compõem a imagem: Capela, árvore, portão.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 036

Nome do arquivo digital: DP_A110_N106_P17_IMG02_BN_1935

Categoria do Impresso: Diário

Título do Impresso: Diário de Pernambuco

Edição: Ano 110, Número 106 **Data da publicação:** 1 de Maio de 1935

Formato do Impresso: 53 x 36 cm

Local de Impressão: Oficina tipográfica própria

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Fachada da Igreja anglicana (Desenho de Luiz Jardim, especial para DIÁRIO DE PERNAMBUCO)

Tipologia/Tema: Monumentos

Elementos que compõem a imagem: Igreja, vegetação.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 037

Nome do arquivo digital: DP_A110_N106_P26_BN_1935

Categoria do Impresso: Diário

Título do Impresso: Diário de Pernambuco

Edição: Ano 110, Número 106 **Data da publicação:** 1 de Maio de 1935

Formato do Impresso: 53 x 36 cm

Local de Impressão: Oficina tipográfica própria

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Tipo: Página de anúncios publicitários

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - preto

Assinatura do artista: G.O.P. L Jardim

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Monumentos

Elementos que compõem a imagem: Título em letras de caixa alta, bordas, fios, diversos anúncios, escudo da Inglaterra, Coroa, navios, Bandeira, Prédios, Igrejas.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 038

Nome do arquivo digital: DP_AT11_N84_P04_BN_1936

Categoria do Impresso: Diário

Título do Impresso: Diário de Pernambuco

Edição: Ano III, Número 84 **Data da publicação:** 9 de Abril de 1936

Formato do Impresso: 53 x 36 cm

Local de Impressão: Oficina tipográfica própria

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - preto

Assinatura do artista: L.J.

Legenda: Cabeça de Cristo - Desenho de Luiz Jardim, para o DIARIO DE PERNAMBUCO

Tipologia/Tema: Religioso

Elementos que compõem a imagem: Cabeça de Jesus Cristo crucificado, coroa de espinhos, aéroala.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 042

Nome do arquivo digital: JC_A18_N46_ARQP_1936

Categoria do Impresso: Jornal

Título do Impresso: Jornal do Commercio

Edição: Ano 18, Número 46 **Data da publicação:** 24 de Fevereiro 1936

Formato do Impresso: Não encontrado

Local de Impressão: Oficina própria

Acervo: Acervo Público Jordão Emerenciano

Tipo: Capa

Técnica de produção: ?

Cor: Duas cores - preto e rosa

Assinatura do artista: Luis Jardim 936

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Carnaval

Elementos que compõem a imagem: Prédio do Jornal do Commercio, várias pessoas fantasiadas em frente, foco em dois personagens: Colombina e Pierrot.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 041

Nome do arquivo digital: JC_A18_N45_ARQP_1936

Categoria do Impresso: Jornal

Título do Impresso: Jornal do Commercio

Edição: Ano 18, Número 45 **Data da publicação:** 23 de Fevereiro 1936

Formato do Impresso: Não encontrado

Local de Impressão: Oficina própria

Acervo: Acervo Público Jordão Emerenciano

Tipo: Capa

Técnica de produção: ?

Cor: Duas cores - preto e verde

Assinatura do artista: Luís Jardim 936

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Carnaval

Elementos que compõem a imagem: Prédio do Jornal do Commercio, várias pessoas fantasiadas em frente, foco em dois personagens: Colombina e Pierrot.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 043

Nome do arquivo digital: JC_A18_N79_ARQP_1936

Categoria do Impresso: Jornal

Título do Impresso: Jornal do Commercio

Edição: Ano 18, Número 79 **Data da publicação:** 3 de Abril 1936

Formato do Impresso: Não encontrado

Local de Impressão: Oficina própria

Acervo: Acervo Público Jordão Emerenciano

Tipo: Capa

Técnica de produção: ?

Cor: Duas cores - preto e verde

Assinatura do artista: LJ

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Maquinário

Elementos que compõem a imagem: Prédio do Jornal do Commercio, máquina tipográfica, jornais sendo impressos, jornal com a data da atual edição e jornal com data de 3 de abril de 1919.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 044

Nome do arquivo digital: JC_A18_N101_ARQP_1936

Categoria do Impresso: Jornal

Título do Impresso: Jornal do Commercio

Edição: Ano 18, Número 101 **Data da publicação:** 1 de Maio 1936

Formato do Impresso: Não encontrado

Local de Impressão: Oficina própria

Acervo: Acervo Público Jordão Emerenciano

Tipo: Capa

Técnica de produção: ?

Cor: Duas cores - preto e vermelho

Assinatura do artista: L. Jardim 936

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Nazismo

Elementos que compõem a imagem: Título "1º De Maio" Desenhos de prédios, rios, ruas, ao centro uma suástica preta, com o desenho de três homens, a frase "Tag der Arbeit Brasilien" que quer dizer "Dia do Trabalho Brasil".



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 010

Nome do arquivo digital: RG_A01_N01_P00_BPE_1930

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Revista de Garanhuns

Edição: Ano 1, Número 1 **Data da publicação:** 15 de Novembro 1930

Formato do Impresso: 28 x 20 cm

Local de Impressão: Confeccionada em oficinas próprias

Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco

Tipo: Capa

Técnica de produção: ?

Cor: Duas cores - preto e magenta

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Paisagem Urbana

Elementos que compõem a imagem: Um homem de costas galopando a cavalo, um casal de homem e mulher passeiam de mãos dadas.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 011

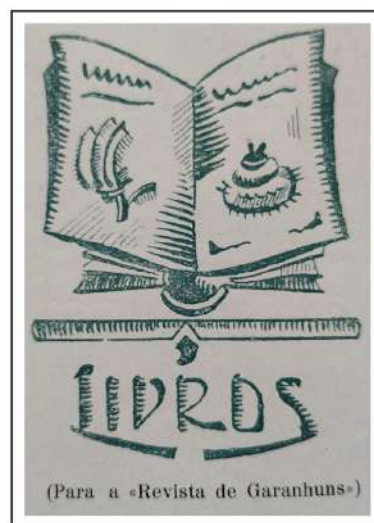
Nome do arquivo digital: RG_A01_N01_P04_BPE_1930**Categoria do Impresso:** Revista**Título do Impresso:** Revista de Garanhuns**Edição:** Ano 1, Número 1 **Data da publicação:** 15 de Novembro 1930**Formato do Impresso:** 28 x 20 cm**Local de Impressão:** Confeccionada em oficinas próprias**Acervo:** Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco**Tipo:** Ilustração**Técnica de produção:** ?**Cor:** Uma cor - verde**Assinatura do artista:** Ausente**Legenda:** Ilustração de Luiz Jardim para a Revista de Garanhuns**Tipologia/Tema:** Livro**Elementos que compõem a imagem:** Um livro aberto, com ilustrações internas, a palavra Livros desenhada numa tipografia com detalhes abaixo.

Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 012

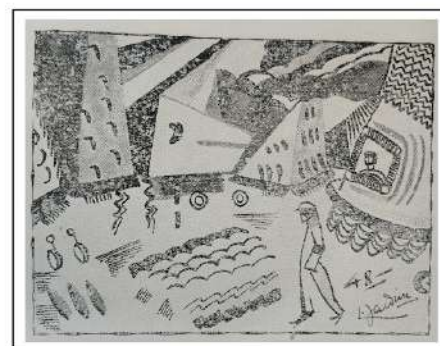
Nome do arquivo digital: RG_A01_N01_P05_BPE_1930**Categoria do Impresso:** Revista**Título do Impresso:** Revista de Garanhuns**Edição:** Ano 1, Número 1 **Data da publicação:** 15 de Novembro 1930**Formato do Impresso:** 28 x 20 cm**Local de Impressão:** Confeccionada em oficinas próprias**Acervo:** Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco**Tipo:** Ilustração**Técnica de produção:** ?**Cor:** Preto e Branco**Assinatura do artista:** L. Jardim**Legenda:** Luiz Jardim Ilustrou.**Tipologia/Tema:** Paisagem urbana**Elementos que compõem a imagem:** A figura de um homem andando na rua, casas ao redor, uma janela aberta, com a figura de uma pessoa observando.

Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 013

Nome do arquivo digital: RG_A01_N01_P06_BPE_1930

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Revista de Garanhuns

Edição: Ano 1, Número 1 **Data da publicação:** 15 de Novembro 1930

Formato do Impresso: 28 x 20 cm

Local de Impressão: Confeccionada em oficinas próprias

Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: Luís Jardim 10 1930

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Retrato de Hibenon Wanderley mostrando seu rosto, parte de sua roupa e fundo com composição triangular.

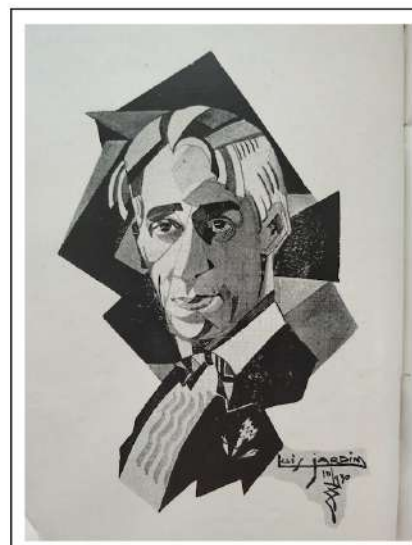


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 014

Nome do arquivo digital: RG_A01_N01_P13_BPE_1930

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Revista de Garanhuns

Edição: Ano 1, Número 1 **Data da publicação:** 15 de Novembro 1930

Formato do Impresso: 28 x 20 cm

Local de Impressão: Confeccionada em oficinas próprias

Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: Ilustração de Luiz Jardim

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Rosto de um homem de perfil, olhando para uma superfície em que se encontra um abacaxi em cima e uma garrafa, abaixo a silhueta de mais quatro homens.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 015

Nome do arquivo digital: RG_A01_N01_P14_BPE_1930

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Revista de Garanhuns

Edição: Ano 1, Número 1 **Data da publicação:** 15 de Novembro 1930

Formato do Impresso: 28 x 20 cm

Local de Impressão: Confeccionada em oficinas próprias

Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: Luiz Jardim ilustrou

Tipologia/Tema: Paisagem urbana

Elementos que compõem a imagem: Desenho de uma igreja, ao redor ruas, postes, árvores, céu, tudo em uma perspectiva diferente da Igreja que toma o espaço maior da imagem.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 016

Nome do arquivo digital: RG_A01_N01_P30_BPE_1930

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Revista de Garanhuns

Edição: Ano 1, Número 1 **Data da publicação:** 15 de Novembro 1930

Formato do Impresso: 28 x 20 cm

Local de Impressão: Confeccionada em oficinas próprias

Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - vermelho

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: Palavras de Racine Guimarães com ilustração de Luiz Jardim para Revista de Garanhuns

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Uma porta aberta iluminando uma sala, a silhueta de uma pessoa na porta, uma escada, a figura de uma pessoa apontando para um corpo nu no chão.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 017

Nome do arquivo digital: RG_A01_N02_P00_FUNDAJ_1930**Categoria do Impresso:** Revista**Título do Impresso:** Revista de Garanhuns**Edição:** Ano 1, Número 2 **Data da publicação:** Dezembro de 1930**Formato do Impresso:** 28 x 20 cm**Local de Impressão:** Confeccionada em oficinas próprias**Acervo:** Fundaj**Tipo:** Capa**Técnica de produção:** ?**Cor:** Duas cores - preto e vermelho**Assinatura do artista:** Ausente**Legenda:** Ausente**Tipologia/Tema:** Paisagem Urbana**Elementos que compõem a imagem:** Uma feira, com igreja ao fundo, pessoas na rua, bandeirolas e fogos, barracas, um carrossel, uma roleta de jogos em um tabuleiro.

Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 018

Nome do arquivo digital: RG_A01_N02_P06_FUNDAJ_1930**Categoria do Impresso:** Revista**Título do Impresso:** Revista de Garanhuns**Edição:** Ano 1, Número 2 **Data da publicação:** Dezembro de 1930**Formato do Impresso:** 28 x 20 cm**Local de Impressão:** Confeccionada em oficinas próprias**Acervo:** Fundaj**Tipo:** Ilustração**Técnica de produção:** ?**Cor:** Uma cor - azul**Assinatura do artista:** L. Jardim**Legenda:** Ausente**Tipologia/Tema:** Paisagem urbana**Elementos que compõem a imagem:** Uma feira, barracas, um burro de carga, a figura de três pessoas, uma segurando uma cesta de frutas na cabeça.

Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 019

Nome do arquivo digital: RG_A01_N02_P14_FUNDAJ_1930

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Revista de Garanhuns

Edição: Ano 1, Número 2 **Data da publicação:** Dezembro de 1930

Formato do Impresso: 28 x 20 cm

Local de Impressão: Confeccionada em oficinas próprias

Acervo: Fundaj

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Duas cores - vermelho e preto

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: Com ilustração de Luiz Jardim

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Figura de mulher com vestes festivas, segurando objeto na mão com fitas, ao lado uma planta com folhas.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 020

Nome do arquivo digital: RG_A01_N02_P18_IMG01_FUNDAJ_1930

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Revista de Garanhuns

Edição: Ano 1, Número 2 **Data da publicação:** Dezembro de 1930

Formato do Impresso: 28 x 20 cm

Local de Impressão: Confeccionada em oficinas próprias

Acervo: Fundaj

Tipo: Letreiramento

Técnica de produção: ?

Cor: Duas cores - vermelho e preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Lúdico

Elementos que compõem a imagem: Título do texto "a velha casa colonial" escrito em caixa baixa na cor vermelha, com linhas embaixo e do lado esquerdo.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 021

Nome do arquivo digital: RG_A01_N02_P18_IMG02_FUNDAJ_1930**Categoria do Impresso:** Revista**Título do Impresso:** Revista de Garanhuns**Edição:** Ano 1, Número 2 **Data da publicação:** Dezembro de 1930**Formato do Impresso:** 28 x 20 cm**Local de Impressão:** Confeccionada em oficinas próprias**Acervo:** Fundaj**Tipo:** Letra capitular**Técnica de produção:** ?**Cor:** Uma cor - vermelho**Assinatura do artista:** Ausente**Legenda:** Ausente**Tipologia/Tema:** Lúdico**Elementos que compõem a imagem:** Letra capitular "a" abrindo o texto, na cor vermelha, com linhas horizontais ao fundo e verticais embaixo, como se fosse o desenho de uma casa com telhado.

Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 022

Nome do arquivo digital: RG_A01_N02_P18_IMG03_FUNDAJ_1930**Categoria do Impresso:** Revista**Título do Impresso:** Revista de Garanhuns**Edição:** Ano 1, Número 2 **Data da publicação:** Dezembro de 1930**Formato do Impresso:** 28 x 20 cm**Local de Impressão:** Confeccionada em oficinas próprias**Acervo:** Fundaj**Tipo:** Ilustração**Técnica de produção:** ?**Cor:** Uma cor - preto**Assinatura do artista:** Ausente**Legenda:** Desenhos de Luiz Jardim**Tipologia/Tema:** Paisagem urbana**Elementos que compõem a imagem:** Desenho de uma casa, traços ao redor formando vegetação e uma moldura ornamentada.

Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 023

Nome do arquivo digital: RG_A01_N02_P21_FUNDAJ_1930

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Revista de Garanhuns

Edição: Ano 1, Número 2 **Data da publicação:** Dezembro de 1930

Formato do Impresso: 28 x 20 cm

Local de Impressão: Confeccionada em oficinas próprias

Acervo: Fundaj

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - preto

Assinatura do artista: LJ

Legenda: Luiz Jardim ilustrou

Tipologia/Tema: Paisagem rural

Elementos que compõem a imagem: Vegetação, mãos, estrada.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 024

Nome do arquivo digital: RG_A01_N03_IMG00_FUNDAJ_1931

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Revista de Garanhuns

Edição: Ano 1, Número 3 **Data da publicação:** Janeiro de 1931

Formato do Impresso: 28 x 20 cm

Local de Impressão: Confeccionada em oficinas próprias

Acervo: Fundaj

Tipo: Capa

Técnica de produção: ?

Cor: Duas cores - preto e verde

Assinatura do artista: LJ

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Paisagem Rural

Elementos que compõem a imagem: Título da revista, desenho de duas plantas de cada lado.

Um pasto com um boi descansando embaixo de uma árvore, ao fundo uma casa e cachorros olhando de uma cerca.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 025

Nome do arquivo digital: RG_A01_N03_IMG01_FUNDAJ_1931

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Revista de Garanhuns

Edição: Ano 1, Número 3 **Data da publicação:** Janeiro de 1931

Formato do Impresso: 28 x 20 cm

Local de Impressão: Confeccionada em oficinas próprias

Acervo: Fundaj

Tipo: Vinheta

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - azul

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Vegetação

Elementos que compõem a imagem: Um paralelogramo com borda azul, dentro o desenho de plantas em movimento.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 026

Nome do arquivo digital: RG_A01_N03_IMG02_FUNDAJ_1931

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Revista de Garanhuns

Edição: Ano 1, Número 3 **Data da publicação:** Janeiro de 1931

Formato do Impresso: 28 x 20 cm

Local de Impressão: Confeccionada em oficinas próprias

Acervo: Fundaj

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Duas cores - preto e vermelho

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Luis Jardim (ilustração)

Tipologia/Tema: Animal

Elementos que compõem a imagem: Desenho de um cavalo, pulando algumas linhas, utilizando uma sela vermelha.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 027

Nome do arquivo digital: RG_A01_N03_IMG03_FUNDAJ_1931

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Revista de Garanhuns

Edição: Ano 1, Número 3 Data da publicação: Janeiro de 1931

Formato do Impresso: 28 x 20 cm

Local de Impressão: Confeccionada em oficinas próprias

Acervo: Fundaj

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor: preto

Assinatura do artista: L.J.

Legenda: Atalho de garrote no sertão - Desenho de Luis Jardim

Tipologia/Tema: Animal

Elementos que compõem a imagem: Homem montado em cavalo, boi, vegetação.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 028

Nome do arquivo digital: RG_A01_N03_IMG04_FUNDAJ_1931

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Revista de Garanhuns

Edição: Ano 1, Número 3 Data da publicação: Janeiro de 1931

Formato do Impresso: 28 x 20 cm

Local de Impressão: Confeccionada em oficinas próprias

Acervo: Fundaj

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor: preto

Assinatura do artista: L.J.

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Desenho do rosto de uma figura humana.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 029

Nome do arquivo digital: RG_A01_N03_IMG05_FUNDAJ_1931

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Revista de Garanhuns

Edição: Ano 1, Número 3 **Data da publicação:** Janeiro de 1931

Formato do Impresso: 28 x 20 cm

Local de Impressão: Confeccionada em oficinas próprias

Acervo: Fundaj

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor: azul

Assinatura do artista: LJ

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Paisagem rural

Elementos que compõem a imagem: Desenho de uma paisagem rural, com flores e plantas, um galão.

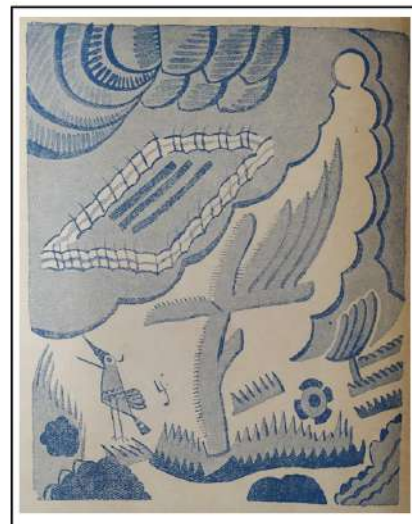


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 007

Nome do arquivo digital: RM_A02_N05_BPE_1933

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: MODERNA - Revista do Recife

Edição: Ano 2, Número 5 **Data da publicação:** Março 1933

Formato do Impresso: 30 x 22 cm

Local de Impressão: The Propagandist

Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: L. J.

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Carnaval

Elementos que compõem a imagem: Figura de Pierrot tocando algum instrumento musical para Colombina.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 008

Nome do arquivo digital: RM_A02_N07_IMG01_BPE_1933

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: MODERNA - Revista do Recife

Edição: Ano 2, Número 7, Edição de Aniversário **Data da publicação:** Agosto 1933

Formato do Impresso: 30 x 22 cm

Local de Impressão: The Propagandist

Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: Original de um dos painéis da decoração que o notável ilustrador pernambucano Luiz Jardim realizou no solar "Capricho", por ocasião da festa organizada em honra do escritor pernambucano, Gilberto Freyre, quando terminou o seu livro, "Casa Grande e Senzala", a aparecer brevemente:

Tipologia/Tema: Lúdico

Elementos que compõem a imagem: Três figuras humanas, um peixe, uma galinha sem cabeça.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 009

Nome do arquivo digital: RM_A02_N07_IMG02_BPE_1933

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: MODERNA - Revista do Recife

Edição: Ano 2, Número 7, Edição de Aniversário **Data da publicação:** Agosto 1933

Formato do Impresso: 30 x 22 cm

Local de Impressão: The Propagandist

Acervo: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: Luis Jardim

Legenda: Manoel Bandeira, Desenhista

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Retrato de Manoel Bandeira - mostrando seu rosto.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 045

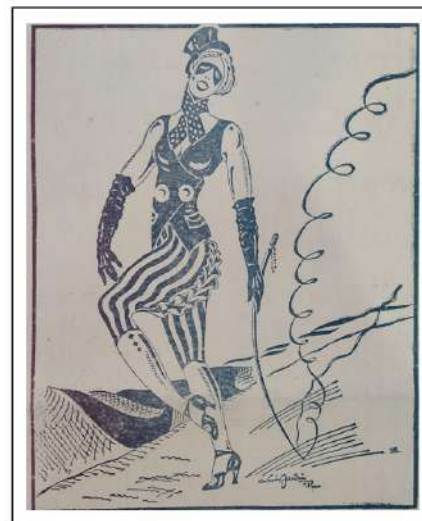
Nome do arquivo digital: SCJC_A18_N16_ARQP_1936**Categoria do Impresso:** Suplemento**Título do Impresso:** Suplemento Carnavalesco**Edição:** Ano 18, Número 16 **Data da publicação:** 19 de Janeiro 1936**Formato do Impresso:** Não encontrado**Local de Impressão:** Oficina própria**Acervo:** Acervo Público Jordão Emerenciano**Tipo:** Ilustração**Técnica de produção:** ?**Cor:** Duas cores - vermelho e azul**Assinatura do artista:** Luís Jardim**Legenda:** Amazonas (Sugestão de Luís Jardim)**Tipologia/Tema:** Carnaval**Elementos que compõem a imagem:** Uma mulher de máscara, chapéu, roupa justa, calças listradas, meias, santo, luvas, lenço no pescoço, segurando um chicote.

Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 046

Nome do arquivo digital: SCJC_A18_N19_ARQP_1936**Categoria do Impresso:** Suplemento**Título do Impresso:** Suplemento Carnavalesco**Edição:** Ano 18, Número 19 **Data da publicação:** 23 de Janeiro 1936**Formato do Impresso:** Não encontrado**Local de Impressão:** Oficina própria**Acervo:** Acervo Público Jordão Emerenciano**Tipo:** Ilustração**Técnica de produção:** ?**Cor:** Duas cores - vermelho e azul**Assinatura do artista:** L. Jardim**Legenda:** Mademoiselle frente única (Fantasia para banho de mar)

(Sugestão de Luís Jardim)

Tipologia/Tema: Carnaval**Elementos que compõem a imagem:** Uma mulher de máscara, chapéu, vestido com estampa de bolinhas, salto, segurando um cajado e um cordão com balões suspensos. Ao fundo, o mar com um barco e um peixe.

Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: **047**

Nome do arquivo digital: SCJC_A18_N22_ARQP_1936

Categoria do Impresso: Suplemento

Título do Impresso: Suplemento Carnavalesco

Edição: Ano 18, Número 22 **Data da publicação:** 26 de Janeiro 1936

Formato do Impresso: Não encontrado

Local de Impressão: Oficina própria

Acervo: Acervo Público Jordão Emerenciano

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - vermelho

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: Dama antiga (Sugestão de Luís Jardim)

Tipologia/Tema: Carnaval

Elementos que compõem a imagem: Uma mulher de máscara, usando um vestido que cobre todo seu corpo, encostada numa parede com vegetação ao fundo.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: **048**

Nome do arquivo digital: SCJC_A18_N25_ARQP_1936

Categoria do Impresso: Suplemento

Título do Impresso: Suplemento Carnavalesco

Edição: Ano 18, Número 25 **Data da publicação:** 30 de Janeiro 1936

Formato do Impresso: Não encontrado

Local de Impressão: Oficina própria

Acervo: Acervo Público Jordão Emerenciano

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - verde

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: Pierrette Oriental (Sugestão de Luís Jardim)

Tipologia/Tema: Carnaval

Elementos que compõem a imagem: Uma mulher de máscara, usando um chapéu, uma capa cobrindo seus braços, tocando um instrumento de cordas, ao fundo um muro e a lua.

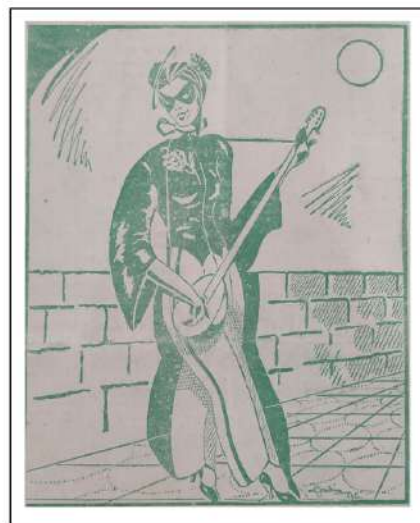


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 049

Nome do arquivo digital: SCJC_A18_N28_ARQP_1936

Categoria do Impresso: Suplemento

Título do Impresso: Suplemento Carnavalesco

Edição: Ano 18, Número 28 **Data da publicação:** 2 de Fevereiro 1936

Formato do Impresso: Não encontrado

Local de Impressão: Oficina própria

Acervo: Acervo Público Jordão Emerenciano

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - vermelho

Assinatura do artista: Luís Jardim

Legenda: Medemoiselle Vampiro (Sugestão de Luís Jardim)

Tipologia/Tema: Carnaval

Elementos que compõem a imagem: Uma mulher de máscara, utilizando capa, um vestido longo, saltos altos.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 050

Nome do arquivo digital: SCJC_A18_N31_ARQP_1936

Categoria do Impresso: Suplemento

Título do Impresso: Suplemento Carnavalesco

Edição: Ano 18, Número 31 **Data da publicação:** 6 de Fevereiro 1936

Formato do Impresso: Não encontrado

Local de Impressão: Oficina própria

Acervo: Acervo Público Jordão Emerenciano

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Duas cores - Vermelho e preto

Assinatura do artista: Luís Jardim

Legenda: Pierrette Aerea (Sugestão de Luís Jardim)

Tipologia/Tema: Carnaval

Elementos que compõem a imagem: Uma mulher de máscara, com roupa preta, calças listradas, segurando um balão na mão.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 051

Nome do arquivo digital: SCJC_A18_N34_ARQP_1936**Categoria do Impresso:** Suplemento**Título do Impresso:** Suplemento Carnavalesco**Edição:** Ano 18, Número 31 **Data da publicação:** 9 de Fevereiro 1936**Formato do Impresso:** Não encontrado**Local de Impressão:** Oficina própria**Acervo:** Acervo Público Jordão Emerenciano**Tipo:** Ilustração**Técnica de produção:** ?**Cor:** Uma cor - vermelho**Assinatura do artista:** Luís Jardim**Legenda:** Dama de Copas (Sugestão de Luís Jardim)**Tipologia/Tema:** Carnaval**Elementos que compõem a imagem:** Uma mulher de máscara, com um vestido armado com estampa de corações (copa).

Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 052

Nome do arquivo digital: SCJC_A18_N37_ARQP_1936**Categoria do Impresso:** Suplemento**Título do Impresso:** Suplemento Carnavalesco**Edição:** Ano 18, Número 37 **Data da publicação:** 13 de Fevereiro 1936**Formato do Impresso:** Não encontrado**Local de Impressão:** Oficina própria**Acervo:** Acervo Público Jordão Emerenciano**Tipo:** Ilustração**Técnica de produção:** ?**Cor:** Uma cor - vermelho**Assinatura do artista:** Luís Jardim**Legenda:** Diana Moderna (Sugestão de Luís Jardim)**Tipologia/Tema:** Carnaval**Elementos que compõem a imagem:** Uma mulher de máscara, chapéu, roupa justa, calças listradas, meias, sapato, luvas, lenço no pescoço, segurando um chicote.

Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 053

Nome do arquivo digital: SCJC_A18_N40_ARQP_1936

Categoria do Impresso: Suplemento

Título do Impresso: Suplemento Carnavalesco

Edição: Ano 18, Número 40 **Data da publicação:** 16 de Fevereiro 1936

Formato do Impresso: Não encontrado

Local de Impressão: Oficina própria

Acervo: Acervo Público Jordão Emerenciano

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - vermelho

Assinatura do artista: Luís Jardim

Legenda: Bahianinha (Sugestão de Luís Jardim)

Tipologia/Tema: Carnaval

Elementos que compõem a imagem: Uma mulher de lenço na cabeça, xale nos ombros, saia florida, segurando uma cesta cheia de frutas.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE PERNAMBUCO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 054

Nome do arquivo digital: SCJC_A18_N42_ARQP_1936

Categoria do Impresso: Suplemento

Título do Impresso: Suplemento Carnavalesco

Edição: Ano 18, Número 42 **Data da publicação:** 20 de Fevereiro 1936

Formato do Impresso: Não encontrado

Local de Impressão: Oficina própria

Acervo: Acervo Público Jordão Emerenciano

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Uma cor - vermelho

Assinatura do artista: Luís Jardim

Legenda: Russa (Sugestão de Luís Jardim)

Tipologia/Tema: Carnaval

Elementos que compõem a imagem: Uma mulher de máscaras, utilizando chapéu com um X na cabeça, Vestindo botas, calças, uma capa militar e segurando um chicote.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE RIO DE JANEIRO **LUÍS JARDIM**

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: **001**

Nome do arquivo digital: ES_A03_N22_IMG01_FUNDAJ_1937

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Espelho

Edição: Ano 3, Número 22 **Data da publicação:** 1937

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: A casa de Tentúgal - Desenho de Luiz Jardim

Tipologia/Tema: Paisagem urbana

Elementos que compõem a imagem: Desenho de uma casa antiga, com uma porta aberta e duas janelas, a fachada gasta.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE RIO DE JANEIRO **LUÍS JARDIM**

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: **002**

Nome do arquivo digital: ES_A03_N22_IMG02_FUNDAJ_1937

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Espelho

Edição: Ano 3, Número 22 **Data da publicação:** 1937

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Paisagem rural

Elementos que compõem a imagem: Paisagem rural, com uma casa ao fundo e em primeiro plano um homem segurando um balde.

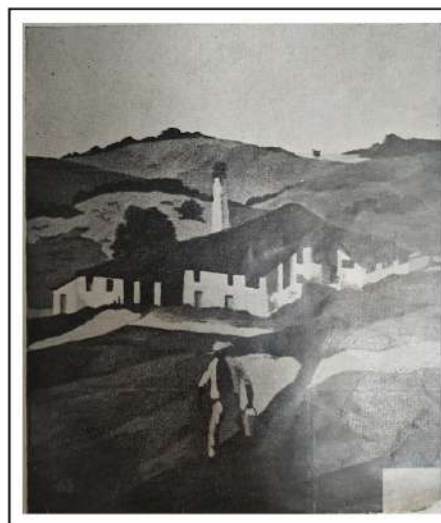


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE RIO DE JANEIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 003

Nome do arquivo digital: ES_A03_N22_IMG03_FUNDAJ_1937

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Espelho

Edição: Ano 3, Número 22 **Data da publicação:** 1937

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Aquarela

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Trecho de São Salvador - Quadro de Luiz Jardim

Tipologia/Tema: Paisagem urbana

Elementos que compõem a imagem: Paisagem urbana, janelas de prédios em primeiro plano, ao fundo várias outras construções.

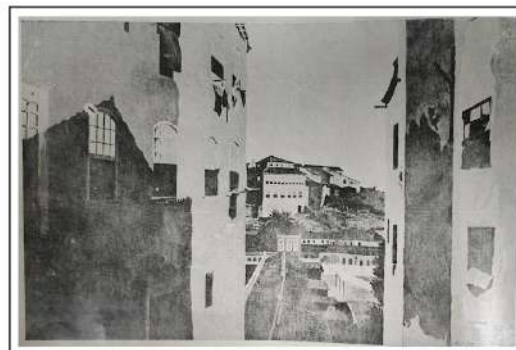


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE RIO DE JANEIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 004

Nome do arquivo digital: DIR_A01_ED12_P79_BN_1939

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Diretrizes - Política, Economia, Cultura

Edição: Ano 1, Edição 12 **Data da publicação:** 1939

Acervo: Biblioteca Nacional - Digital

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: L. J.

Legenda: O homem que galopava

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Um homem de chapéu montado em cima do cavalo, a ilustração só mostra o busto de ambos, com desenho de vegetação em torno.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE RIO DE JANEIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 005

Nome do arquivo digital: DIR_A04_ED59_P10_BN_1941

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Diretrizes - Política, Economia, Cultura

Edição: Ano 4, Edição 59 **Data da publicação:** 1941

Acervo: Biblioteca Nacional - Digital

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: Juliano Moreira, o pai de todos os psiquiatras brasileiros

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Desenho em negativo do busto do rosto de um homem idoso



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE RIO DE JANEIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 006

Nome do arquivo digital: CM_A44_N15498_P25_BN_1945

Categoria do Impresso: Jornal

Título do Impresso: Correio da Manhã

Edição: Ano 44, Número 15498 **Data da publicação:** 13 de Maio 1945

Acervo: Biblioteca Nacional - Digital

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Branco

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Estudo para um mural - Luis Jardim

Tipologia/Tema: Paisagem rural

Elementos que compõem a imagem: Homens trabalham no campo



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE RIO DE JANEIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 007

Nome do arquivo digital: AS_A06_N61_P34_IMG01_BN_1946

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Sombra

Edição: Ano 6, Número 61 **Data da publicação:** 1946

Acervo: Biblioteca Nacional - Digital

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Vermelho

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Natal Antigo - Texto e Ilustrações de Luis Jardim

Tipologia/Tema: Natal

Elementos que compõem a imagem: Desenho de um barco com rodas, enfeitado com bandeirolas e fitas, homens festejam em cima, com roupas de marinheiro e espadas, ao redor vegetação.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE RIO DE JANEIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 008

Nome do arquivo digital: AS_A06_N61_P34_IMG02_BN_1946

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Sombra

Edição: Ano 6, Número 61 **Data da publicação:** 1946

Acervo: Biblioteca Nacional - Digital

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Vermelho

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Natal Antigo - Texto e Ilustrações de Luis Jardim

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Desenho de uma mulher utilizando vestido e túnica, em suas mãos há fitas.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE RIO DE JANEIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 009

Nome do arquivo digital: AS_A06_N61_P35_IMG01_BN_1946

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Sombra

Edição: Ano 6, Número 61 **Data da publicação:** 1946

Acervo: Biblioteca Nacional - Digital

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Vermelho

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Um homem utilizando calça listrada, chapéu na cabeça e segurando um chicote, montado em cima de um cavalo preto, em um cenário cheio de bandeirolas e um pé de milho.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE RIO DE JANEIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 010

Nome do arquivo digital: AS_A06_N61_P35_IMG02_BN_1946

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Sombra

Edição: Ano 6, Número 61 **Data da publicação:** 1946

Acervo: Biblioteca Nacional - Digital

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto e Vermelho

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Natal

Elementos que compõem a imagem: Desenho de uma festa com bandeirolas de decoração, quatro pessoas festejam, um homem de chapéu pontudo e segurando um chicote, outro com calças listradas e coroa, um homem fantasiado de boi e uma fantasia de boi no chão.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE

RIO DE JANEIRO **LUÍS JARDIM**

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: **011**

Nome do arquivo digital: LEA_A02_N16_P07_BN_1946

Categoria do Impresso: Suplemento

Título do Impresso: Letras e Artes - Suplemento de A Manhã

Edição: Ano 2, Número 16 **Data da publicação:** 1946

Acervo: Biblioteca Nacional - Digital

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ilustração de Luís Jardim

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Desenho de uma banda formada por homens, tocando instrumentos diversos

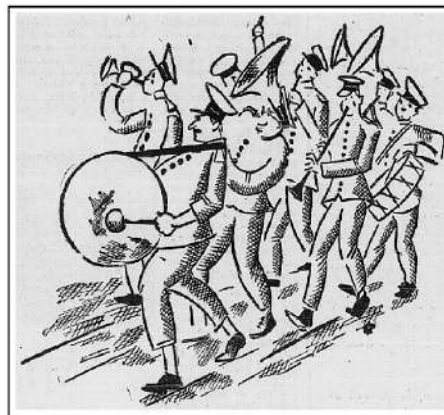


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE

RIO DE JANEIRO **LUÍS JARDIM**

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: **012**

Nome do arquivo digital: LEA_A02_N82_P07_BN_1946

Categoria do Impresso: Suplemento

Título do Impresso: Letras e Artes - Suplemento de A Manhã

Edição: Ano 2, Número 82 **Data da publicação:** 1946

Acervo: Biblioteca Nacional - Digital

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto

Assinatura do artista: Jardim

Legenda: Ilustração de Luís Jardim

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Desenho de várias pessoas numa praia, barcos ao fundo.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE RIO DE JANEIRO **LUÍS JARDIM**

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: **013**

Nome do arquivo digital: AS_A09_N87_P49_BN_1949

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Sombra

Edição: Ano 9, Número 87 **Data da publicação:** 1949

Acervo: Biblioteca Nacional - Digital

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: Ilustração de Luís Jardim

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Desenho de uma mulher, usando vestido, óculos e chapéu escolhendo doces em uma bancada a um vendedor.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE RIO DE JANEIRO **LUÍS JARDIM**

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: **014**

Nome do arquivo digital: AS_A09_N90_P40_BN_1949

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Sombra

Edição: Ano 9, Número 90 **Data da publicação:** 1949

Acervo: Biblioteca Nacional - Digital

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: O colecionador de antiguidades - Conto de Luís Jardim

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Desenho de um homem com as mãos para trás, se apoiando em uma bancada, enquanto olha para alguns objetos em outra bancada.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE
RIO DE JANEIRO **LUÍS JARDIM**

IDENTIFICAÇÃOFicha Nº: **015****Nome do arquivo digital:** AS_A09_N94_P80_BN_1949**Categoria do Impresso:** Revista**Título do Impresso:** Sombra**Edição:** Ano 9, Número 94 **Data da publicação:** 1949**Acervo:** Biblioteca Nacional - Digital**Tipo:** Ilustração**Técnica de produção:** ?**Cor:** Preto**Assinatura do artista:** Luís Jardim**Legenda:** Evocação de Olinda Texto de Barreto da Silveira - Ilustr. de Luís Jardim**Tipologia/Tema:** Paisagem urbana**Elementos que compõem a imagem:** Desenho de uma paisagem, com árvores, casas, uma igreja e ao fundo a linha do mar com um barco.

Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE RIO DE JANEIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 016

Nome do arquivo digital: OCR_A25_N42_P62_BN_1953

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: O Cruzeiro

Edição: Ano 25, Número 42 **Data da publicação:** 1953

Acervo: Biblioteca Nacional - Digital

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto

Assinatura do artista: Luís Jardim Rio/936

Legenda: O poeta de "Estréla da Manhã", visto pelo romancista de "Meu Tio Gonzaga", Luís Jardim.

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Desenho do busto de um homem, usando óculos e cabelo repartido ao meio.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE RIO DE JANEIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 017

Nome do arquivo digital: OCR_A26_N26_P19_BN_1954

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: O Cruzeiro

Edição: Ano 26, Número 26 **Data da publicação:** 1954

Acervo: Biblioteca Nacional - Digital

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: ?

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: O Desenhista Luís Jardim tal como o vê o romancista Luís Jardim

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Desenho com poucas linhas do rosto de um homem, visto de perfil.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N°: 001

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N05_IMG01_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 5 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Vermelho

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Vegetação

Elementos que compõem a imagem: Desenho de um pé de cana-de-açúcar

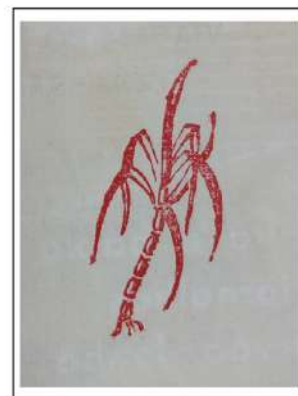


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N°: 002

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N05_IMG02_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 5 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Vinheta

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Vegetação

Elementos que compõem a imagem: Vinheta com desenhos de cana-de-açúcar, abaixo do título em letras em caixa alta.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N°: 003

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N05_IMG03_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 5 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Paisagem rural

Elementos que compõem a imagem: Desenho de um engenho, com um pé de cana-de-açúcar à frente.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N°: 004

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N05_IMG04_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 5 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Vegetação

Elementos que compõem a imagem: Desenho um pé de cana-de-açúcar

Imagem de Referência



FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N°: 005

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N05_IMG05_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 5 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Paisagem rural

Elementos que compõem a imagem: Desenho de um engenho com vegetação de cana-de-açúcar, dentro de uma forma orgânica



Imagem de referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N°: 006

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N05_IMG06_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 5 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Paisagem rural

Elementos que compõem a imagem: Plantação de cana-de-açúcar. Ao fundo um engenho.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N°: 007

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N05_IMG07_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 5 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Trabalhador rural

Elementos que compõem a imagem: Desenho de homem com chapéu na cabeça segurando cana-de-açúcar



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N°: 008

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N05_IMG08_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 5 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Vegetação

Elementos que compõem a imagem: Desenho de pé de cana-de-açúcar.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N°: 009

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N05_IMG09_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 5 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Vegetação

Elementos que compõem a imagem: Desenho de pé de cana-de-açúcar com sacas ao lado, dentro de uma forma orgânica

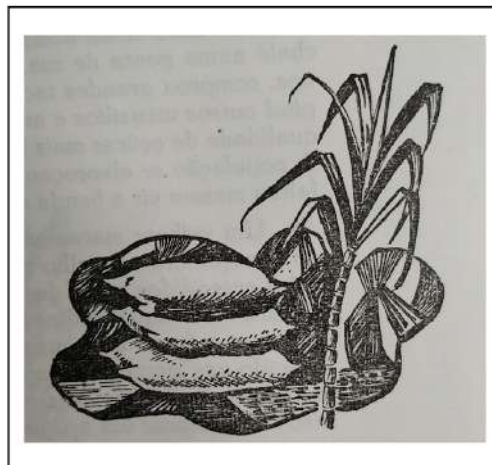


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N°: 010

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N05_IMG10_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 5 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Vegetação

Elementos que compõem a imagem: Desenho de pé de cana-de-açúcar amarrado, envolto em formas orgânicas.

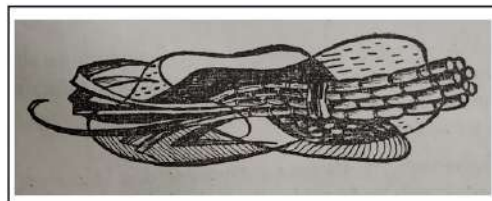


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N°: 011

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N05_IMGT1_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 5 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Trabalhador rural

Elementos que compõem a imagem: Desenho de homem com chapéu na cabeça e segurando enxada nos ombros, ao seu redor formas verticais.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N°: 012

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N05_IMGT2_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 5 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Trabalhador rural

Elementos que compõem a imagem: Desenho de homem com chapéu segurando fardo de cana-de-açúcar na cabeça, ao seu lado plantação de canas-de-açúcar



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 013

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N06_IMG07_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 6 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Vegetação

Elementos que compõem a imagem: Desenho de pé de cana-de-açúcar amarrado.

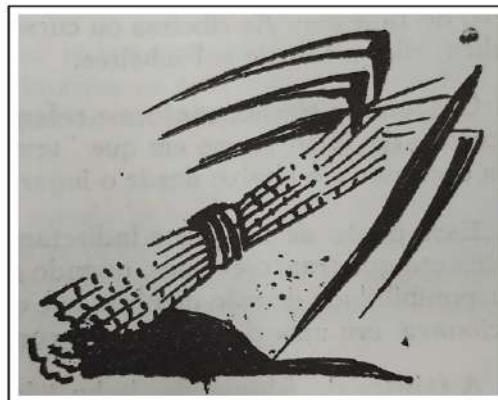


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 014

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N06_IMG02_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 6 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Trabalhador rural

Elementos que compõem a imagem: Desenho de homem de costas, segurando cana-de-açúcar na mão, enquanto pisa em um fardo. Em segundo plano, várias formas triangulares.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 015

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N06_IMG03_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 6 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Vegetação

Elementos que compõem a imagem: Desenho de pé de canas-de-açúcar em um uma plantação.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 016

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N06_IMG04_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 49, Número 6 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Vinheta

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Açúcar

Elementos que compõem a imagem: Desenho de um saco rodeado de bandeiras



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE
BRASIL AÇUCAREIRO **LUÍS JARDIM**

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N.º: 017

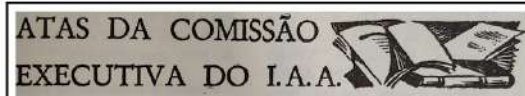
Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N06_IMG05_FUNDAJ_1957**Categoria do Impresso:** Revista**Título do Impresso:** Brasil Açucareiro**Edição:** Ano 25, Volume 49, Número 6 **Ano de publicação:** 1957**Formato do Impresso:** 21 x 28 cm**Acervo:** FUNDAJ**Tipo:** Vinheta**Técnica de produção:** Bico de pena**Cor:** Preto**Assinatura do artista:** Ausente**Legenda:** Ausente**Tipologia/Tema:** Livros**Elementos que compõem a imagem:** Desenho de livros abertos

Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE
BRASIL AÇUCAREIRO **LUÍS JARDIM**

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N.º: 018

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V49_N06_IMG06_FUNDAJ_1957**Categoria do Impresso:** Revista**Título do Impresso:** Brasil Açucareiro**Edição:** Ano 25, Volume 49, Número 6 **Ano de publicação:** 1957**Formato do Impresso:** 21 x 28 cm**Acervo:** FUNDAJ**Tipo:** Vinheta**Técnica de produção:** Bico de pena**Cor:** Preto**Assinatura do artista:** Ausente**Legenda:** Ausente**Tipologia/Tema:** Livros**Elementos que compõem a imagem:** Desenho de páginas, folhas abertas

Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 019

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V50_N01_IMC01_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 50, Número 1 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Açúcar

Elementos que compõem a imagem: Desenho de sacos de açúcar empilhados dentro de forma orgânica.

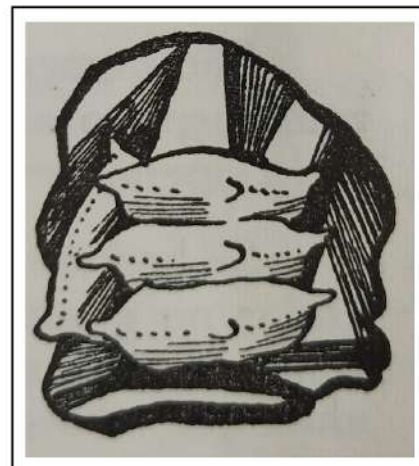


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 020

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V50_N01_IMC02_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 50, Número 1 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Paisagem rural

Elementos que compõem a imagem: Desenho de paisagem rural com um engenho de açúcar com diversas plantações e árvores.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 021

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V50_N01_IMG03_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 50, Número 1 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Transporte

Elementos que compõem a imagem: Desenho de trem soltando fumaça, passando por cima de ponte, ao redor vegetação.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 022

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V50_N01_IMG04_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 50, Número 1 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Transporte

Elementos que compõem a imagem: Desenho de carro de boi carregando cana-de-açúcar, sendo conduzido por figura humana segurando uma vara e plantação ao fundo

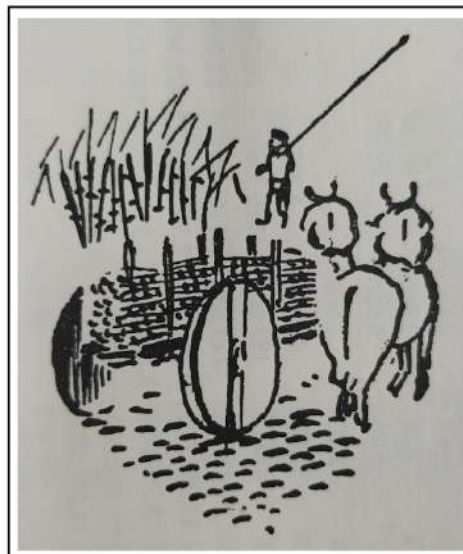


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 023

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V50_N02_IMG01_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 50, Número 2 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Capa

Técnica de produção: Bico de pena e aquarela

Cor: Colorido

Assinatura do artista: Luís Jardim

Legenda: Engenhoca

Tipologia/Tema: Trabalhador rural

Elementos que compõem a imagem: Título da revista em caixa alta no topo na cor rosa, borda ilustrada com diversos temas sobre a plantação da cana-de-açúcar na cor verde e preta, na parte inferior da capa, texto na cor rosa e preto em caixa alta, com informações sobre o impresso. Ao centro ilustração de dois homens moendo cana-de-açúcar com o trabalho de dois bois, no segundo plano da imagem vegetação e uma casa.

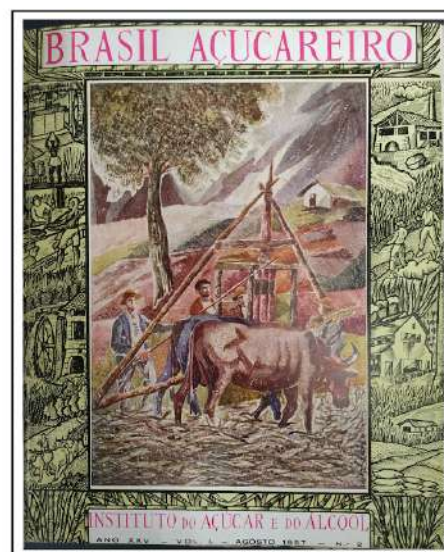


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 024

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V50_N03_IMG01_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 50, Número 3 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Capa

Técnica de produção: Bico de pena e aquarela

Cor: Colorido

Assinatura do artista: Luís Jardim

Legenda: Engenho antigo

Tipologia/Tema: Paisagem Rural

Elementos que compõem a imagem: Título da revista em caixa alta no topo na cor rosa, borda ilustrada com diversos temas sobre a plantação da cana-de-açúcar na cor amarela e preta, na parte inferior da capa, texto na cor rosa e preto em caixa alta, com informações sobre o impresso. Ao centro ilustração de uma paisagem rural, com um engenho ao fundo e vegetação e no primeiro plano a figura de um homem, utilizando roupas azuis e chapéu na cabeça.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 025

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V50_N04_IMG01_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 50, Número 4 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Capa

Técnica de produção: Bico de pena e aquarela

Cor: Colorido

Assinatura do artista: Luís Jardim

Legenda: Fotosíntese

Tipologia/Tema: Vegetação

Elementos que compõem a imagem: Título da revista em caixa alta no topo na cor rosa, borda ilustrada com diversos temas sobre a plantação da cana-de-açúcar preto e branco, na parte inferior da capa, texto na cor rosa e preto em caixa alta, com informações sobre o impresso. Ao centro ilustração um pé de cana-de-açúcar solitário, ao fundo um céu azul com um sol iluminando a planta e gerando uma sombra na parte inferior da tela.

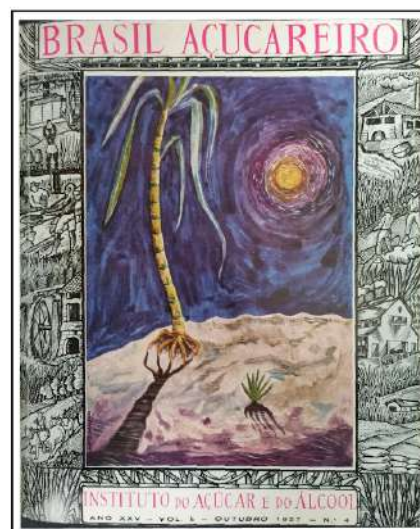


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 026

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V50_N02_IMG02_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 50, Número 4 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Paisagem Rural

Elementos que compõem a imagem: Desenho de paisagem rural, retratando um engenho e ao fundo montanhas e vegetação.

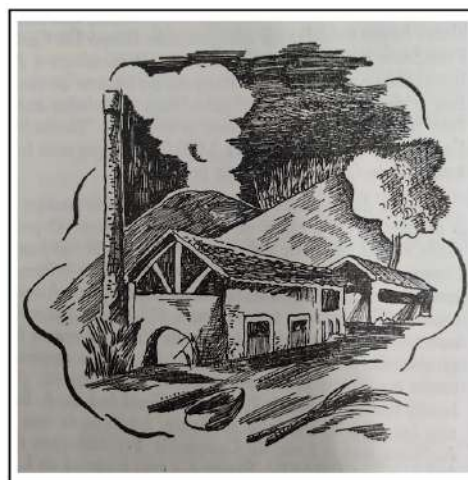


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 027

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V50_N05_IMG01_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 50, Número 5 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Capa

Técnica de produção: Bico de pena e aquarela

Cor: Colorido

Assinatura do artista: Luís Jardim

Legenda: Moagem de cana

Tipologia/Tema: Maquinário

Elementos que compõem a imagem: Título da revista em caixa alta no topo na cor rosa, borda ilustrada com diversos temas sobre a plantação da cana-de-açúcar preto e azul, na parte inferior da capa, texto na cor rosa e preto em caixa alta, com informações sobre o impresso. Ao centro ilustração de moedor de cana-de-açúcar

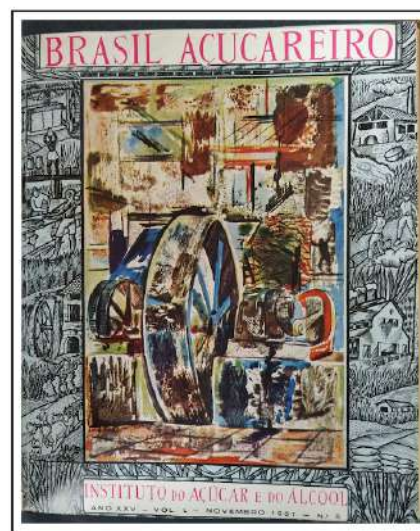


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 028

Nome do arquivo digital: RBA_A25_V50_N06_IMG01_FUNDAJ_1957

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 25, Volume 50, Número 6 **Ano de publicação:** 1957

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Capa

Técnica de produção: Bico de pena e aquarela

Cor: Colorido

Assinatura do artista: Luís Jardim

Legenda: Interior da Usina

Tipologia/Tema: Maquinário

Elementos que compõem a imagem: Título da revista em caixa alta no topo na cor rosa, borda ilustrada com diversos temas sobre a plantação da cana-de-açúcar preto e azul, na parte inferior da capa, texto na cor rosa e preto em caixa alta, com informações sobre o impresso. Ao centro ilustração de tonéis empilhados em prateleiras



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 029

Nome do arquivo digital: RBA_A26_V51_N01_IMG01_FUNDAJ_1958

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 26, Volume 51, Número 1 **Ano de publicação:** 1958

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Capa

Técnica de produção: Bico de pena e aquarela

Cor: Colorido

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: Moendas

Tipologia/Tema: Maquinário

Elementos que compõem a imagem: Título da revista em caixa alta no topo na cor rosa, borda ilustrada com diversos temas sobre a plantação da cana-de-açúcar na cor amarela, na parte inferior da capa, texto na cor rosa e preto em caixa alta, com informações sobre o impresso. Ao centro ilustração de um moedor de cana-de-açúcar em ação.

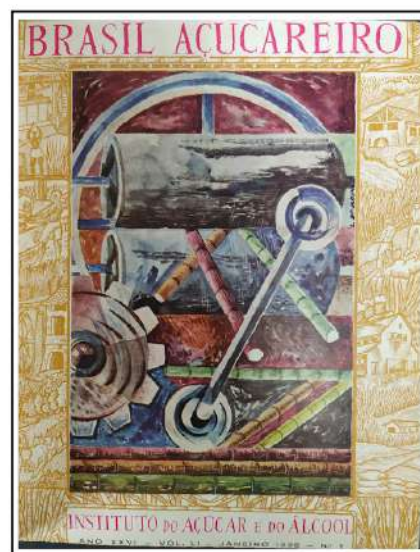


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 030

Nome do arquivo digital: RBA_A26_V51_N02_IMG01_FUNDAJ_1958

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 26, Volume 51, Número 2 **Ano de publicação:** 1958

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Capa

Técnica de produção: Bico de pena e aquarela

Cor: Colorido

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Engenho Tinhuassu

Tipologia/Tema: Paisagem rural

Elementos que compõem a imagem: Título da revista em caixa alta no topo na cor rosa, borda ilustrada com diversos temas sobre a plantação da cana-de-açúcar na cor azul, na parte inferior da capa, texto na cor rosa e preto em caixa alta, com informações sobre o impresso. Ao centro ilustração de uma vegetação de cana-de-açúcar, focando num pé em primeiro plano e ao fundo um engenho com vários andares.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 031

Nome do arquivo digital: RBA_A26_V51_N03_IMG01_FUNDAJ_1958

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 26, Volume 51, Número 3 **Ano de publicação:** 1958

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Capa

Técnica de produção: Bico de pena e aquarela

Cor: Colorido

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: O arado

Tipologia/Tema: Maquinário

Elementos que compõem a imagem: Título da revista em caixa alta no topo na cor rosa, borda ilustrada com diversos temas sobre a plantação da cana-de-açúcar na cor amarela, na parte inferior da capa, texto na cor rosa e preto em caixa alta, com informações sobre o impresso. Ao centro ilustração de um trator, em uma vegetação de cana-de-açúcar



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 032

Nome do arquivo digital: RBA_A26_V51_N05_IMG01_FUNDAJ_1958

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 26, Volume 51, Número 5 **Ano de publicação:** 1958

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Capa

Técnica de produção: Bico de pena e aquarela

Cor: Colorido

Assinatura do artista: Jardim

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Trabalhador rural

Elementos que compõem a imagem: Título da revista em caixa alta no topo na cor rosa, borda ilustrada com diversos temas sobre a plantação da cana-de-açúcar na cor azul, na parte inferior da capa, texto na cor rosa e preto em caixa alta, com informações sobre o impresso. Ao centro ilustração de um homem com o corpo nu, todo branco, com um saco em cima da cabeça, no segundo plano vários sacos empilhados.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 033

Nome do arquivo digital: RBA_A28_V56_N03-6_IMG01_FUNDAJ_1960

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 28, Volume 56, Número 3-6 **Ano de publicação:** 1960

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Capa

Técnica de produção: Bico de pena e aquarela

Cor: Colorido

Assinatura do artista: Luís Jardim

Legenda: Negros escravos

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Título da revista em caixa alta no topo na cor rosa, borda ilustrada com diversos temas sobre a plantação da cana-de-açúcar na cor azul, na parte inferior da capa, texto na cor rosa e preto em caixa alta, com informações sobre o impresso. Ao centro ilustração de uma plantação de cana-de-açúcar, mostrando diversos homens pretos fazendo trabalho escravo.

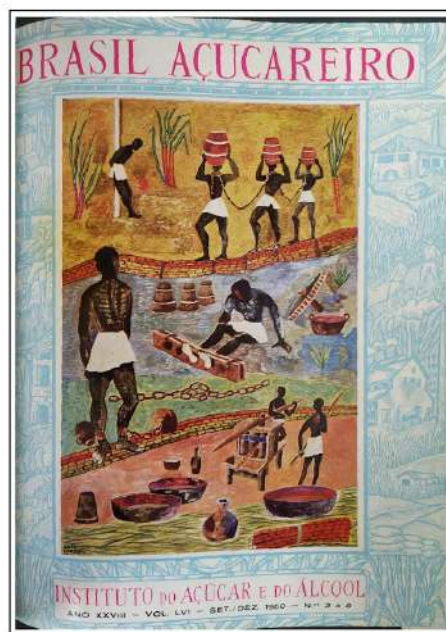


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 034

Nome do arquivo digital: RBA_A40_V79_N01_IMG01_FUNDAJ_1972

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 40, Volume 79, Número 1 **Ano de publicação:** 1972

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Desenho de um homem segurando um pé de árvore.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 035

Nome do arquivo digital: RBA_A40_V79_N01_IMG02_FUNDAJ_1972

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 40, Volume 79, Número 1 **Ano de publicação:** 1972

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Ausente

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Açúcar

Elementos que compõem a imagem: Desenho de três quadrados rotacionados, dentro de cada um um ícone diferente, um jarro, várias canas-de-açúcar, e um tubo.

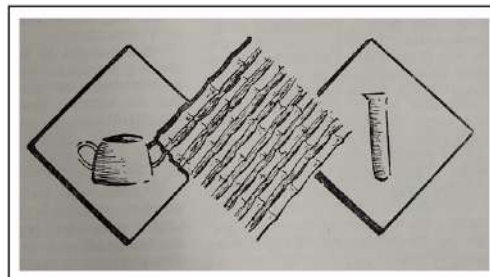


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 036

Nome do arquivo digital: RBA_A40_V79_N02_IMG01_FUNDAJ_1972

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 40, Volume 79, Número 2 **Ano de publicação:** 1972

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: L. Jardim

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Desenho de uma mulher em meio a vegetação, com um pássaro em seu ombro e na mão e um gato a observando na parte inferior da página.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 037

Nome do arquivo digital: RBA_A40_V79_N03_IMG01_FUNDAJ_1972

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 40, Volume 79, Número 3 **Ano de publicação:** 1972

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Luís Jardim

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Desenho de uma mulher, idosa, usando óculos, de chale no pescoço, sentada em uma cadeira de rodas.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 038

Nome do arquivo digital: RBA_A40_V79_N04_IMG01_FUNDAJ_1972

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 40, Volume 79, Número 4 **Ano de publicação:** 1972

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: Luís Jardim

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Desenho de um homem em meio a uma vegetação, mostrando apenas seu busto e rosto.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 039

Nome do arquivo digital: RBA_A40_V79_N05_IMG01_FUNDAJ_1972

Categoria do Impresso: Revista

Título do Impresso: Brasil Açucareiro

Edição: Ano 40, Volume 79, Número 5 **Ano de publicação:** 1972

Formato do Impresso: 21 x 28 cm

Acervo: FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: L.J.

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Paisagem urbana

Elementos que compõem a imagem: Desenho de uma igreja, com duas torres, em perspectiva, ao lado um outro prédio e a frente algumas árvores.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha Nº: 040

Nome do arquivo digital: Originais_LJ_FUNDAJ_IMG01

Acervo: Coleção Luís Jardim - CEHIBRA | FUNDAJ

Tipo: Capa

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto e vermelho

Assinatura do artista: L.J.

Legenda: Ausente

Tipologia/Tema: Açúcar

Elementos que compõem a imagem: Título da revista em caixa alta no topo na cor vermelha, borda ilustrada com diversos temas sobre a plantação da cana-de-açúcar na cor preta, na parte inferior da capa, texto na cor vermelha em caixa alta.

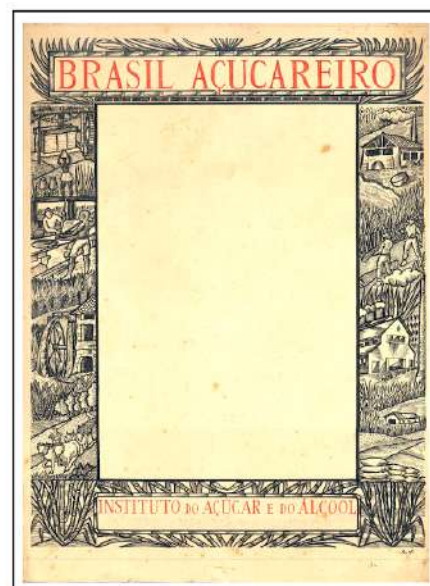


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N°. 041

Nome do arquivo digital: Originais_LJ_FUNDAJ_IMG02

Acervo: Coleção Luís Jardim - CEHIBRA | FUNDAJ

Tipo: Capitulares

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: L.J.

Tipologia/Tema: Açúcar

Elementos que compõem a imagem: Letras capitulares do alfabeto, com adornos de tema da cana-de-açúcar.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N°. 042

Nome do arquivo digital: Originais_LJ_FUNDAJ_IMG03

Acervo: Coleção Luís Jardim - CEHIBRA | FUNDAJ

Tipo: Vinheta

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: L.J.

Tipologia/Tema: Açúcar

Elementos que compõem a imagem: Vinheta com desenhos de saco de cana-de-açúcar, abaixo do título em letras em caixa alta.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N°. 043

Nome do arquivo digital: Originais_LJ_FUNDAJ_IMG04

Acervo: Coleção Luís Jardim - CEHIBRA | FUNDAJ

Tipo: Vinheta

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preto

Assinatura do artista: L.J.

Tipologia/Tema: Açúcar

Elementos que compõem a imagem: Vinheta com desenhos de saco de cana-de-açúcar e bandeira, abaixo do título em letras em caixa alta.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N.º **044**

Nome do arquivo digital: Originals_LJ_FUNDAJ_IMG05

Acervo: Coleção Luís Jardim - CEHIBRA | FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Aquarela

Cor: Colorida

Assinatura do artista: Luís Jardim

Tipologia/Tema: Pessoas

Elementos que compõem a imagem: Ilustração de uma plantação de cana-de-açúcar, mostrando diversos homens pretos fazendo trabalho escravo.

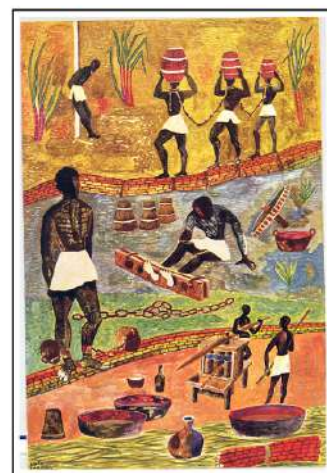


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N.º **045**

Nome do arquivo digital: Originals_LJ_FUNDAJ_IMG06

Acervo: Coleção Luís Jardim - CEHIBRA | FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preta

Assinatura do artista: Ausente

Tipologia/Tema: Açúcar

Elementos que compõem a imagem: Ilustração de um pé de cana-de-açúcar no meio de uma forma orgânica.



Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N.º **046**

Nome do arquivo digital: Originais_LJ_FUNDAJ_IMG07

Acervo: Coleção Luís Jardim - CEHIBRA | FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preta

Assinatura do artista: Ausente

Tipologia/Tema: Açúcar

Elementos que compõem a imagem: Ilustração de um pé de cana-de-açúcar no meio de uma forma orgânica.

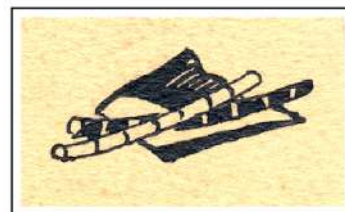


Imagem de Referência

FICHA DE ANÁLISE BRASIL AÇUCAREIRO LUÍS JARDIM

IDENTIFICAÇÃO

Ficha N.º **047**

Nome do arquivo digital: Originais_LJ_FUNDAJ_IMG08

Acervo: Coleção Luís Jardim - CEHIBRA | FUNDAJ

Tipo: Ilustração

Técnica de produção: Bico de pena

Cor: Preta

Assinatura do artista: Ausente

Tipologia/Tema: Vegetação

Elementos que compõem a imagem: Ilustração de um pé de cana-de-açúcar



Imagem de Referência